

ENTRE ● ANDAR E O PERMANECER

DESENHANDO COM
A PAISAGEM DE
DOIS UNIDOS

Thayná Moraes Moura

Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Artes e Comunicação

Curso de Arquitetura e Urbanismo

**ENTRE O ANDAR E O PERMANECER:
Desenhando com a paisagem de Dois Uni-
dos**

ORIENTANDA: Thayná Moraes Moura

ORIENTADORA: Prof.: Dr^a. Adriana Carla
de Azevedo Borba

RECIFE/PE

AGOSTO – 2025

ORIENTANDA: Thayná Moraes Moura

**ENTRE O ANDAR E O PERMANECER:
Desenhando com a paisagem de Dois Uni-
dos**

Trabalho de Curso apresentado ao
Departamento de Arquitetura e Urbanismo,
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Bacharel em Arquite-
tura e Urbanismo da Universidade Federal
de Pernambuco.

RECIFE/PE

AGOSTO – 2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Moura, Thayná Moraes.

ENTRE O ANDAR E O PERMANECER: Desenhando com a paisagem de
Dois Unidos / Thayná Moraes Moura. - Recife, 2025.
118 p... : il.

Orientador(a): Adriana Carla de Azevedo Borba

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -
Bacharelado, 2025.

Inclui referências, apêndices.

1. Espaço Público. 2. Campo de Pelada. 3. Intervenção Urbana. 4. Intervenção
Paisagística. 5. Áreas de morro. I. Borba, Adriana Carla de Azevedo. (Orientação).
II. Título.

720 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Michele e meu pai Marcos, por garantirem toda a minha existência até aqui. Obrigada por tanto amor;

A Vó Carminha e Vô Abelardo, nós nunca precisamos do mesmo sangue nas veias para que nosso coração batesse em sintonia. A Vó Vera e Vô Gilberto, por serem a base da nossa tão amada "trololândia";

A tia Milena e tio Carlito, por serem tão presentes na minha vida, me fazendo ser quem sou e por me darem Matheus e Malu;

A meu irmão Igor, por me ensinar tudo de bom que sei, e por ser meu conselheiro em tantos momentos. Agradeço a Nanda, por expandir nossa família de um jeito tão amoroso;

A Gui, por me fazer acreditar, diariamente, no amor. As coisas são mais bonitas quando você está;

A Lu, por todo cuidado comigo. Metade do amor que tenho veio de você;

Aos amigos feitos ao longo do curso, por tornarem a rotina mais leve. Em especial Janine, Jéssica, Thaissa, Renata, Will, Marconde e Gabi. Vocês fizeram os últimos anos serem especiais. Para além do curso, agradeço aos meus amigos de vida, que me brilham o meu dia a dia;

Ao corpo docente do DAU, que sensibilizou meu olhar para a cidade. Em especial a minha orientadora Adriana, que me recebeu de braços abertos. Muito obrigada por ter me guiado e incentivado com tanto cuidado e sabedoria, seu afeto foi força motriz durante o processo deste trabalho;

A minha cunhada Mayara e minha amiga Marina por me ajudarem a tornar possível a existência deste trabalho. O auxílio de vocês foi essencial;

Ao pessoal da Colmeia, pela compreensão, conselhos e por tanto aprendizado. Best place to work;

A todos que vibram por mim e me fazem sentir tão amada.

Obrigada!

**“QUANDO ESTOU NA
PRESENÇA DE UMA
PAISAGEM, NÃO ESTOU,
NA REALIDADE, DIANTE
DELA. HÁ, ATRÁS DE
MIM, EM VOLTA DE MIM,
A PRESENÇA DE TODOS
OS HORIZONTES”**

Maldiney, 1995

RESUMO

A pesquisa desenvolvida tem como objetivo elaborar o estudo preliminar de um projeto urbano-paisagístico em um recorte no bairro de Dois Unidos, localizado nos morros da Zona Norte do Recife, tendo como ponto focal o Campo do Barreirão. A proposta surge da necessidade de reverter o cenário de carência de espaços livres públicos vegetados e de qualidade nas regiões periféricas da cidade, promovendo melhorias na habitabilidade do lugar. O trabalho parte da compreensão do espaço livre como infraestrutura urbana e social, considerando as potencialidades locais como ponto de partida para a intervenção projetual. As etapas de trabalho envolvem levantamento bibliográfico, análise de campo, leitura sensível do território e levantamento de condicionantes urbanísticos, legais, ambientais e socioculturais. Os fundamentos teóricos se baseiam nas contribuições de Jean-Marc Besse, Eduardo Yázigi, Gordon Cullen e Raquel Tardin, que orientam a leitura e o desenho da paisagem como instrumento de transformação do território. O projeto propõe, assim, a requalificação das bordas do campo de pelada, de uma escadaria e de uma rua lindeira ao campo, potencializando o verde, valorizando os espaços de encontro e os costumes locais. A pesquisa permite enxergar novos horizontes para as áreas de topografia acidentada, onde o espaço livre público se faz presente também nos altos da cidade.

Palavras-chave: Espaço Público; Campo de Pelada; Intervenção Urbana; Intervenção Paisagística; Áreas de morro.

Número de páginas: 118.

ABSTRACT

This research aims to develop a preliminary study for an urban-landscape project in a selected area of the Dois Unidos neighborhood, located in the hillside regions of Recife's Northern Zone, focusing on the *Campo do Barreirão*. The proposal responds to the lack of high-quality, green public open spaces in the city's peripheral areas, seeking to enhance local habitability. The study approaches open space as a form of urban and social infrastructure, using the site's inherent potential as a starting point for design intervention. Methodological steps include bibliographic research, field analysis, a sensitive reading of the territory, and the identification of urban, legal, environmental, and sociocultural constraints. The theoretical framework is grounded in the contributions of Jean-Marc Besse, Eduardo Yázigi, Gordon Cullen, and Raquel Tardin, who guide the interpretation and design of the landscape as a tool for transforming urban territories. The project proposes the requalification of the soccer field's surrounding edges, a staircase, and an adjacent street, aiming to restore vegetation, strengthen public spaces, and value local customs. This research sheds light on new perspectives for areas with rugged topography, where public open spaces also emerge at the city's highest points.

Keywords: Public Space; Informal Soccer Field; Urban Intervention; Landscape Intervention; Hillside Areas.

Número de páginas: 118.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dois Unidos	15
Figura 2 - Lonas de plástico	17
Figura 3 - Campo do Barreirão: onde pulsa o lugar	19
Figura 4 - A cidade Maurícia de 1644	31
Figura 5 - Mocambos em áreas alagadas no Recife	33
Figura 6 - Ocupação nos morros, século XX	34
Figura 7 - Localização do bairro de Dois Unidos, no Recife, e do recorte de intervenção	36
Figura 8 - Rio Beberibe antes do processo de poluição, com pessoas usufruindo-o	38
Figura 9 - Características socioterritoriais do bairro de Dois Unidos	39
Figura 10 - Mata de Dois Unidos	40
Figura 11 - Terreiro de Mãe Amara	41
Figura 12 - Campo do Barreirão e seu entorno	42
Figura 13 - Contenção de encostas no Recife	43
Figura 14 - O anseio pela presença da natureza se revela nos jarros criados pela comunidade	44
Figura 15 - O desejo pelo lazer: ruas transformadas em quadras	45
Figura 16 - Muro de arrimo no recorte de intervenção projetual	46
Figura 17 - Implantação do Parque	48
Figura 18 - Desníveis ressaltados no projeto	49
Figura 19 - Desenho e materialidade do piso	50
Figura 20 - Implantação do Parque	51
Figura 21 - Terraços a partir dos desníveis fisiográficos	52
Figura 22 - Terraços com Tezontle	53
Figura 23 - Implantação da praça	54

Figura 24 - Vista aérea da praça, mostrando sua relação com as vias que a con-	55
tornam	56
Figura 25 - Muro de contenção ativo	59
Figura 26 - Mapa Topográfico	60
Figura 27 - Maquete Topográfica	61
Figura 28 - Mapa de Áreas Verdes	62
Figura 29 - Encosta em processo de erosão e campo de pelada no seu sopé	63
Figura 30 - Mapa de Vias e Fluxos	64
Figura 31 - Rua Francisco Paulo dos Santos vista do seu ponto mais alto	65
Figura 32 - Mapa de Equipamentos de Destaque	67
Figura 33 - Ruas de morro nas condições existentes	68
Figura 34 - Ruas de morro nas condições recomendadas	69
Figura 35 - Escadarias nas condições existentes	69
Figura 36 - Escadarias nas condições existentes	71
Figura 37 - Dimensionamento de alegretes em vias de 1,50m	72
Figura 38 - Mapa de Zoneamento do Plano Diretor 2020	74
Figura 39 - A paisagem revelada do lugar	77
Figura 40 - Mapa de Cheios e Vazios	79
Figura 41 - Mapa de Uso e Ocupação do Solo	80
Figura 42 - Mapa Síntese	82
Figura 43 - Elementos direcionadores de intervenção	84
Figura 44 - Mapa de Diretrizes	86
Figura 45 - A predominância do cinza diante do verde	87
Figura 46 - Fotomontagem do conceito	88
Figura 47 - Diagrama de Zoneamento da intervenção	89
Figura 48 - Diagrama de Zoneamento da Praça do Barreirão	90
Figura 49 - 3D Isométrica da Praça do Barreirão	91
Figura 50 - Situação atual: desconexão dos espaços e ameaça ao campo, in-	91
fluenciado de fora para dentro	92
Figura 51 - Demarcar e acrescentar: realocação de edificações	92
Figura 52 - Potencializar portais e readequar o campo	93
Figura 53 - Conectar: requalificar caminhos existentes e criar novos	93
Figura 54 - Delimitação das chicanas e dos espaços de estar e lazer	93

Figura 55 - Inserção dos canteiros e dos taludes com solo natural	93
Figura 56 - Ativar: criação de espaços comerciais e inserção de mobiliário	94
Figura 57 - Enlaçar: o Campo, enlaçado pelo entorno, influencia o espaço de dentro para fora	94
Figura 58 - Diferentes apropriações do espaço multiuso	96
Figura 59 - Planta de Implantação Geral	97
Figura 60 - Acesso principal Praça do Barreirão	98
Figura 61 - Integração do Playground	98
Figura 62 - Campo do Barreirão	99
Figura 63 - Acesso Praça do Barreirão	99
Figura 63 - Área de picnic	99
Figura 65 - Vista do Espaço Multiuso	100
Figura 64 - Integração Campo do Barreirão	100
Figura 66 - Comércio	101
Figura 67 - Integração dos espaços da praça	101
Figura 68 - Vista do espaço de academia e picnic	102
Figura 69 - Espaço Multiuso ocupado por feira	102
Figura 70 - Escada para Espaço Multiuso	103
Figura 71 - Playground	103
Figura 72 - Acesso para a Praça do Barreirão	103
Figura 73 - Chicana da Rua Francisco Paulo dos Santos	104
Figura 74 - Rua Francisco Paulo dos Santos	105
Figura 75 - Integração da Praça com a rua	105
Figura 76 - Integração da Praça com a rua	106
Figura 77 - Platô 2	106
Figura 78 - Platô 1	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 O MORRO COMO HORIZONTE NA PAISAGEM CONTEMPORÂNEA	22
1.1 A PAISAGEM COMO PROJETO	23
1.2 A APREENSÃO DO LUGAR	25
1.3 NO ESPAÇO LIVRE PÚBLICO, O PULSO DO TERRITÓRIO	27
2 VISLUMBRANDO O TERRITÓRIO	30
2.1 DA CIDADE BAIXA PARA A CIDADE ALTA	31
2.2 LÓCUS DO PROJETO: A FORMAÇÃO DO BAIRRO DE DOIS UNIDOS	36
2.3 O MORRO COMO TERRITÓRIO: DESAFIOS ATUAIS	43
3 REFERÊNCIAS PROJETUAIS	47
3.1 PARQUE MANUEL RODRÍGUEZ CURACAUTÍN, JAIME ALARCÓN FUENTES / IMPULSO ARQUITECTOS - CURACAUTIN, CHILE, 2022	48
3.2 PARQUE BICENTENÁRIO ECATEPEC, TALLER CAPITAL - ECATEPEC, MÉXICO, 2023	51
3.3 PRAÇA CRIANÇA NA RUA, PREFEITURA DO RECIFE - RECIFE, PE, 2024	54
4 CONDICIONANTES DO PROJETO	58
4.1 FATORES FISIográficos	58
4.1.1 TOPOGRAFIA	59
4.1.2 VEGETAÇÃO	61
4.2 VIAS E FLUXOS	63
4.3 EQUIPAMENTOS DO ENTORNO	65
4.4 CONDICIONANTES URBANÍSTICAS/ LEGISLATIVAS	66
4.4.1 MANUAL DE DESENHO DE RUAS DO RECIFE, 2023	66
4.4.2 MANUAL DE ARBORIZAÇÃO URBANA DA CIDADE DO RECIFE, 2013	70
4.4.3 PLANO DIRETOR DO RECIFE, 2020	72
4.5 A PAISAGEM DO LUGAR	73
4.6 CHEIOS E VAZIOS	76
4.7 USO E OCUPAÇÃO DO SOLO	78
4.8 MAPA SÍNTESE	80
4.9 MAPA DE DIRETRIZES	82
5 A PROPOSTA	85
5.1 CONCEITO	86
5.2 PROGRAMA E ZONEAMENTO	88
5.3 CONCEPÇÃO PROJETUAL	91
5.4 PERSPECTIVAS	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICE	113



Figura 1 - Dois Unidos

Fonte: Adaptado pela autora a partir do Google Earth Pro, 2024.

INTRODUÇÃO

“Toda paisagem é cultural, não essencialmente por ser vista por uma cultura, mas essencialmente por ter sido produzida dentro de um conjunto de práticas (econômicas, políticas, sociais), e segundo valores que, de certa forma, ela simboliza” (Besse, 2014, p. 30). As paisagens de cada cidade refletem a organização daqueles que a ocupam, moldando o espaço urbano e dando sentido aos lugares. É diante dos processos ocorridos ao longo da história e das conjecturas de cada época que os assentamentos urbanos foram sendo construídos e direcionados.

Na cidade do Recife, desde o início de sua colonização, a ocupação do espaço se deu sob influência do espectro socioeconômico, no qual os que detinham mais poder determinavam a forma como o território seria distribuído. Esse processo se reverbera ao longo dos anos - chegando aos dias atuais - e, na

década de 1930, a Liga Social Contra os Mocambos¹ tem nos ideais higienistas um meio de reordenar as ocupações, guiados por interesses político-sociais.

Em uma cidade que havia passado por uma intensa expansão devido à industrialização, o desordenado crescimento populacional derivou na existência de 45.581 mocambos no ano de 1938, representando 165 mil moradores (Comissão Censitária dos Mocambos. Gráfica do Jornal Folha da Manhã, 1939 apud Leite, 2010, p. 3), sendo essa população o principal foco da Liga. Sua atuação resultou em uma expulsão em massa de habitantes que, sem alternati-

¹ A Liga Social Contra o Mocambo foi uma associação criada em Recife, em 1939, pelo então governador Agamenon Magalhães, com o objetivo de erradicar os mocambos e incentivar a construção de casas populares. Disponível em: https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270423029_ARQUIVO_RECIFEDOSMOR-ROSECORREGOS.05012010.pdf. Acesso em: 15 ago. 2024.

vas de moradia, passaram a ocupar as até então desocupadas regiões de topografia acidentada. Habitados às dinâmicas dos alagados da planície, a parte alta da cidade se mostrou saturada com os costumes trazidos pelos novos ocupantes, resultando nos primeiros acidentes por deslizamentos de barreiras.

Reverberando até os dias atuais, o processo de expulsão dos “mocambeiros” resultou em ocupações predominantemente orgânicas e irregulares nas áreas de morro, com disputas por espaço diante do adensamento populacional, em que cada vazio territorial tem potencial para ser ocupado. Diante dessa dinâmica e considerando que 35% dos recifenses ocupam, hoje, os altos², os órgãos públicos assumem a postura de garantir a permanência segura desses habitantes em seus territórios, muitas vezes não considerando aspectos condicionantes da qualidade de habitabilidade, como o espaço público, a infraestrutura básica e a vegetação, utilizando-se de artifícios paliativos para problemas grandiosos (Figura 2).



Figura 2 - Lonas de plástico

Fonte: Autoral, 2025.

² Cerca 206 mil pessoas vivem em condições vulneráveis nos morros de Recife. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/05/29/recife-soma-206-mil-pessoas-vivendo-em-21-areas-de-alto-risco-diz-defesa-civil-saiba-quais-sao/>. Acesso em: 14 de jul de 2025.

Devido à essa priorização, os morros enfrentam a carência, dentre tantas coisas, do lazer, que se concentram principalmente nas áreas mais nobres do Recife, induzindo os moradores dos altos à descerem para ter acesso aos parques. Segundo a jornalista Katarina Moraes, do Jornal do Comércio (2023), a maior parte dos frequentadores dos maiores parques da cidade moram a mais de 1,6 mil metros deles, fazendo com que quem não vive nas proximidades precise percorrer longas distâncias para ter acesso. Porém, apesar da carência por esses espaços, as populações marginalizadas encontram seus métodos para experienciar o lazer, confraternizar e conviver em sociedade, como exemplo dos campos de pelada. Caracterizados por serem grandes espaços vazios, em terra batida, com regras definidas pelos próprios usuários, o futebol de várzea simboliza resistência e apropriação do espaço público (Queiroz, 2025). Na cidade do Recife há mais de 100 campos de pelada identificados pela Prefeitura, que servem não somente para a prática do futebol, mas também para confraternizações e encontros, fortalecendo os costumes locais.

Esse cenário desperta o interesse de se imaginar a inversão desse panorama, experimentando não apenas como uma solução urbano-paisagística poderia subverter a carência vegetal e dos espaços livres públicos, estimulando soluções urbanísticas que potencializem melhorias na habitabilidade. Além disso, parte-se da compreensão do espaço livre público enquanto transformador da dinâmica social e territorial, que se soma à representatividade dos campos de pelada para as comunidades brasileiras, fortalecendo laços, vivências sociais e encontros.

Como locus da abordagem temática, foi escolhido um recorte urbano no bairro de Dois Unidos, na Zona Norte recifense. Sua ocupação é registrada desde a década de 1940 (Alencar, 2018) e, atualmente, o Plano de Ordenamento Territorial da Prefeitura do Recife (2018) o identifica como um local de risco médio a muito alto no que tange aos desastres ambientais. Inserido no recorte de análise, há a presença do Campo do Barreirão, espaço público de usufruto da população e elemento condutor do desenvolvimento projetual deste trabalho.



CAMPO DO BARREIRÃO
o lugar pulsante do bairro

Figura 3 - Campo do Barreirão: onde pulsa o lugar

Fonte: Autoral, 2024.

Partindo disso, tem-se como objetivo geral desenvolver o estudo preliminar de um projeto urbano-paisagístico em um espaço livre público e seu entorno, no bairro de Dois Unidos, em Recife, visando preservar a permanência de espaços de encontro e sociabilidade em comunidades de morro, além de assegurar os costumes locais, como o futebol de várzea, e garantir o acesso democrático a esses lugares. Como objetivos específicos, compreende-se:

- melhorar a integração e conectividade da fração urbana estudada a partir de aberturas e conexões de fluxos atualmente interrompidos;
- elaborar espaços de convivência com áreas verdes qualificadas nas áreas de morro, garantindo o usufruto democrático do espaço urbano;
- apontar diretrizes projetuais para as encostas e habitações de interesse social pontuadas na fração urbana.

Já no que tange às etapas de trabalho adotadas, a pesquisa foi sistematizada nas seguintes fases:

- aprofundar os conceitos de paisagem como ferramentas que auxiliem na construção do projeto a ser desenvolvido;
- compreender a influência do espaço público no espaço urbano;
- estudo de projetos de referência nacional e internacional;
- analisar as condições históricas, sociais, fisio-geográficas, urbanas e legais, visando caracterizar o recorte de estudo através de mapas;
- sintetizar as análises do território, no intuito de definir as diretrizes projetuais;
- construção do conceito norteador do projeto e definição do zoneamento projetual;
- concepção do projeto a partir do construído anteriormente.

A primeira etapa é constituída do aprofundamento bibliográfico, que permitiu entender a paisagem como conceito e como este conceito pôde ser aplicado no projeto de paisagem; Já a segunda etapa consiste em entender os espaços livres públicos enquanto reestruturadores do território e potencializadores da qualidade da habitabilidade, fortalecendo o sentimento de pertencimento dos ocupantes. A terceira etapa, por fim, é constituída da identificação e compreensão do processo de urbanização da cidade do Recife, que gerou a ocupação e o adensamento dos morros, e quais consequências reverberam até os dias atuais.

Por fim, o trabalho se estrutura em 5 capítulos, que se dividem como uma linha do tempo até chegar no produto final, que é a proposta urbano-paisagística. No primeiro capítulo, há o aprofundamento no referencial teórico, indo desde Jean-Marc Besse para compreender a paisagem enquanto projeto, perpassando por Eduardo Yázigi e Gordon Cullen, que torna prática a caracterização da paisagem e, por fim, chegando em Raquel Tardín, que destaca a potencialidade dos espaços livres públicos. Já no segundo capítulo, há o aprofundamento na ocupação territorial da cidade do Recife e do bairro objeto de estudos, no intuito de compreender as mazelas refletidas nos dias atuais, a partir desses processos nas regiões de topografia acidentada. No terceiro capítulo, o aprofundamento em referências projetuais nacionais e internacionais que trabalham com as curvas de nível como força projetual se unem ao construído até aqui, permitindo enxergar novas formas de se intervir nesse contexto. O quarto capítulo é voltado para os condicionantes projetuais, indo desde a caracterização do lócus projetual a partir de diagnósticos em mapas e visão serial, até condicionantes legais, como zoneamento e manuais. Isso permite chegar no Mapa Síntese, que guia

o capítulo 5, voltado para a proposta projetual. O capítulo é construído conforme o processo projetual: iniciado com as diretrizes projetuais, que permitem chegar ao conceito norteador das etapas seguintes. Após isso, é construído o programa de necessidades e zoneamento, resultando, então, na proposta final.

O estudo preliminar desenvolvido neste trabalho, que engloba o Campo do Barreirão e seu entorno, busca representar novos caminhos para se pensar o espaço livre público em áreas marginalizadas, transformando fraquezas em oportunidades. É a partir dos costumes locais, como o futebol de várzea, que a base do planejamento urbanístico e arquitetônico deve surgir.

1 O MORRO COMO HORIZONTE NA PAISAGEM CONTEMPORÂNEA

A apreensão do lugar a se intervir é de suma importância na construção do Projeto de Arquitetura da Paisagem. Para isso, trazer à luz os conceitos teóricos por trás da paisagem se mostra um caminho necessário para se chegar à paisagem como projeto. Para a construção desse percurso, que sai da paisagem enquanto conceito e chega na paisagem enquanto projeto, utilizou-se o autor Jean-Marc Besse (2014) e sua ideia das "Cinco Portas da Paisagem", entendendo a paisagem enquanto representação, e indo até a paisagem enquanto projeto. São nos "portais" urbanos, espontâneos ou planejados, que a paisagem se permite ser adentrada e experienciada, e o texto de Besse (2014) sensibiliza o olhar para essas aberturas a serem atravessadas.

Soma-se a Besse os métodos trazidos por Yázigli et al. (1999), que permite qualificar e caracterizar a paisagem a partir de critérios e, em conjunto com a visão serial de Gordon Cullen (1983), revela a paisagem do lugar e seus atributos. Por fim, Raquel Tardin (2008) explicita a importância dos espaços públicos enquanto definidores da ocupação do território, sendo o pulso para as relações sociais e dinâmicas urbanas ocorrerem. Para Tardin (2008), as oportunidades que o espaço livre traz para o território podem ser refletidas em ações projetuais, que serão trazidas nas diretrizes projetuais do presente trabalho.

1.1 A PAISAGEM COMO PROJETO

De acordo com Jean-Marc Besse (2014), a conceituação da paisagem se dá de diferentes formas dada a sua amplitude, e compreendê-las é imprescindível quando se pensa em projetar com a paisagem. Besse, em seu livro "O gosto do mundo: exercícios de paisagem" (2014), aborda a ideia das "Cinco Portas da Paisagem", em que distribui a paisagem a partir de lentes, pelas quais ela pode ser experienciada e adentrada. Esses portais permitem que a paisagem que o indivíduo atravessa seja a mesma que atravessa o indivíduo, articulando e conectando ambos - indivíduo e paisagem - e promovendo uma troca mútua e entrelaçada.

A primeira porta considera a paisagem enquanto representação cultural e social, seja ela individual ou coletiva. Para Besse, antes de ser representada e consequentemente vista, a paisagem é pensada e falada (Besse, 2014), sendo assim, uma expressão humana. Cabe destacar, ainda, que por existirem diferentes culturas, "cada paisagem tem sua própria linguagem" (Roger, 1997 apud Besse, 2014, p. 22), sendo um reflexo direto da sociedade.

A segunda porta trata a paisagem enquanto território fabricado e habitado por uma sociedade, levando em conta sua parte material e espacial. Segundo o autor, "[...] a paisagem pode ser definida como um território produzido e praticado pelas sociedades humanas, por motivos que são, ao mesmo tempo, econômicos, políticos e culturais" (Besse, 2014, p. 27), caracterizando-se como marcas na superfície da Terra feitas de forma organizada ou, em outras palavras, "[...] a paisagem como uma produção cultural [...] encarnada em práticas" (Besse, 2014, p. 29).

Enquanto espaço social, a paisagem, conforme Besse, deve ser lida a partir da forma como o espaço foi organizado por uma comunidade. É a partir de tal organização que continuidades, interrupções, fluxos e formas retratam o espírito de um lugar, caracterizado por aqueles que ocupam determinado espaço, e que dão sentido ao projeto de paisagem. Seguindo tal raciocínio, Besse diz que

[...] entre todas as razões que se pode ter para preservar um fragmento de paisagem, a razão estética é certamente a mais pobre. Temos que achar novos critérios para avaliar as paisagens, existentes ou futuras. Para tanto, é preciso abandonar o ponto de vista do espectador e se questionar sobre o interesse que o ser humano teria de viver nessas paisagens (Besse, 2014, p. 36).

Atravessando para a terceira porta, a paisagem é tida como o meio ambiente material e vivo das sociedades. É diante da complexidade entre “o natural” e “o antropológico” que a paisagem se mostra uma totalidade dinâmica com temporalidade própria (Besse, 2014). A dialética entre o estável e o renovável da paisagem exercem influência, portanto, para além do seu funcionamento, direcionando eixos para a futura forma do espaço e se mostrando viva na sociedade.

A quarta porta retrata a paisagem enquanto experiência sobre estar no mundo e ser atravessado por ele. Sobre a influência da paisagem, entende-se que “[...] as paisagens não são apenas ‘vistas’, mas sim encontros pessoais. Não são apenas enxergadas, mas sim experimentadas com todos os sentidos” (Bender, 2002 apud Besse, 2014, p. 46), ou seja, a paisagem toca e transforma a realidade humana. Para Besse, a paisagem não pode ser limitada a partir do palpável, mas se caracterizando também como horizonte, que é uma “potência de transbordamento do ser que se apresenta na paisagem” (Besse, 2014, p. 50), sendo a parte invisível que reside no visível, a eterna continuidade do espaço.

Por fim, a última porta é a porta da paisagem enquanto projeto, que perpassa por todas as portas anteriormente apresentadas e as correlaciona. Para modificar o espaço, Besse destaca que devem ser considerados o solo, o território e o meio vivo, ou seja, é o projeto tendo no próprio local o programa da intervenção - e não o contrário. É a compreensão de que o espaço - a paisagem - não é uma página em branco; aqui, o solo não representa apenas uma superfície plana, mas traz suas marcas, pegadas, dobras e resistências como guias para ações, ou, nas palavras do autor: “os locais tem memória, por assim dizer” (Besse, 2014, p. 58).

Para entender um território, é necessário olhar para o espaço urbano e considerar suas complexidades, visando o encontro entre a cidade, a cultura e a natureza. Para Besse (2014, p. 59) “a cidade é, hoje, um meio natural híbrido”, e os paisagistas atuam nessa hibridização através do exato encontro dela - seja no material e no imaterial, edificado e não edificado, o “dentro” e o “fora”. É por conta disso que o paisagista deve projetar a paisagem de forma a recosturar sua dualidade, tecendo esse encontro, e tendo no meio vivo - unificando todas as portas - o seu Norte. Besse conclui, então, que o projeto de paisagem é descortinar o que já existe, ou seja, “(...) trata-se de fabricar, elaborar o que já está presente e que não se vê. Devemos construir para ver o que está aí, para descobrir o que está aí, devemos traçar para saber o que queremos e o que queremos desenhar” (Besse, 2014, p. 61).

O autor ressalta a importância de encontrar no lugar o direcionamento do caminho projetual, recebendo influências dos atributos - materiais e imateriais -, das dinâmicas sociais, da história do lugar, da ocupação e forma da malha urbana, e do que se sobressai no território de intervenção. As portas, trazidas aqui por Besse, são os portais do local de intervenção, que surgem de maneira física ou imaginária, mas que convidam as pessoas a atravessarem e se conectarem com a paisagem do lugar e, no caso dos projetistas, de extrair dessa conexão as respostas para o projeto.

1.2 A APREENSÃO DO LUGAR

Jean-Marc Besse (2014) aborda a paisagem e seus portais de forma simbólica, trazendo direcionamentos para os projetistas ao intervirem na paisagem de um lugar. Somando-se a ele, Eduardo Yázigi, Ana Carlos e Rita Cruz (1999) desenvolvem a análise da paisagem a partir de indicadores, caracterizando os componentes e propriedades visuais dela. Ao unir ambos os referenciais, é possível, a partir da teoria, caracterizar metodologicamente a paisagem do lugar, para, então, chegar nas diretrizes projetuais, que são guiadas pela síntese da materialidade encontrada no território.

Para os autores, embora sabendo que a percepção humana pode ser subjetiva ao analisar a paisagem, a expressão espacial e visual do meio permite descrever em termos objetivos, com base em um juízo de valor profissional, as qualidades e fragilidades visuais (Yázigi et al., 1999). Ou seja, apesar da subjetividade da paisagem, que muitas vezes se encaixa na esfera da percepção de cada um, carregada de bagagens individuais, é possível, com um olhar mais profissional, e imbuído de categorias de análise, caracterizar as potências e necessidades territoriais, permitindo compreender a paisagem do lugar e as proposições que deverão surgir no processo projetual.

Abordando sobre a percepção da paisagem, os autores destacam que os ele-

mentos básicos considerados são “a paisagem, composta de formas naturais e humanizadas; a visibilidade, zona física de visão entre o observador e a paisagem; o observador; a interpretação, análise realizada pelo observador sobre o conteúdo e o significado da cena” (Bombin, 1987, apud Yázigi, Carlos e Cruz, 1999, p. 163). Ademais, sobre o universo metodológico são possíveis três métodos de análise da paisagem: diretos, indiretos ou mistos. O presente trabalho se utiliza do método direto, que consiste na “contemplação da totalidade de paisagem, seja no campo ou através do uso de fotografias” (Ignácio et al., 1984, apud Yázigi, Carlos e Cruz, 1999, p. 165).

Esse método se encontra com o proposto por Gordon Cullen, em seu livro “Paisagem Urbana” (1983), quando traz três aspectos para se apreender a paisagem: a localização, que diz respeito à posição do indivíduo no espaço; o conteúdo, que se relaciona com cores, escalas etc.; e a ideia da visão serial (Cullen, 1983, apud Adam, 2008). A visão serial parte da compreensão de que a percepção do ambiente urbano é uma sequência de cenas visuais, que vão se revelando à medida em que se move pelo espaço, promovendo interação entre o humano e o ambiente urbano, “aguçando e despertando a percepção e consciência à paisagem pelo ato de atenção ao espaço urbano e às próprias emoções” (Adam, 2008, p. 66).

A lógica proposta por Gordon Cullen (1983) serve de suporte para que, a partir da visão serial e das paisagens reveladas - que podem ser elaboradas através de fotografias ou croquis -, uma síntese do espaço urbano seja desenvolvida. Essa compreensão, então, junta-se ao que propõe Yázigi et al. (1999), evidenciando a possibilidade de se apreender o território através de fotografias e visitas em campo, permitindo que a paisagem do lugar, surgida a partir das “portas” do território, se revele, sintetizando o existente e permitindo que o novo surja a partir das forças, fraquezas, características e atributos locais.

No desenvolvimento do presente trabalho, utilizou-se a visão serial através de fotografias tiradas em campo, em visita realizada no dia 14 de dezembro de 2024, em um percurso no território de intervenção e seus arredores, visando caracterizar a paisagem, compreender os contrastes e ritmos do espaço urbano e permitir a surpresa com os elementos do lugar. As fotografias revelaram forças, fraquezas, oportunidades e potencialidades, além de mostrarem como a população se relaciona com o espaço de intervenção, e como o corpo se envolve dentro do lugar.

1.3 NO ESPAÇO LIVRE PÚBLICO, O PULSO DO TERRITÓRIO

Entendendo os espaços livres como agentes ativos do projeto territorial, Raquel Tardin traz em seu livro “Espaços Livres: Sistema e Projeto Territorial” a importância de compreender os espaços livres como ferramentas potenciais para a reestruturação da malha urbana, capaz de ordenar sua ocupação. Para além disso, Tardin define os espaços livres como importantes componentes da estrutura do território, sendo um “lugar da estrutura física em si mesma, das relações socioculturais que estabelecem as pessoas que os habitam, da composição e do funcionamento dos ecossistemas existentes” (Tardin, 2008, p. 43), evidenciando-o como um elemento que potencializa não somente atributos materiais do território, mas também aquilo que é imaterial.

Para a autora, os espaços livres possuem a capacidade de conformar um sistema, devendo permanecer livres e, ao mesmo tempo, sendo elementos estratégicos do projeto territorial (Tardin, 2008). Ela destaca que

O sistema espacial ao qual se refere este livro é o representado por um conjunto de elementos de distintas escalas, susceptíveis de estabelecer relações de distintas naturezas, abertas e intrincadas entre si e com seu entorno, sob influências mútuas e em relativa autonomia. Isto é, relações que recebem e emitem influências desde seu interior para seu exterior, e vice-versa (Tardin, 2008, p. 46)

É diante da ideia do sistema de espaços livres que a autora discorre sobre a intenção de integração entre esses espaços e seu entorno, o que pode proporcionar diretrizes para a ordenação do próprio sistema e para a ocupação urbana (Tardin, 2008), melhorando a qualidade espacial e transformando esses “vazios” em espaços cheios de significados para aqueles que o ocupam, servindo de ferramentas reestruturadoras do território que se inserem. Sobre esse sistema, a autora destaca a importância da prévia observação dos atributos dos espaços livres, da situação desses espaços em relação ao seu entorno e das condições necessárias para que esse espaço se relacione espacialmente e funcionalmente com o sistema proposto (Tardin, 2008). Então, ela traz verbos que norteiam as ações projetuais, de modo que a atuação no espaço livre e no seu entorno seja eficiente, e se articule com o sistema, sendo alguns deles: **acrescentar, demarcar, conectar e enlaçar** (Tardin, 2008).

Os espaços a serem **acrescentados** são entendidos como “[...] espaços de sinergia entre as realidades naturais mais preservadas e as ocupações urbanas do entorno, seja como espaços de controle de tais ocupações” (Tardin, 2008, p. 206), ou seja, são lugares em que o objetivo é manter o natural diante do humanizado, dando continuidade às características biofísicas. Os espaços a serem **demarcados** são espaços que necessitam de limites onde não há limites estabelecidos, visando a proteção desses locais diante da ocupação, preservando os atributos perceptivos. Já no que diz respeito à ação de **conectar**, ela “representa a possibilidade de unir, em termos biofísicos e perceptivos, espaços já protegidos e acrescentados aos espaços a demarcar, através de uma superfície contínua” (Tardin, 2008, p. 210), sendo eixos importantes e centrais. Sobre **enlaçar**, a ação busca atuar em espaços livres que “se encontram em superfícies descontínuas devido à presença de algum elemento de interrupção [...], que pudessem ser desfrutadas para o lazer, através da criação de caminhos com um entorno aprazível” (Tardin, 2008, p. 220), ou seja, é a ideia de consolidar o local como potencial urbano-paisagístico, sendo um ponto de encontro e de vivência das dinâmicas sociais.

Acrescentando-se ao construído por Raquel Tardin (2008), Sá Carneiro e Mesquita (2000) definem que os espaços livres podem ser definidos como áreas com funções de circulação, recreação, composição paisagística e equilíbrio ambiental, podendo ou não conter vegetação. Alguns dos tipos de espaços livres são: parques, praças, quadras polivalentes, campos de pelada, entre outros (Carneiro; Sá, 2000, p. 28). Esses espaços, inseridos no meio urbano, servem de ponto de encontro e convívio, fortalecendo indiretamente laços e o senso de comunidade daqueles que o ocupam, e, quando cuidadosamente projetados, tornam possível sustentar os processos que reforçam a vida urbana (Gehl, 2013, p. 77). Para Tardin (2008),

[...] o espaço livre é um espaço de oportunidade para as intervenções no território, de acordo com o reconhecimento das potencialidades que oferece e com o desenvolvimento integral de seus atributos para uma melhor qualidade urbana, onde o equilíbrio entre as necessidades coletivas e os recursos, através da manifestação ordenada da urbe, significaria a possibilidade de habitar, viver e projetar, de acordo com as necessidades de cada trecho do território e de suas comunidades (Tardin, 2008, p. 55)

Dentre os tipos de espaços livres públicos supracitados, destaca-se, para efeito deste trabalho, o campo de pelada. Os campos de pelada são “pontos de encontro onde a população costuma se reunir para jogar e conversar” (Sá Carneiro; Mesquita,

2000, p. 21) e onde o futebol é praticado de maneira despretensiosa, em que as regras formais do esporte são adaptadas ao contexto social local (DaMatta, 1997). Surgem da apropriação de espaços desocupados em regiões extremamente ocupadas, sendo um "oásis" dentro do entorno adensado, e tem como principal característica a terra batida.

No país do futebol, os campos de pelada promovem o desenvolvimento de habilidades interpessoais e culturais, indo além do desenvolvimento físico (Willis, 1977), tornando a experiência um processo de construção da cidadania e valores. Sá Carneiro e Mesquita (2000) apontam como a dinâmica urbana evidencia espaços livres criados pela população, principalmente em áreas marginalizadas, a fim de atender a necessidade de lazer e recreação da população, promovendo qualidade de vida e pertencimento. Nesses espaços, cabe destacar, a própria comunidade se organiza para autogerir regras e definir usos, fortalecendo também o sentimento de propriedade coletiva e resistência.

O processo de apropriação dos espaços livres pela comunidade evidencia uma demanda coletiva por locais de encontro, lazer e recreação que, quando não suprida, surge de maneira informal, a exemplo dos campos de pelada. Sobre isso, Hijioka (2007) diz que:

São cada vez maiores as demandas por espaços livres, em especial aqueles destinados ao lazer, recreação, conservação e preservação. [...] o tratamento de praças, parques e outros espaços livres de edificação são deixados em segundo plano pelas diversas gestões municipais, responsáveis pela normalização, fiscalização, produção e gestão de grande parcela do sistema de espaços livres urbanos (Hijioka, 2007. p. 116).

Os autores aqui citados, em conjunto, tornam evidente a necessidade de o projeto de Arquitetura da Paisagem encontrar no lugar a diretriz norteadora de intervenção, seja através de atributos materiais ou imateriais. Em uma escala mais aproximada, tem-se como caminho refletir os autores no espaço livre público - no caso do presente trabalho, o campo de pelada -, que se apresenta como lugar pulsante no território, integrando e unificando as dinâmicas territoriais. A valorização desses espaços reforça a vida urbana, como dito por Gehl (2013), e reestruturam o território, resistindo diante das adversidades. Ademais, os verbos articulados por Tardin (2008) auxiliam nas diretrizes projetuais propostas, já que partem da compreensão do espaço livre como um local de oportunidade para transformação do território e, quando em conjunto com outros, permite a criação de um sistema de espaços livres.

2 VISLUMBRANDO O TERRITÓRIO

A história de um local permite apreender uma sociedade, acompanhando sua evolução e as marcas deixadas ao longo do tempo em sua paisagem. A memória do lugar, conforme traz Besse (2014), reside na sua passagem pelo tempo e nos caminhos que foram trilhados para conformar a cidade como é conhecida hoje. Neste capítulo, é construída a linha do tempo da cidade do Recife, percorrendo sobre o processo de urbanização da cidade do Recife e as marcas surgidas a partir dessa construção, que resultou em desafios atuais.

2.1 DA CIDADE BAIXA PARA A CIDADE ALTA

O território do Recife, com sua extensa planície envolvida por uma cadeia de colinas em forma de anfiteatro, com elevações que variam entre cinquenta e oitenta metros de altura (Vasconcelos; Bezerra, 2000), tem sua urbanização efetivamente iniciada no século XVI, a partir da planície costeira, onde existia um pequeno porto. Após a invasão holandesa no ano de 1630, Recife deixa de ser colonizada por Portugal e tem seu bairro portuário como ponto inicial de desenvolvimento que, futuramente, se expandiu para o restante do território e originou o município (Melo, 1978 apud Santana, 2019, p. 6).

Devido à sua estratégica localização, Recife passa a ser densamente ocupada e, a partir de 1637, com a chegada de Maurício de Nassau, cresce ao ponto de se tornar a capital do Império Holandês no Brasil (Figura 4) Inspirado no plano urbanístico do arquiteto Pieter Post, Nassau desenvolveu a cidade até o final da colonização holandesa, em 1654, período em que o território contava com “cerca de 8.000 habitantes, distribuídos em 290 sobrados, assentados sobre uma superfície de 24,7 hectares” (Reynaldo, 2013, p. 3).

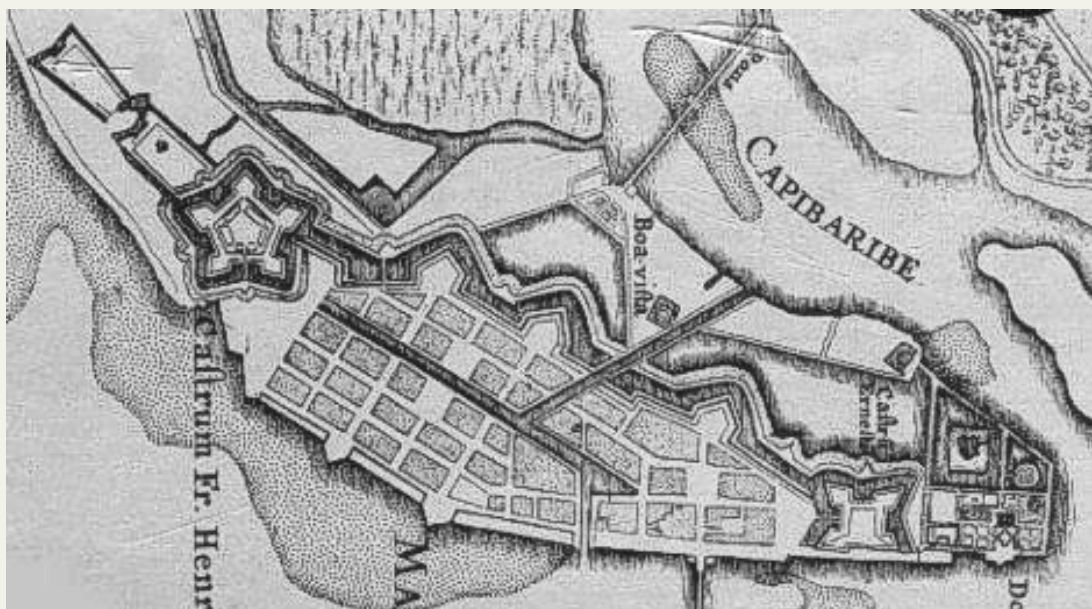


Figura 4 - A cidade Maurícia de 1644

Fonte: Autor desconhecido. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/DDnHZo2tLyh/?img_index=3.

Acesso em: 25 de nov. 2024.

Com a reconquista do território por Portugal, no século XVII, os sobrados permanecem como importantes elementos da paisagem recifense e, junto à construção térrea, definem a tipologia dos bairros portuários. Já nas regiões internas da cidade, mais distantes da costa, a ocupação ainda era pouco densa e caracterizada por áreas de plantio de cana de açúcar, padrão que se estende até meados do início do século XIX, conforme dito por Reynaldo:

O distinto nível de urbanização do Recife no Século XIX revela uma cidade composta por três áreas densas (Recife, Santo Antônio e São José) e, em sua continuação, uma extensa ocupação dispersa, ora pelo sobrado suburbano, caracterizado pela sua implantação em meio a uma grande área de cultivo, ora pelos engenhos e, também, por uma diminuta rede de caminhos que margeia terrenos mais amplos. (Reynaldo, 2013, p. 4)

Porém, ainda no século XIX, diante do expressivo crescimento urbano, inicia-se um processo de modernização e expansão da antiga cidade colonial, com o objetivo de adaptá-la às novas necessidades da população. É nesse período que “as antigas propriedades de feudo açucareiro passaram a ser desmembradas e repassadas a diversos foreiros constituindo-se nos chamados sítios” (Halley, 2010, p. 120). É também no mesmo período que, após

Recife se tornar capital de Pernambuco, a intensa migração de pessoas vindas dos interiores do Nordeste, fugidas da seca, faz com que muitos alagados e mangues sejam ocupados, sobretudo nos arredores do Rio Beberibe, “demarcando o território com seus mocambos, terreiros, sítios frutíferos, vilas de pescadores, batendo o solo frouxo dos alagados, quando não desbravando os outeiros e espaços ermos” (Halley, 2017, p. 13-14). Essas ocupações, cabe destacar, eram de famílias majoritariamente pobres, contrastando com as ocupações no entorno do Rio Capibariibe, de núcleos mais abastados (Cabral de Melo Neto, 1992 apud Silva Filho, 2021, p. 67). Simultaneamente, os ideais higienistas passam a ganhar força na região e projetos voltados para redes de esgoto e abastecimento de água começam a ser implementados em Recife, iniciando pela área portuária. Nesse mesmo contexto,

[...] os higienistas responsabilizam o sobrado e o traçado da cidade colonial como as causas das más condições de salubridade e o responsável pelo fomento das frequentes epidemias. Este posicionamento se intensifica a partir do início do Século XX, quando passam a exigir mudança dos parâmetros da construção residencial e do traçado urbano, de modo a garantir a saúde pública. (Fonseca, 1854 apud Reynaldo, 2013, p 8)

Nas primeiras décadas do século XX, com a continuidade do processo de crescimento populacional, a cidade atinge, entre os anos de 1920 e 1940, um aumento de 46% de seus habitantes (IBGE, 1999); desses, 30% viviam dos mangues (Jucá, 2004 apud Santana, 2019, p. 6) nas ocupações conhecidas como “mocambos” (Figura 5). Seguindo o projeto de higienização, em conjunto com o Estado Novo (1937 - 1945), que visava, dentre outras coisas, a modernização, inicia-se um combate contra os mocambos através da criação da Liga Social Contra os Mocambos (1939). Com o objetivo de “promover a extinção desse tipo de moradia e a incentivar a construção de casas populares dotadas de condições higiênicas e fácil aquisição” (Estatuto da Liga Social Contra o Mocambo, 1939 apud Leite, 2010, p. 4), a Liga foi responsável por expulsar essa parcela da população da região central, que tinha os ideais modernistas guiando as intervenções urbanas na área. Assim, “os casebres de barro batido a sopapo, com telhados de capim, de palha e de folhas de flandres foram sendo erradicados da europeia “Veneza Americana” de belas pontes, palácios e sobrados” (Castro, 1968 apud Halley, 2010, p. 134).



Figura 5 - Mocambos em áreas alagadas no Recife

Fonte: Museu da Cidade do Recife (s.d.). Disponível em: <https://recifaces.wordpress.com/2013/12/08/na-busca-de-um-chao-que-possa-chamar-de-seu/>. Acesso em: 25 de nov. 2024

Nessa perspectiva, ocorre o deslocamento não planejado desses moradores para as regiões de morro da cidade, "onde o caminho das águas define um delicado jogo de equilíbrio com as formas do relevo" (Alheiros et al., 2003, p. 4), característica desconhecida até então, e trazem consigo seus hábitos domésticos e técnicas construtivas praticadas nos alagados da planície. Acostumados com as águas sendo responsáveis por levar o que sobrava, os dejetos despejados nos morros passaram a saturar as encostas e obstruir a drenagem, assim como a prática de aterro para construção, com cortes no relevo acidentado, que desconsideravam as características físico-naturais das regiões inclinadas, tornando-se fatores que potencializaram os primeiros deslizamentos nas barreiras (Alheiros et al., 2003, p 3-4). Expulsos da planície sob a justificativa de residirem em novas moradias com maior salubridade, os mocambeiros se depararam com uma realidade semelhante, porém com um novo fator que se somava à realidade: a topografia (Figura 6).



Figura 6 - Ocupação nos morros, século XX

Fonte: Museu da Cidade do Recife (s.d.). Disponível em:

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1375660882574458&id=1206395696167645&set=a.1206410226166192&locale=pt_BR

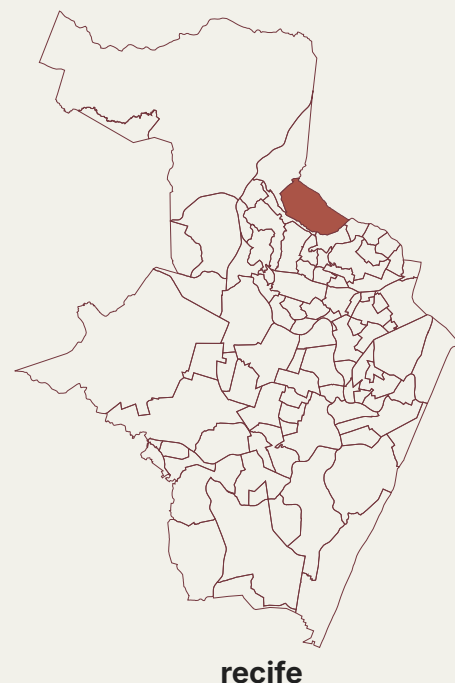
Acesso em 25 de nov. 2024.

Tais desafios reverberam até os dias atuais, tornando o território de topografia acidentada desafiador para os agentes ordenadores do espaço, responsáveis pela população. A partir de um mapeamento realizado pelo Plano de Ordenamento Territorial do Recife, de 2018, grande parte das encostas são identificadas como áreas de risco ambiental - seja em graus mais ou menos significativos -, evidenciando os riscos sofridos por essa parcela da população (Figura 4). Soma-se a isso o fato de que grande parte da população recifense ocupa as regiões de morro, sendo um dos territórios mais ocupados da cidade, que em 2000 tinha 33% da população habitando as regiões de topografia acidentada (Alheiros et al. p. 33).

Esses fatores se somam e culminam em intervenções atuais, por parte do poder público, que visam somente garantir a urgente permanência segura dessas pessoas nessas regiões, mas, concomitante a isso, o olhar para o espaço público coletivo fica em segundo plano, produzindo um território sem requisitos mínimos de habitabilidade. Partindo disso, se faz necessário compreender as problemáticas atuais das regiões de morro, somadas às intervenções dos órgãos públicos e a postura diante dos espaços livres públicos, visando propor novos caminhos para as intervenções em encostas, de modo que tragam segurança para a população, mas que se associe a um tratamento de paisagem com espaços públicos qualificados.

2.2 LÓCUS DO PROJETO: A FORMAÇÃO DO BAIRRO DE DOIS UNIDOS

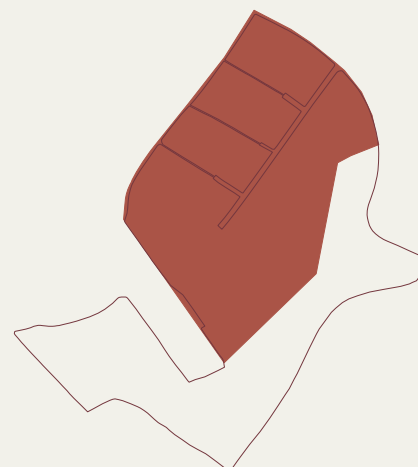
Situando-se em uma região de topografia plana e acidentada, o bairro de Dois Unidos fica ao norte de Recife (Figura 7), e é banhado pelo Rio Morno e Rio Beberibe, fator que o caracterizava como “um lugar que tinha a qualidade de ter abundância de água” (Santos, 2019, p. 59) antes da poluição dos corpos hídricos. No passado, era um distrito pertencente ao bairro de Beberibe e seu nome, segundo Alencar (2018), viria do Sítio Dois Unidos, registrado desde o final do século XIX, que servia de moradia, dentre tantas pessoas, para os expulsos dos mocambos da planície alagada.



recife



dois unidos



recorte

Figura 7 - Localização do bairro de Dois Unidos, no Recife, e do recorte de intervenção

Fonte: Autora, 2025, a partir da Unibase de Recife - PE

Diante do processo de higienização vivenciado na cidade do Recife e das expulsões dos “mocambeiros”, vilas populares foram projetadas pelo então governador Agamenon Magalhães, sendo uma delas no Sítio Dois Unidos. Então, em 1949, é criada a Vila de Dois Unidos (Alencar, 2018), que se desenvolveu, em conjunto com seu entorno, constituindo o bairro de mesmo nome.

Anteriormente, no ano de 1845, é inaugurado o primeiro trecho da Estrada do Cumbe - atual Avenida Hildebrando de Vasconcelos -, uma das principais vias do bairro até os dias contemporâneos. A partir dela o adensamento populacional ascendeu, mas a conexão com o restante da cidade ainda era difícil já que a estrada demorou a ter melhor qualidade, prejudicando a habitabilidade do local, conforme relato em um jornal da época:

Tivemos, ainda, oportunidade de conhecer, de perto, mais alguns problemas dos habitantes daquela vila. Não há chafariz, nem luz elétrica, nem farmácia nas imediações, padaria também não há, divertimentos de espécie alguma. Vive, portanto, aquela gente, afastada de tudo, inclusive da civilização. [...] Água para beber só no rio (O Jornal Pequeno, 1952 apud Alencar, 2018).

Cabe destacar, ainda, que residia no bairro de Dois Unidos a Fábrica Mi-

nerva, importante instalação industrial que estimulou o desenvolvimento da comunidade e das redondezas através da geração de empregos, acelerando a ocupação dos morros e córregos das proximidades (Santos, 2019, p. 62). Apesar dos benefícios econômicos, a fábrica acentuou o processo de degradação do Rio Beberibe (Figura 8), consolidando o processo de distanciamento entre a população e as águas, tornando “imprestável o rio Beberibe para os que moram entre a praça da Convenção e Caixa D’Água” (Diário de Pernambuco, 1960 apud Alencar, 2018). A destruição do ambiente físico-natural acompanha a Bacia do Rio Beberibe, na zona norte recifense, desde o início de sua formação urbana, de forma tão acentuada, que quase toda a bacia está submetida a riscos, seja na planície ou no morro (Silva Filho, 2021, p. 60), e traz seus reflexos até os dias atuais, com a importância dos rios tão reduzida ao ponto de suas margens serem sufocadas pelas intervenções humanas.



Figura 8 - Rio Beberibe antes do processo de poluição, com pessoas usufruindo-o

Fonte: FUNDAJ, 1905.

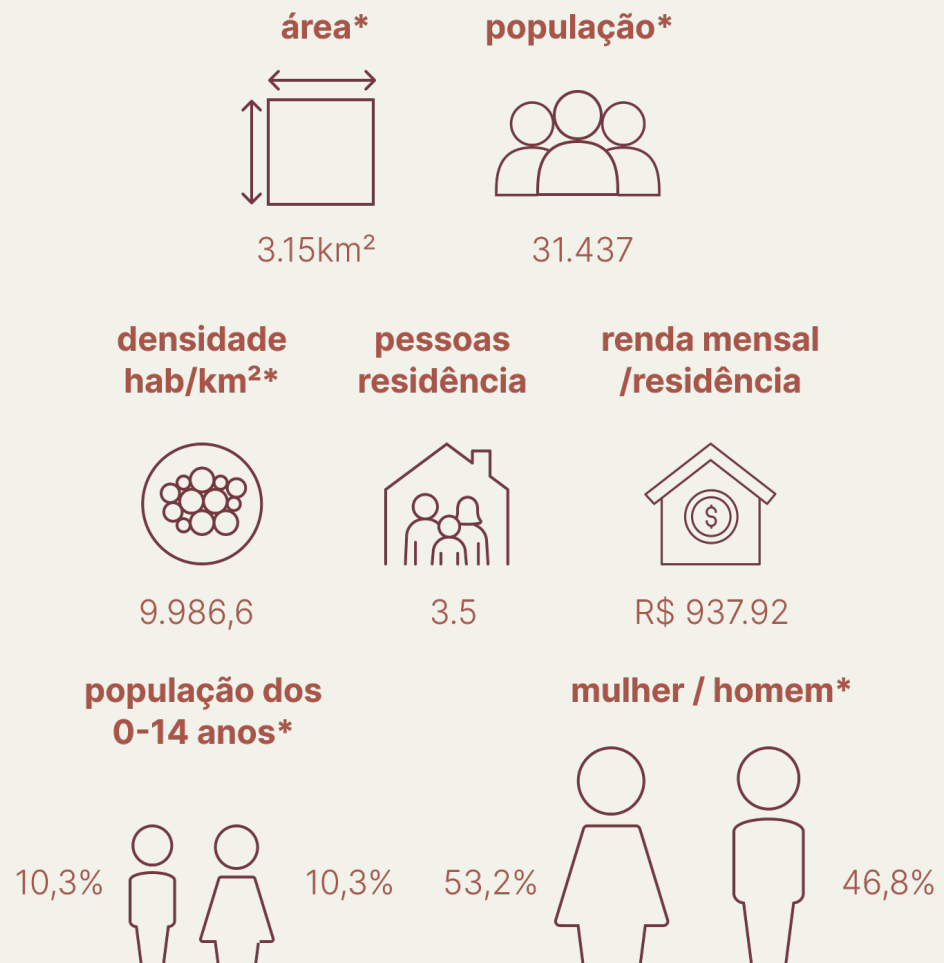
Disponível em: <https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/base-da-villa-digital/iconografia/item/3206-mt-000017-rio-beberibe>.

Acesso em: 18 nov. 2024.

Nos dias atuais, Dois Unidos conta com uma população de 31.437 pessoas distribuídas em um bairro de 3.15km² de área (Figura 9). Segundo o IBGE 2022, dessa população, 20,6% são crianças de até 14 anos, ressaltando a importância de se pensar o território a partir da perspectiva da infância.

Figura 9 -
Características
socioterritoriais do
bairro de Dois Unidos

Fonte: Adaptado pela autora a partir dos dados do IBGE 2010 e IBGE 2022*.



Como um oásis em meio ao cenário de degradação do natural, a Mata de Dois Unidos (Figura 10) prevalece ao longo do tempo. Caracterizada como um fragmento de Mata Atlântica, o local traz amenidade e respiro ao bairro densamente ocupado, e conta com uma área de 52,14 hectares (Alencar, 2018), sendo uma das 25 Unidades de Conservação da Natureza (UCN) da cidade do Recife (Plano Diretor do Recife, 2020). Contornada pela Avenida Hildebrando de Vasconcelos, a UCN situa-se entre a planície e os morros do bairro de Dois Unidos e evidencia o potencial verde que a região possui.



Figura 10 - Mata de Dois Unidos

Fonte: CPRH Agência Estadual de Meio Ambiente, 2014.

Disponível em: <https://www2.cprh.pe.gov.br/uc/furb-mata-de-dois-unidos/>. Acesso em: 18 de nov. 2024.

Soma-se às características do bairro o fato de ser considerado um “berço do futebol”, que se justifica pela presença dos campeonatos amadores - como o “X1 Dois Unidos”, “Pelada Peso Pesado” e “Copa Dois Unidos” - que ocorrem no bairro e atraem olheiros de clubes (Wikipédia, 2021). A relação direta de Dois Unidos com o futebol de várzea também é evidenciada nos campos de pelada espalhados pelo bairro, que se apresentam como espaços de lazer esportivo e convívio social da comunidade, e também fazem parte da identidade do lugar.

Ainda sobre atributos imateriais do lugar, as comunidades da zona norte recifense (Halley, 2017) possuem fortalecidas raízes nas religiões de matriz africana, concentrando grande parte dos terreiros da cidade. O bairro de Dois Unidos segue essa mesma lógica e, dentre os terreiros encontrados pelo território, destaca-se o Terreiro de Mãe Amara (Figura 11), tombado como patrimônio cultural imaterial recifense. Fundado em 1945 por Amara Mendes da Silva, o Terreiro Ilê Obá Aganjú Okoloyá, mais conhecido como Terreiro de Mãe Amara, o lugar propõe atividades que dialogam para o bem da comunidade, ao mesmo tempo em que cultua e afirma o orgulho às ra-

ízes negras (Portal Folha de Pernambuco, 2025) e, por esses feitos, recebe o título de Patrimônio Imaterial Cultural do Recife, conforme destaca a vereadora Cida Pedrosa:

O terreiro representa uma importante herança da tradição nagô em Pernambuco, sendo um dos poucos que ainda mantém viva a ancestralidade. Ao longo dos anos, o Terreiro de Mãe Amara destacou-se não apenas como espaço religioso, mas também como um ponto de convergência para atividades culturais, sociais e educativas, que beneficiam tanto a comunidade local quanto a cidade do Recife como um todo (Pedrosa, 2025).



Figura 11 - Terreiro de Mãe Amara

Fonte: Mariana Leal, 2012

O recorte de intervenção se localiza às margens da Avenida Hildebrando de Vasconcelos e próximo ao Terreiro de Mãe Amara e, assim como o bairro que se insere, tem como propriedade a topografia plana e acidentada, caracterizando-se como uma região de transição para o cordão de morros do bairro de Dois Unidos. Dentro do recorte, o Campo do Barreirão, antigo Córrego da Picada, se destaca e sinaliza sua importância enquanto potencialidade, dado o fato dos campos de pelada serem um dos principais pontos de lazer, encontro e sociabilidade das periferias.



ENCOSTA

**TERREIRO MÃE
AMARA**

**CAMPO DO
BARREIRÃO**

**ESCADARIA
RUA IARA CRIS-
TINA**

**AV. HILDE-
BRANDO DE
VASCONCE-
LOS**

**UCN DOIS
UNIDOS**

Figura 12 - Campo do Barreirão e seu entorno

Fonte: Adaptado pela autora, 2025, a partir do Google Earth Pro, 2012.

2.3 O MORRO COMO TERRITÓRIO: DESAFIOS ATUAIS

A linha do tempo do processo de urbanização da cidade do Recife, historicamente marcada pela segregação socioespacial e ocupação desigual do território, reverbera diretamente na atualidade. Desde a expulsão dos “mocambeiros” da planície para as regiões de topografia acidentada, estabeleceu-se uma lógica de desassistência para essa população, que ocupa o lugar de maneira predominantemente informal e precária.

No ano de 2022, a Região Metropolitana de Recife enfrentou grandes chuvas e consequentes deslizamentos, que ocasionaram mais de 120 falecimentos e mais de 9.000 pessoas desabrigadas (Portal do G1, 2022), sendo uma das maiores tragédias do estado e reforçando a insegurança ambiental que as regiões de topografia acidentada proporcionam. Essa realidade exige do poder público intervenções que demandam urgência e expertise, e que priorize assegurar fisicamente os habitantes, como exemplo, das contenções em concreto armado e muro de arrimo, uma das técnicas mais utilizadas na atualidade pela Prefeitura do Recife (Figura 13).



Figura 13 -
Contenção de
encostas no Recife
Fonte: Prefeitura do
Recife, 2024.

Essas intervenções, apesar de eficientes do ponto de vista estrutural, acabam negligenciando aspectos ambientais e a qualidade da habitabilidade local. Com a supressão da vegetação e do solo permeável, a impermeabilização e contenção con-

tribuem para o aumento das ilhas de calor, criando áreas com acúmulo de calor médio até muito alto (Freitas et al., 2021), reduzem a capacidade de infiltração hídrica, sobrecarregando os sopés das encostas, o que compromete as áreas planas. Esse conjunto de consequências reflete diretamente na qualidade do espaço público e da paisagem do lugar, que são importantes dimensionadores da habitabilidade, tornando de fundamental relevância se pensar em medidas que considerem a interface entre a segurança e a habitabilidade.

Somado a isso, a concentração de parques e praças nas áreas mais nobres e planas expressa a desigualdade socioeconômica enfrentada na cidade do Recife. Em reportagem do Jornal do Comércio, baseada em uma pesquisa realizada pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), de 9 parques analisados, 8 se situam em bairros de alto poder aquisitivo (Moraes, 2023). Essa realidade induz pessoas a se deslocarem por grandes distâncias quando decidem usufruir de espaços de lazer e, no caso dos moradores de áreas acidentadas, os percursos são ainda mais delicados.

Ainda de acordo com a pesquisa supracitada, 19 dos 94 bairros da cidade do Recife não possuem parques ou praças com dimensão e vegetação significativas, sendo o bairro de Dois Unidos um deles. Apesar disso, observa-se, por outro lado, um desejo latente por parte dos moradores por mais verdes nos morros, que se mostra a partir das intervenções espontâneas de jarros ao longo de muitas das ruas e escadarias (Figura 14).



Figura 14 - O anseio pela presença da natureza se revela nos jarros criados pela comunidade
Fonte: Autora, 2025.

Essa apropriação popular se encontra, também, com o anseio por mais espaços públicos de sociabilidade e encontro, que se expressam através das pinturas em trechos de rua e da apropriação de qualquer recanto disponível (Figura 15). É válido destacar, ainda, que os poucos trechos disponíveis, a exemplo dos campos de pelada - que se caracterizam como "vazios" de terra batida -, são ameaçados, como uma consequência direta da ocupação orgânica territorial, surgidas a partir da demanda por espaço. Em uma recente matéria da Revista FAPESP, a autora Christina Queiroz destaca que o futebol de várzea - muito mais que um esporte, uma prática urbana, de partilha do espaço público, fortalecimento da cultura comunitária e política de territórios populares - se encontra, hoje, ameaçado pela intensa dinâmica urbana de gentrificação e especulação imobiliária (Queiroz, 2025).



Figura 15 - O desejo pelo lazer: ruas transformadas em quadras
Fonte: Adaptado pela autora, 2024, a partir do Google Street View, 2024.

A ausência de espaços públicos vegetados nas regiões periféricas de morro é, portanto, uma consequência direta de uma linha do tempo histórica de ocupação, que se soma a um planejamento urbano centrado na contenção da crise ambiental e das ocupações desordenadas, mas não na promoção da moradia também qualificada. A superação dessa lógica exige a incorporação de soluções paisagísticas que valorizem a vegetação existente ou promovam sua recuperação, visando a qualidade do espaço urbano e assegurando a presença dos espaços de uso comunitário.

No recorte de intervenção diversos dos problemas supracitados são percebidos. O Campo do Barreirão se situa no sopé de uma encosta, que já foi parcialmente contida pela Prefeitura do Recife (Figura 16) e, na outra parcela, o solo e a vegetação existente se encontram em processo de erosão. Ao longo da mesma rua que se localiza o muro, é possível notar intervenções espontâneas realizadas pelos moradores, que colocam jarros de plantas e evidenciam a demanda por mais verde nos morros e menos concreto. Entender tais demandas e projetar a partir delas é garantir a adesão e utilização eficiente do espaço livre público, que se torna um mecanismo potencializador da qualidade do lugar, ao passo que soluções que partam da compreensão de que a habitabilidade está além do habitar, englobando também o espaço urbano, tornam possível imaginar os morros como território para permanecer e viver bem.



Figura 16 - Muro de arrimo no recorte de intervenção projetual

Fonte: Prefeitura do Recife, 2020.

Nesse sentido, o presente projeto tem como objetivo central garantir a permanência de espaços de encontro e sociabilidade no bairro de Dois Unidos, através do Campo do Barreirão, melhorando a conectividade dos fluxos interrompidos do entorno, propondo espaços de convivência verdes e qualificados, e apontando diretrizes que busquem renaturalizar as encostas, e garantir habitações de interesse social, evitando as ocupações orgânicas inseguras e desordenadas.

3 REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Espaços públicos urbanos são, desde muito tempo, produtos alvo de intervenção por parte das autoridades, no intuito de qualificar determinada área e seu entorno imediato. Quando bem planejados, são capazes de melhorar as condições de habitabilidade de forma direta, inclusive em regiões que enfrentam problemas socioeconômicos, potencializando o convívio social, o desenvolvimento sustentável da comunidade e a partir das melhorias promovidas, encorajar o sentimento de pertencimento daqueles que o habitam. Partindo dessa compreensão, faz-se interessante entender a concepção de espaços públicos em comunidades urbanas, de modo a tomar como referência para a intervenção do objeto de estudo deste trabalho. No caso deste trabalho, foram estudados como referências os seguintes projetos: o Parque Manuel Rodríguez Curacautín, Jaime Alarcón Fuentes (Chile); Parque Bicentenário Ecatepec, Taller Capital (México), e a Praça Criançada Na Rua (Brasil – Recife).

3.1 PARQUE MANUEL RODRÍGUEZ CURACAUTÍN, JAIME ALARCÓN FUENTES / IMPULSO ARQUITECTOS - CURACAUTIN, CHILE, 2022

O Parque Manuel Rodríguez Curacautín (Figura 17) fica localizado na comuna Curacautín, no Chile, e possui 2 hectares (Archdaily, 2023). A intervenção surgiu a partir do programa Pequenas Localidades do MINVU, que propôs desenvolver um masterplan que transformasse a cidade em um polo articulador de turismo, tendo suas paisagens o principal atrativo dos viajantes. Somado a isso, o projeto se preocupou com o bem estar dos habitantes locais, que estão inseridos em um território escasso de espaços públicos consolidados e áreas de encontro para os habitantes.

Figura 17 - Implantação do Parque
Fonte: Ignacia Astaburuaga, 2022.



Em um equilíbrio entre a escala do bairro e a morfologia do terreno, o desenho do parque surge com intervenções que valorizam a paisagem natural local, “consolidando a borda urbana do parque com a trama construída do bairro” (Archdaily, 2023), tornando possível o usufruto dos ocupantes mesmo diante das curvas acidentadas das encostas. Nesse sentido, então, o projeto urbano respeita e brinca com os desníveis naturais encontrados, trazendo dinamismo e reforçando a identidade a partir da paisagem natural do lugar (Figura 18).



**Figura 18 -
Desníveis
ressaltados no
projeto**

Fonte: Ignacia
Astaburuaga, 2022.

A estratégia de se utilizar dos aspectos fisiográficos locais surge, também, com objetivos sustentáveis que beneficiem a comunidade. As soluções ressaltam a preocupação com o escoamento das águas pluviais, permitindo que seu fluxo superficial seja mantido a partir dos níveis topográficos e que a água seja coletada em reservatórios, criando um sistema de irrigação que otimiza os recursos hidráulicos locais.

A circulação principal do parque é bem definida, com um caminho “que conta a colina urbana como eixo organizador” (Archdaily, 2023), com materialidade que se diferencia das circulações secundárias, demarcando a circulação de maior fluxo. Nos trechos principais, utiliza-se concreto estampado imitando madeira sem cor, e nos trechos secundários é utilizada a madeira de pinho. Nos terraços, foram

utilizadas rochas vulcânicas e madeira, remetendo a paisagem de montanha e reforçando a identidade local, conectando os moradores ao passado da cidade através da materialidade (Archdaily, 2023). Além dos fluxos, é interessante também destacar os espaços de pausa e estar, que se utilizam de material pigmentado em vermelho, criando uma delimitação invisível entre as linhas do parque (Figura 19).

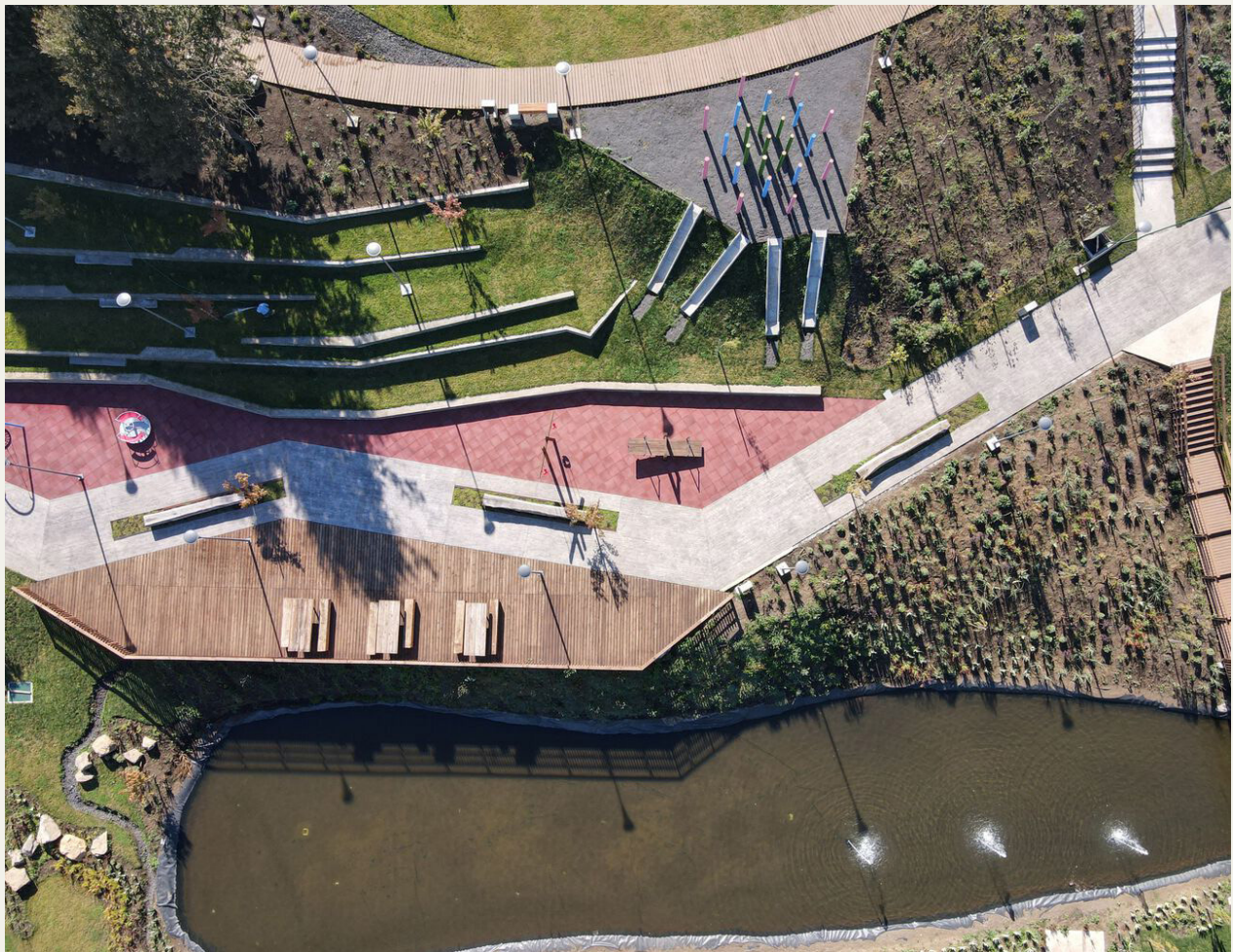


Figura 19 - Desenho e materialidade do piso

Fonte: Ignacia Astaburuaga, 2022.

Em um território carente de espaços públicos, o Parque Manuel Rodríguez Cura-cautín utiliza do contexto histórico do lugar e sua materialidade para propor um local de encontro, convívio social e fortalecimento do pertencimento das pessoas que ocupam o espaço. Os aspectos fisiográficos serem a força motriz do projeto evidenciam a preocupação em respeitar as camadas existentes do território, considerando-o não uma folha em branco, mas um espaço de marcas e história.

3.2 PARQUE BICENTENÁRIO ECATEPEC, TALLER CAPITAL - ECATEPEC, MÉXICO, 2023

O Parque Bicentenário (Figura 20) é uma intervenção de vinte hectares em Ecatepec de Morelos, o segundo município mais populoso do México, que faz parte da zona metropolitana da Cidade do México. O escritório responsável pela construção do parque é o também mexicano Taller Capital, que acredita no “poder da arquitetura para se tornar um agente de transformação urbana, reestabelecendo uma relação harmoniosa com o ambiente e fornecendo lugares seguros para o encontro” (Archdaily, 2023).



Figura 20 - Implantação do Parque

Fonte: Rafael Gamo, 2023.

O parque foi construído em um antigo espaço público que se encontrava obsoleto, em uma área desconectada de si mesma, e que carecia de espaços abertos de qualidade. Somado a isso, a comunidade sofria com problemas referentes à gestão de água, acarretando em problemas ambientais. Diante das problemáticas supracitadas, o projeto combinou estratégias de infraestrutura para o gerenciamento da água através do próprio espaço público, atendendo desde demandas sociais até as ambientais.

Sua estratégica localização, em um bairro marcado pela topografia acidentada, permitiu a criação de “terraços” que se aproveitam das encostas para criar diferentes níveis e dinamizar o desenho paisagístico, mitigando a erosão e retendo o solo (Figura 21). Além disso, a sua localização na encosta se torna ideal para a infiltração natural da água da chuva, que repõe o aquífero na bacia da Cidade do México (Archdaily, 2023).



**Figura 21 -
Terraços a partir
dos desníveis
fisiográficos**
Fonte: Rafael
Gamo, 2023.

Utilizando-se de vegetação adequada, a arborização proposta permitiu a criação de espaços de sombra, ao passo que vegeta uma região carente de elementos naturais. Por fim, cabe destacar a presença do *tezontle*, um cascalho vulcânico local poroso que retém a água e serve como esponja (Figura 22), canalizando lentamente a chuva para o subsolo e que tem eficácia na mitigação e prevenção da erosão na área do parque (Archdaily, 2023).

Conectando bairros de sul a norte, o Parque Bicentenário mostra sua eficiência através do seu desenho, que integra a paisagem, o gerenciamento da água e o design urbano em um projeto que funciona como agente ativo para qualificar o funcionamento do contexto ambiental e urbano do bairro onde está inserido.



Figura 22 - Terraços com *Tezontle*

Fonte: Rafael Gamo, 2023.

3.3 PRAÇA DA CRIANÇA NA RUA, PREFEITURA DO RECIFE, RECIFE, PE, 2024

Desenvolvido pela Prefeitura do Recife, o projeto da praça (Figura 23) surgiu a partir da constatação municipal das vulnerabilidades do trecho de intervenção, situado próximo a escolas e em um espaço ocioso, que gerava hostilidade para os estudantes e seus responsáveis (JC Online, 2024). Com suporte técnico e financeiro da Global Designing Cities Initiative, através da iniciativa “Streets for Kids”, que visa transformar ruas e espaços urbanos mais seguros, saudáveis e agradáveis para crianças e seus cuidadores (GDCl, 2024), a praça envolveu um processo de escuta comunitária e oficinas com as crianças do lugar, permitindo identificar as demandas dos que usufruem o lugar, que guiaram as intenções projetuais.



Figura 23 - Implantação da praça
Fonte: Raquel Lins, 2022.

Para além do espaço da praça, o projeto englobou as vias do entorno, requalificando, limitando a velocidade do tráfego e as estreitando, além da inserção de faixas elevadas, evidenciando a prioridade aos pedestres, e tornando o espaço projeto mais convidativo para as pessoas. Vale destacar, também, como as linhas de desenho de piso avançam em direção ao eixo viário, integrando ambos os espaços e induzindo o transeunte a adentrar o local (Figura 24).



Figura 24 - Vista aérea da praça, mostrando sua relação com as vias que a contornam

Fonte: Wagner Barbosa - CTTU, 2024.

Integrando segurança e ludicidade, com uma solução que propõe um muro de contenção como uma estrutura de lazer infantil, os projetistas tornam um elemento passivo em um elemento ativo (Figura 25), sensibilizando o olhar sobre os muros de contenção e permitindo imaginar soluções mais humanas para a técnica. No muro inclinado, foram incorporados elementos que permitem o usufruto das crianças, como pegadores de escalada, escorregos e escadas, criando uma espécie de “muro brincante”.

O projeto se destaca pela apreensão do entorno e das demandas daqueles que vivenciam diariamente o espaço refletidas nas soluções projetuais, criando um espaço que surge como oásis para as crianças das escolas localizadas nas proximidades,

além de tornar o espaço mais seguro e convidativo. Para além disso, é válido pontuar a solução do muro de contenção, que permite o aproveitamento do relevo natural ao passo que ativa uma barreira física ociosa, reinterpretando a presença dos muros concretados e dissolvendo a lógica de separação entre infraestrutura e espaço público.



Figura 25 - Muro de contenção ativo

Fonte: Hélia Scheppa, 2024.

Tais exemplos, nacionais ou internacionais, elucidam como o espaço livre público permite interações, ocupações e dinâmicas diversas e profundas, sendo capaz de potencializar o meio inserido e, consequentemente, qualificar a habitabilidade local. Assim como demonstram o Parque Manuel Rodríguez Curacautín, no Chile, e o Parque Bicentenario Ecatepec, no México, tomar os fatores fisiográficos como ponto de partida para intervir em territórios acidentados significa restabelecer a relação dos ocupantes com a paisagem natural, fortalecendo essa conexão por meio de soluções espaciais sensíveis e contextualizadas.

Além disso, a materialidade adotada em ambos os projetos serve como referência direta para a presente proposta, uma vez que utilizam, de forma integrada,

elementos naturais e artificiais para a organização do espaço - seja na definição de caminhos, na delimitação de usos ou na valorização dos eixos principais de circulação. Tais estratégias conferem legibilidade e fluidez ao espaço, ao mesmo tempo em que dialogam com as especificidades do relevo e com os modos de uso do território.

Por fim, a Praça Criançada na Rua, no Recife, introduz novas possibilidades para o tratamento de áreas que demandam contenções artificiais. Ao transformar esses espaços em áreas ativas, a intervenção demonstra que é possível aliar segurança geotécnica e qualificação urbana, sobretudo ao incluir elementos lúdicos e equipamentos voltados à infância, garantindo que o espaço urbano seja lugar para todas as idades. Em um território como o de Dois Unidos, em que quase 25% (IBGE, 2022) dos habitantes têm até 14 anos, inserir soluções projetuais que considerem essa parcela da população é garantir a democratização do espaço urbano.

4 CONDICIONANTES DO PROJETO

Fatores fisiográficos, legais, urbanos e culturais são algumas das categorias a serem compreendidas para caracterizar um local. Conforme dito por Besse (2014), os lugares não são meras folhas em branco e, assim como propõe Yázigi et al. (1999), a caracterização da paisagem parte da compreensão de seus condicionantes, a partir dos quais é possível ver surgir as diretrizes projetuais a começar do que o lugar mostra. Neste capítulo, analisa-se mapas em uma escala macro, no intuito de entender a influência do entorno na dinâmica do recorte de intervenção, que se somam à leitura de instrumentos legais e manuais incidentes. Também é caracterizada a paisagem do lugar utilizando-se o método de Yázigi et al. (1999) e tomando como base a visão serial proposta por Gordon Cullen (1983), entendendo as forças e fraquezas do recorte. Por fim, em uma escala mais micro, o trecho de intervenção é mapeado e analisado, resultando em um Mapa Síntese, peça essencial da análise territorial e orientador do posterior Mapa de Diretrizes.

4.1 FATORES FISIAGRÁFICOS

No recorte de intervenção, faz-se imprescindível analisar alguns de seus fatores fisiográficos, que caracterizam e influenciam a dinâmica do lugar. Para chegar na proposta desenvolvida no presente trabalho, optou-se por analisar a topografia e mapear as áreas verdes do território, encontrando neles algumas das diretrizes projetuais. Por se tratar de uma área de morro, a fisiografia é um elemento determinante da proposta projetual, devendo ser respeitada e utilizada como oportunidade para criar soluções que promovam identificação e pertencimento dos ocupantes.

4.1.1 TOPOGRAFIA

O mapeamento topográfico foi realizado com base nas curvas de nível disponibilizadas pela plataforma de Informações Geográficas do Recife (ESIG). Considerando que o bairro de Dois Unidos está inserido no cordão de morros da zona norte do Recife, observa-se, no recorte de intervenção, a presença de curvas de nível acentuadas, indicativas de uma topografia irregular. A área em questão situa-se em uma zona de transição entre curvas mais suaves e trechos com maior declividade. A Figura 26 apresenta o resultado desse mapeamento, em que os tons de vermelho mais claros indicam cotas altimétricas inferiores, enquanto os tons mais escuros correspondem às cotas mais elevadas.

A proposta projetual parte também da leitura dessas curvas de nível, buscando valorizá-las como elemento estruturador da intervenção. Nesse sentido, são adotadas soluções que respeitam a morfologia natural do terreno e que, ao mesmo tempo, promovem a conexão dos usuários com a dinâmica das elevações. Essa abordagem configura um diferencial ao evitar a criação de platôs artificiais que nivelam o terreno, anulando sua singularidade topográfica (Figura 27) e impactando negativamente suas características ambientais.

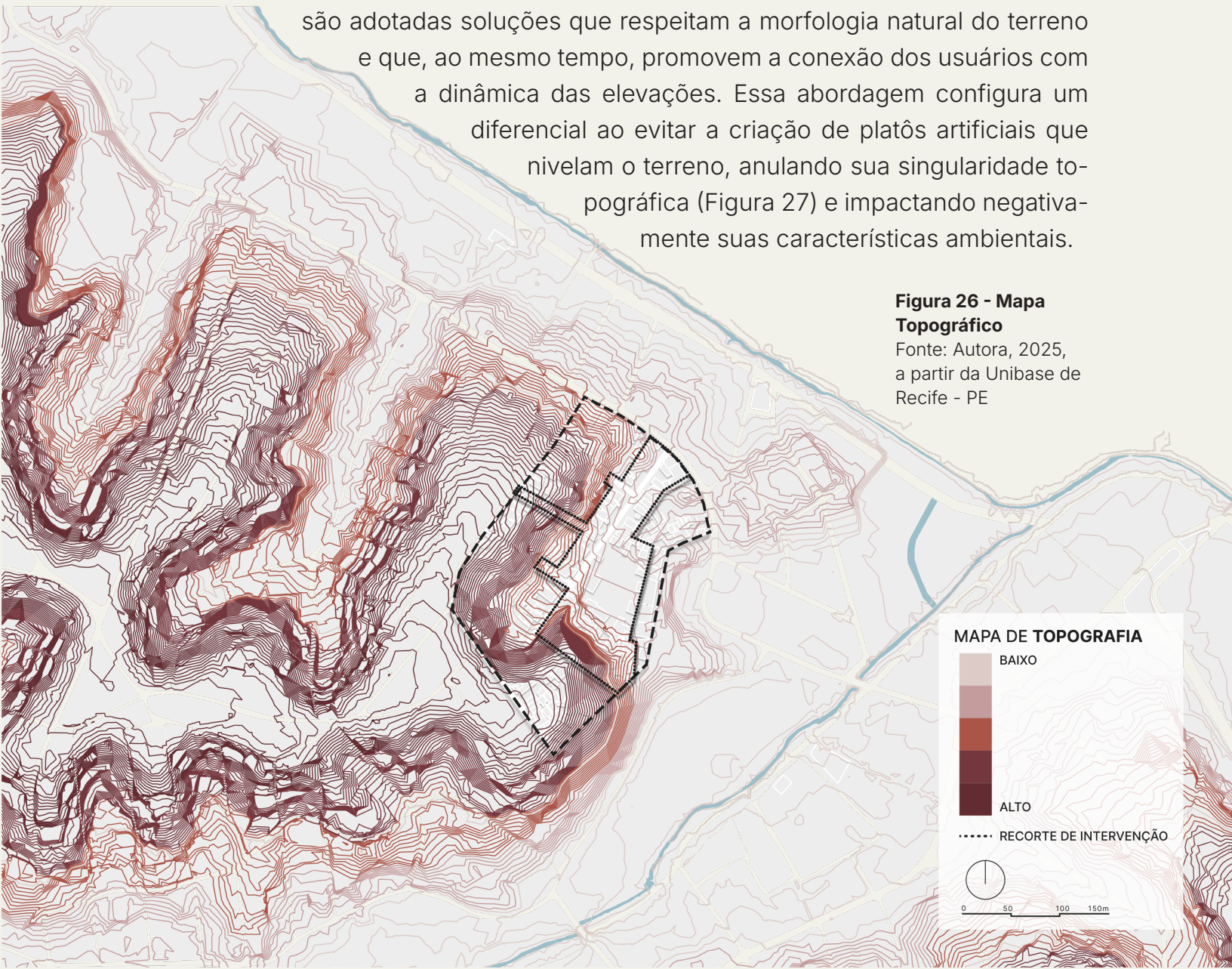


Figura 26 - Mapa Topográfico

Fonte: Autora, 2025, a partir da Unibase de Recife - PE



Figura 27 - Maquete Topográfica
Fonte: Autora, 2025.

Ao preservar e dialogar com o relevo existente, o projeto reforça a ideia de que o terreno acidentado não representa, necessariamente, um obstáculo, desde que seja devidamente tratado e integrado de forma sensível à proposta urbanística e paisagística.

4.1.2 VEGETAÇÃO

Partindo da compreensão de que as comunidades situadas em áreas de morro enfrentam significativa carência de vegetação e de solo permeável, torna-se fundamental identificar os trechos em que ainda há presença de cobertura vegetal original, especialmente ao se projetar em diálogo com o espaço urbano. Com esse objetivo, foi elaborado o Mapa de Áreas Verdes (Figura 28), abrangendo o recorte de intervenção e seu entorno, a fim de compreender a distribuição espacial desses elementos naturais e apontar estratégias para sua valorização e potencialização.



Figura 28 - Mapa de Áreas Verdes

Fonte: Autora, 2025, a partir da Unibase de Recife - PE.

Observa-se que os fragmentos vegetados se concentram, majoritariamente, na Unidade de Conservação de Dois Unidos, nas margens dos rios Beberibe e Morno, bem como em terrenos ociosos com cobertura verde. Esses pontos, embora presentes, são esparsos, evidenciando a fragmentação e a escassez da vegetação no território analisado. Além dessas áreas, destacam-se também os trechos naturalizados localizados nas encostas desocupadas - como é o caso da encosta presente no próprio recorte de intervenção. Apesar de apresentar vegetação, essa área encontra-se em processo de erosão (Figura 29), o que agrava sua vulnerabilidade ambiental.



Figura 29 - Encosta em processo de erosão e campo de pelada no seu sopé

Fonte: Autora, 2025.

Diante desse cenário, a preservação e a requalificação da vegetação natural da encosta tornam-se direcionamentos da proposta de intervenção. Já o projeto a ser desenvolvido busca, como um dos principais objetivos, ampliar e qualificar paisagisticamente os espaços verdes existentes no recorte de estudo, atendendo demandas da população e melhorando a habitabilidade.

4.2 VIAS E FLUXOS

Para conhecer os fluxos do entorno da área de intervenção, utilizou-se do mapeamento de Vias e Fluxos (Figura 30). Para além dos fluxos, buscou-se também compreender os elementos que influenciam esses fluxos, que são pontos de ônibus e travessias, no intuito de captar como o pedestre chega até o ponto focal do projeto, e quais são as facilidades e dificuldades percebidas no ato.

O mapeamento da área evidenciou a localização estratégica do recorte de estudo, situado às margens da Avenida Hildebrando de Vasconcelos, via histórica de grande relevância que atravessa todo o bairro de Dois Unidos. Adicionalmente, observa-se a proximidade com a Avenida Uriel de Holanda, um importante eixo de circulação de alto fluxo viário. A presença de pontos de ônibus nas imediações da área de intervenção reforça a acessibilidade ao espaço projetado, viabilizando o deslocamento por meio de diferentes modais de transporte.



Figura 30 - Mapa de Vias e Fluxos

Fonte: Autora, 2025, a partir da Unibase de Recife - PE.

Destacam-se, ainda, as quatro escadarias que se originam a partir da Rua Francisco Paulo dos Santos - logradouro diretamente envolvido no projeto - e que configuram um dos principais meios de circulação nas áreas de topografia acidentada. Essas estruturas potencializam os acessos ao espaço livre a ser desenvolvido, consolidando-se como elementos fundamentais de conectividade e mobilidade no território.

Apesar dessas potencialidades, é necessário salientar fragilidades importantes, como a escassez de faixas de pedestres na região, o que evidencia a predominância da lógica rodoviarista em detrimento da valorização do pedestre, especialmente numa área onde a renda é mais baixa, possivelmente com menor quantidade de veículos e mais passagem de pessoas a pé. Soma-se a isso o caráter não convidativo das ruas que circundam o campo de pelada e suas bordas, pouco atrativas para o transeunte, o que pode contribuir para a ociosidade do espaço.

Dessa forma, torna-se imprescindível o fortalecimento dos acessos - compreendidos aqui como portais de entrada - de maneira a estimular o uso e a apropriação do local pela comunidade, como também fortalecer o caráter paisagístico da Rua Francisco Paulo dos Santos (Figura 31), principal eixo direcionador do projeto. Além disso, a promoção de travessias seguras e qualificadas é essencial para garantir a integração do percurso, possibilitando uma experiência urbana mais fluida, segura e contemplativa até o principal ponto de convergência do projeto: a praça.



Figura 31 - Rua Francisco Paulo dos Santos vista do seu ponto mais alto

Fonte: Autora, 2025.

4.3 EQUIPAMENTOS DO ENTORNO

Com o objetivo de caracterizar o entorno imediato da área de intervenção, foram analisados os equipamentos urbanos de maior relevância no lócus da proposta, considerando raios de 5 e 10 minutos de caminhada - tempos reconhecidos como confortáveis para deslocamentos a pé, desde que acompanhados de qualidade espacial (Gehl, 2013). O resultado dessa análise encontra-se representado no Mapa de Equipamentos (Figura 32).

Figura 32 - Mapa de Equipamentos de Destaque

Fonte: Autora, 2025, a partir da Unibase de Recife - PE.



No raio de 10 minutos de caminhabilidade, destaca-se, inicialmente, a concentração de instituições de ensino, abrangendo desde o ensino fundamental até o nível médio. Também se insere nesse perímetro a Unidade de Saúde da Família (USF) Doutora Fernanda Wanderley e, na borda do raio, o Mercado Público de Beberibe, importante polo comercial local.

Já no raio de 5 minutos, ressaltam-se equipamentos de significativa relevância sociocultural, como o Terreiro de Mãe Amara (Ilê Obá Aganjú Okoloyá), o Centro Cultural Galpão do Vira e o Centro Comunitário de Dois Unidos, além da presença reiterada de escolas, o que evidencia a forte ocupação infantil do território.

Esses equipamentos, além de dinamizarem o tecido urbano e consolidarem o bairro como local de permanência - e não apenas de passagem -, revelam a centralidade da presença infantil e comunitária na região. Tal contexto indica a necessidade de intervenções voltadas a essa faixa etária, e reforça a importância de espaços de encontro e convivência. A partir dessa leitura, compreende-se que a área de intervenção possui potencial para se constituir como uma extensão natural desses pontos já existentes, fortalecendo os vínculos sociais e culturais do bairro de Dois Unidos.

4.4 CONDICIONANTES URBANÍSTICAS / LEGISLATIVAS

Ao se intervir em um território, é imprescindível a compreensão dos condicionantes urbanos e legais que exercem influência no local. Para o desenvolvimento do presente trabalho, utilizou-se o “Manual de Desenho de Ruas do Recife” (2023), o “Manual de Arborização Urbana da Cidade do Recife” (2013) e o “Plano Diretor do Recife” (2020), destrinchados abaixo, entendendo a incidência das ferramentas no recorte de intervenção, no bairro de Dois Unidos, e a aplicabilidade de algumas das diretrizes sugeridas, que serviram de guia para a intervenção proposta.

4.4.1 MANUAL DE DESENHO DE RUAS DO RECIFE, 2023

O Manual de Desenho de Ruas do Recife (MDR), lançado em 2023, é um guia técnico produzido pela Prefeitura do Recife, através da Autarquia de Trânsito e Trans-

porte Urbano (CTTU). Seu objetivo é estabelecer diretrizes para o planejamento e redesenho das ruas da cidade, com enfoque na mobilidade sustentável, segurança viária e inclusão social. Através de exemplos já executados na cidade e de outros locais, o Manual direciona os futuros projetos da cidade, garantindo o uso seguro e democrático das vias. Dentro do universo de propostas para a transformação de ruas que o Manual traz, com desenhos do antes e depois, duas se destacam diante do presente trabalho: as intervenções em ruas de morro e as intervenções em escadarias, com propostas específicas que servem de direcionamento projetual.

As ruas de morro, segundo o Manual, são descritas como “principal conexão das comunidades com o restante da malha viária da cidade e concentram muitos usos e pessoas em um espaço limitado” (Recife, 2023, p. 338). O Manual destaca certas problemáticas encontradas nesse tipo de contexto viário, como exemplo das grandes inclinações - maiores que 8,33% - nas ruas, descontinuidade das calçadas por degraus de acesso às edificações ou postes, e árvores esparsas ou inexistentes (Figura 33).



Figura 33 - Ruas de morro nas condições existentes

Fonte: Adaptado pela autora, 2025, a partir do Manual de Desenho de Ruas, 2023.

A partir das inadequações supracitadas, o Manual recomenda o redesenho das ruas de morro, a fim de reduzir riscos causados por desastres ambientais e sinistros de trânsito, tornando os espaços acessíveis e seguros (Recife, 2023). Para isso, o Manual sugere intervenções que considerem as escadas de acesso às edificações dentro do lote e, quando não for possível, que as soluções considerem a passagem do pedestre segura e separada da faixa veicular. Além disso, o documento cita como moderadores de velocidade as chicanas³ e as lombadas, que ambientes mais seguros, já que o fator da inclinação auxilia no ganho de velocidade veicular. Por fim, a ideia de jardins de chuva ao longo das vias, no intuito de melhora da drenagem, surge como solução para mitigar empoçamentos ao longo da rua (Figura 34).



Figura 34 - Ruas de morro nas condições recomendadas

Fonte: Adaptado pela autora, 2025, a partir do Manual de Desenho de Ruas, 2023.

3 “Desvio artificial que leva a uma redução na largura da via. As chicanas podem ser úteis em vias retas localizadas em longas quadras para evitar que veículos possam tomar maiores velocidades, já que os impedem fisicamente disso. Pontos de ônibus ou até locais de estacionamento de bicicletas podem ser usados nas chicanas para melhor aproveitamento dos espaços.” Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/877012/seis-principios-para-tornar-as-cidades-mais-seguras-a-partir-do-desenho-urbano>. Acesso em: 26 maio 2025.

No que tange às escadarias, o documento destaca a importância delas na circulação de pedestres em áreas de morro, permitindo que os desníveis sejam vencidos. Apesar disso, muitas se encontram abandonadas e degradadas, promovendo insegurança para os usuários, sendo interessante considerar esses eixos de locomoção junto à rede de mobilidade de pedestres, ao se pensar em espaços públicos (Recife, 2023).

A falta de iluminação e fachadas cegas trazem insegurança para os transeuntes, principalmente à noite, assim como as inclinações que não seguem as dimensões convencionais, e se somam à falta de corrimão, tornando o percurso ainda mais difícil. Vale destacar, também, a ausência dos patamares de descanso que torna o trajeto também mais cansativo (Figura 35).

O documento sugere, então, intervenções nas escadarias, que tornem o transitar mais convidativo para os moradores locais, com elementos que promovam a identificação e mobiliários que permitam o usufruto, ampliando a ideia de um espaço apenas de passagem. Em conjunto a isso, é essencial que a iluminação pública seja eficiente, trazendo segurança e conforto, além de travessias de pedestres conectadas às escadarias (Figura 36).



Figura 35 - Escadarias nas condições existentes

Fonte: Adaptado pela autora, 2025, a partir do Manual de Desenho de Ruas, 2023.

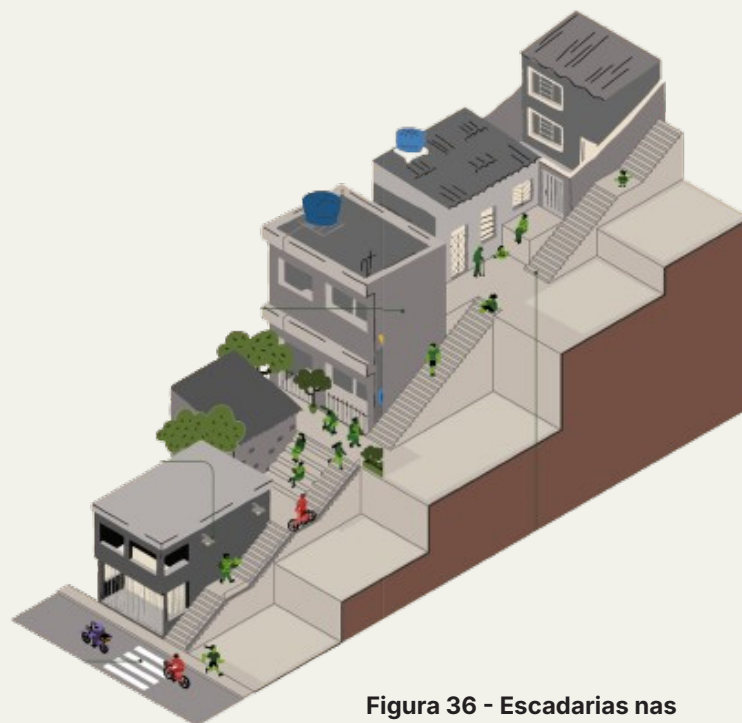


Figura 36 - Escadarias nas condições existentes

Fonte: Adaptado pela autora, 2025, a partir do Manual de Desenho de Ruas, 2023.

A partir do Manual de Desenho de Ruas do Recife (2023), é possível enxergar possibilidades práticas para solucionar os problemas dos eixos viários e de fluxos, tendo em primeiro plano o pedestre e os ocupantes do lugar. A compreensão de que o espaço público qualificado vai além do destino final – como um parque ou uma praça –, englobando também os caminhos a serem percorridos até que se chegue a ele, é o que garante a qualidade da habitabilidade e da paisagem. No caso do projeto de intervenção, os eixos de deslocamento, representados pelas ruas e escadarias, são importantes portais a se atravessar e contemplar, guiando o pedestre e introduzindo-o ao espaço livre público a ser descoberto – no caso da proposta aqui desenvolvida, correspondendo ao campo de pelada.

4.4.2 MANUAL DE ARBORIZAÇÃO URBANA DA CIDADE DO RECIFE, 2013

O Manual de Arborização Urbana da Cidade do Recife (2013) traz diretrizes específicas para o plantio em calçadas, no intuito de que a vegetação e a infraestrutura urbana coexistam de maneira segura, acessível e sustentável. É um documento elaborado pela Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade (SMAS) da Prefeitura do Recife. O Manual tem como objetivo “informar, orientar e definir parâmetros para a elaboração dos projetos e serviços de implantação e conservação da arborização da Cidade do Recife” (Recife, 2013, p. 12).

O Manual traz como algumas das diretrizes técnicas principais a seleção de espécies considerando porte, adequação ao espaço urbano e compatibilidade com redes aéreas e subterrâneas, a padronização de soluções projetuais como dimensões de canteiros, assim como o estabelecimento de corredores ecológicos que conectem áreas verdes (Recife, 2013). Tais direcionamentos servem de guia para o projeto a ser desenvolvido, permitindo que as intervenções sejam acessíveis e adequadas para o contexto em que irá se inserir.

Rebatendo o documento no projeto a ser desenvolvido neste trabalho, é imprescindível entender os parâmetros para arborização de passeios em vias públicas. Na Figura 37 abaixo, tem-se como exemplo o proposto para vias com larguras entre 1,50m até 2,00m. Nesses casos, o Manual sugere alegretes de até 0,60m, para que a faixa de passagem tenha, no mínimo, 0,90m, respeitando as normas de acessibilidade. Para esse tipo de alegrete, sugere-se árvores de porte pequeno e arbustos. Essas dimensões variam de acordo com a largura das calçadas, assim como as espécies arbóreas indicadas, mas a distância mínima entre o eixo da muda e a aresta da guia permanece 0,50m, servindo como direcionamento para qualquer caso.

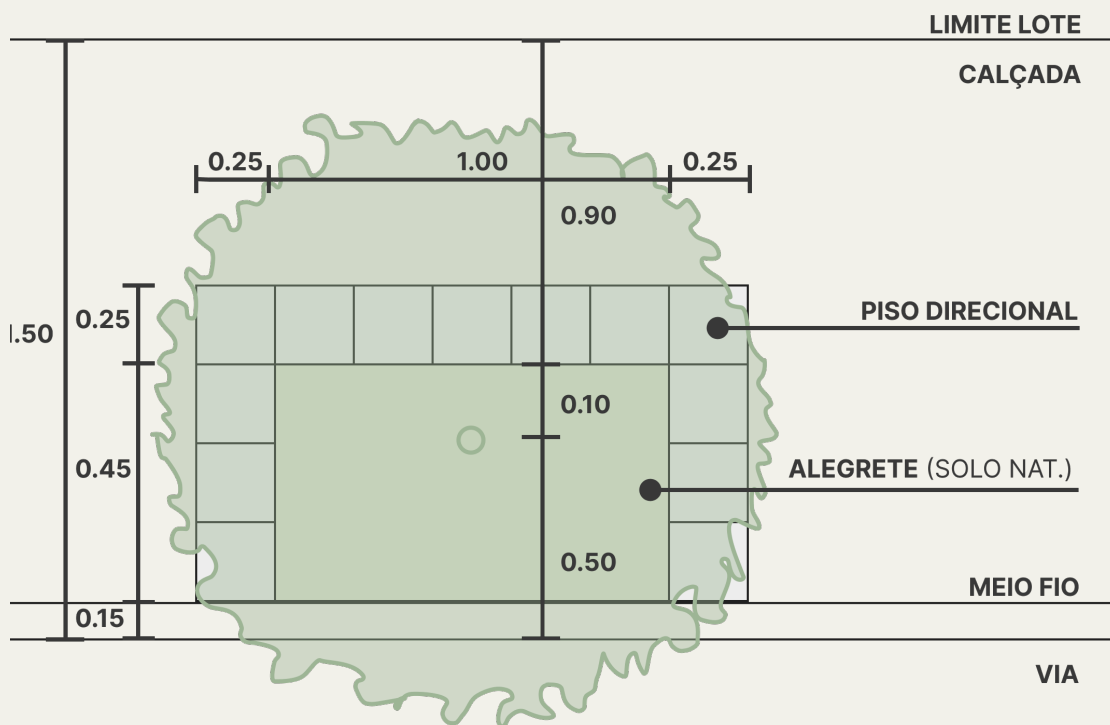


Figura 37 – Dimensionamento de alegretes em vias de 1,50m

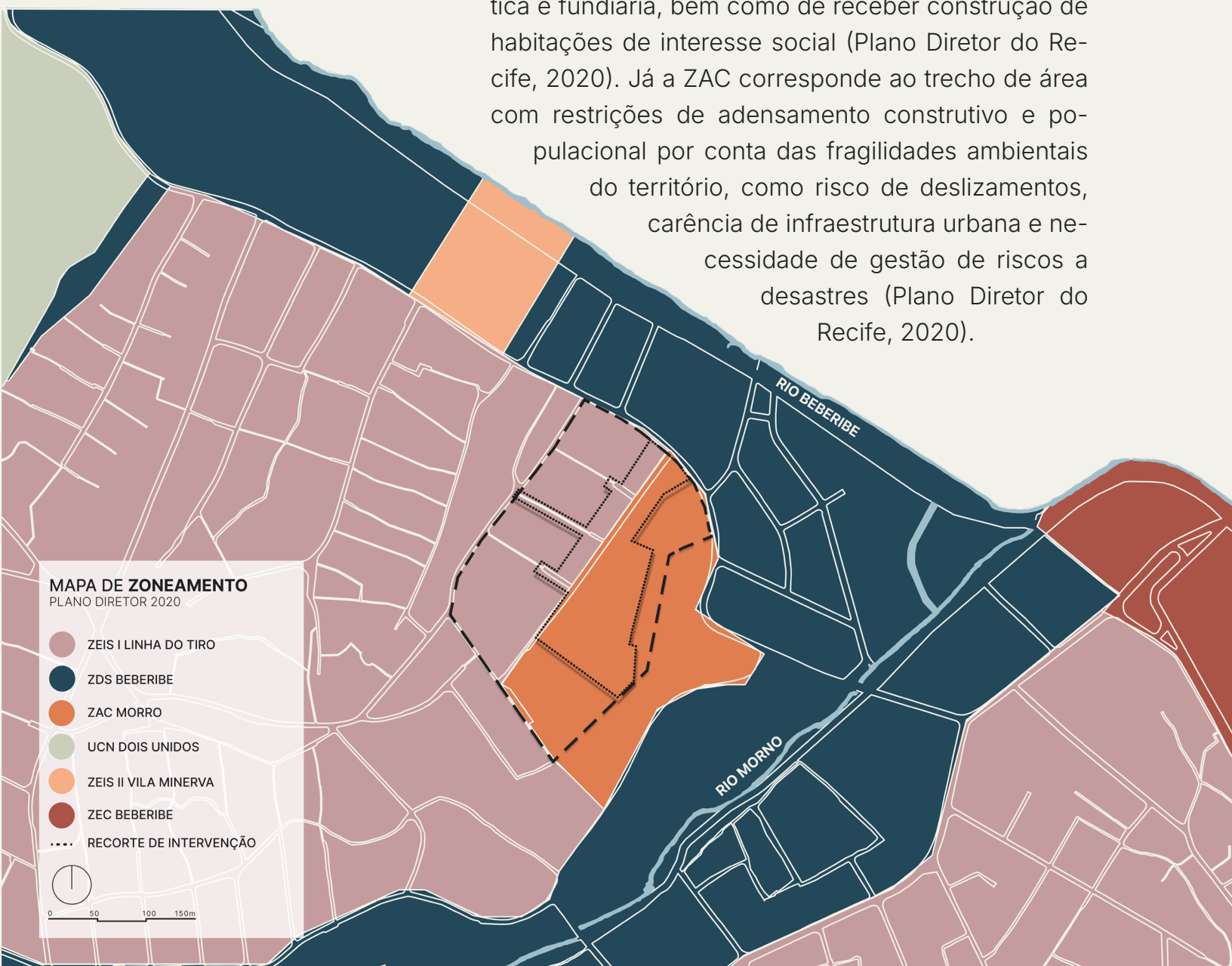
Fonte: Autora, 2025, a partir do Manual de Arborização Urbana da Cidade do Recife, 2013.

4.4.3 PLANO DIRETOR DO RECIFE, 2020

Figura 38 - Mapa de Zoneamento do Plano Diretor 2020

Fonte: Autora, 2025, a partir da Unibase de Recife - PE, com base no Plano Diretor de Recife, 2020.

De acordo com o Plano Diretor do Recife (2020), a área de intervenção projetual se situa na transição entre a Zona Especial de Interesse Social I - Linha do Tiro (ZEIS I) e a Zona de Ambiente Construído - Morro (ZAC), como é possível notar na Figura 38 abaixo. A primeira se caracteriza como uma área com população de baixa renda, com habitações surgidas espontaneamente, consolidadas, sem a presença de riscos ambientais, porém carentes de infraestrutura básica. Essas áreas são passíveis de regularização urbanística e fundiária, bem como de receber construção de habitações de interesse social (Plano Diretor do Recife, 2020). Já a ZAC corresponde ao trecho de área com restrições de adensamento construtivo e populacional por conta das fragilidades ambientais do território, como risco de deslizamentos, carência de infraestrutura urbana e necessidade de gestão de riscos a desastres (Plano Diretor do Recife, 2020).



Além das zonas supracitadas, é interessante destacar as zonas do entorno da área de intervenção, principalmente a Zona de Desenvolvimento Sustentável - Beberibe (ZDS), que existem de acordo com os corpos d'água da cidade. A ZDS Beberibe é caracterizada pela concentração de áreas verdes relevantes, que se associam ao Rio Morno e Rio Beberibe, entre outros (Plano Diretor do Recife, 2020). A ZDS é uma área de proteção ao natural hídrico existente na cidade, que torna possível indagar sobre a potencialidade de se pensar em estratégias que ampliem intervenções desse viés no restante das zonas, para que atuem em conjunto, protegendo e fortalecendo um sistema verde em todo o território recifense.

Por fim, destaca-se a Unidade de Conservação Natural - Dois Unidos (UCN), que são Unidades Protegidas (UP) com atributos específicos dotados de significativo interesse ambiental e amenização climática (Plano Diretor, 2020). A UCN Dois Unidos se destaca como um grande maciço vegetal em área de topografia acidentada, com vegetação remanescente da Mata Atlântica e, por se situar próxima à ZDS, ressalta novamente o potencial de se intervir nas proximidades sob o viés ambiental e paisagístico, fortalecendo os espaços naturalizados em um território marcado por ZEIS e ZAC - áreas de intensa ocupação territorial.

4.5 A PAISAGEM DO LUGAR

Com base em Yázigi et al. (1999) e Gordon Cullen (1983), as visitas in loco foram registradas a partir de fotografias do lugar, em um percurso que contemplou o principal objeto de estudo - o campo de pelada do Barreirão - e seus arredores, seguindo pela Rua Francisco Paulo dos Santos, subindo a escadaria de intervenção e chegando ao ponto mais alto da encosta inserida no recorte. Essa visão serial, que revelou cenas visuais surgidas a partir do movimento no espaço, mostrou como as pessoas que vivenciam diariamente o território se apropriam dele, e quais são suas permanências e mudanças ao longo do tempo.

Essa inserção no local permitiu identificar as propriedades visuais da paisagem do território que, conforme Yázigi et al. (1999), são: “forma, cor, linha, textura, escala e espaço” (Yázigi et al., 1999 p. 167). Em conjunto às propriedades da paisagem, é válido destacar as características da qualidade dela, que vão desde aspectos naturais - como topografia, água, naturalidade - e aspectos surgidos a partir das atuações humanas (Yázigi, Carlos e Cruz, 1999, p. 168). Guiando-se por essa linha de raciocínio, a visita permitiu analisar a paisagem a partir de indicadores para, então, se chegar nas diretrizes projetuais propostas, guiadas pela materialidade encontrada no território.

As fotografias (Figura 39) revelam as linhas e formas - muitas vezes retas e duras, mas também orgânicas -, desenhadas pelas ocupações, eixos viários e componentes naturalizados. Revelam, também, as texturas, com a forte presença da alvenaria aparente - tão presente em comunidades - e da terra batida do Campo do Barreirão, que reforça a dura resistência dos campos de pelada frente às pressões das ocupações. Traz a escala, que se relaciona com o espaço de forma horizontal, destacando a exuberância da encosta e das árvores presentes no recorte de intervenção. Os portais, planejados ou não, que convidam o pedestre e revelam paisagens a serem descobertas, como o de acesso ao Campo do Barreirão, estreito e convidativo, ou os “halls” de acesso às escadarias, ou, ainda, a própria rua objeto de intervenção, com sua diferença de níveis, que convida e revela o que há no seu ponto mais alto à medida que se transita.

Figura 39 - A paisagem revelada do lugar

Fonte: Autora, 2025.





A partir desse contexto, o projeto urbano-paisagístico desenvolvido propõe diretrizes que partem da materialidade do território e das dinâmicas sociais nele existentes, visando potencializar o espaço público como elemento estruturador da paisagem. As intervenções propostas surgem com o intuito de integrar os aspectos naturais e construídos do lugar, tendo o território não mais como apenas suporte físico, mas também como agente determinante da construção do projeto, descortinando o que já existe, conforme propõe Besse (2014), e como sintetiza Tardin (2008):

como lugar da percepção da paisagem, o espaço livre é a parte visível do território, que permite estabelecer relações entre os elementos territoriais e construir uma imagem do lugar, através da possibilidade de reconhecimento e preservação de suas características específicas e, conseqüentemente, de sua qualidade visual (González Bernaldez, 1981; Bolós, 1992; Zoido, 2002, apud Tardin, 2008).



4.6 CHEIOS E VAZIOS

Ao adotar uma escala de análise mais aproximada, focada no recorte específico da intervenção, foi desenvolvido o mapeamento dos cheios e vazios (Figura 40), com o objetivo de identificar as áreas construídas e os espaços livres de ocupação no território. O resultado evidencia um adensamento significativo, marcado pela predominância de edificações de pequeno porte, implantadas de forma irregular, sem parcelamento formal do solo, justapostas entre si e em conformação espontânea.

No que se refere aos vazios, estes são compostos, principalmente, por áreas naturalizadas - como trechos de declive desocupados, bordas de rio e terrenos com predominância de cobertura vegetal -, pelos eixos viários, cuja hierarquia se expressa através das diferentes larguras, e pelas escadaria. Destaca-se, ainda, o campo de pelada do Barreirão, entendido como um vazio ativo e pulsante do território, que abriga práticas de sociabilidade, lazer e cultura.

O mapa permitiu, ainda, compreender a ocupação orgânica nas bordas do campo de pelada, que ameaça o "vazio" e sufoca o espaço. Essas ocupações, por sua vez, surgem a partir de

demandas por moradia, e instalam-se nos poucos espaços viáveis à construção. A mesma lógica se repete na encosta inserida no recorte de intervenção, onde prevalecem edificações precárias, não consolidadas e sujeitas a riscos ambientais. Em contraste, nas edificações que margeiam a Rua Francisco Paulo dos Santos, o padrão de ocupação é notoriamente consolidado e de maior qualidade habitacional, com imóveis de maior porte e fora de áreas de risco.

Compreender a configuração da forma urbana neste trecho torna-se essencial para a formulação de diretrizes projetuais mais assertivas, que respondam tanto aos problemas identificados quanto potencializem as qualidades do lugar. Nesse viés, destaca-se a necessidade de realocação das habitações situadas em áreas de risco, bem como das construções implantadas de forma desordenada ao redor do campo de pelada. A preservação desse "vazio" coletivo é fundamental para garantir a continuidade das práticas sociais, esportivas e culturais que nele ocorrem, assegurando sua permanência como espaço estruturante do território e da vida comunitária.



MAPA DE CHEIOS E VAZIOS

-  CHEIOS
-  VAZIOS
-  RECORTE DE INTERVENÇÃO



0 25 50 75m

Figura 40 - Mapa de Cheios e Vazios

Fonte: Autora, 2025, a partir da Unibase de Recife - PE.

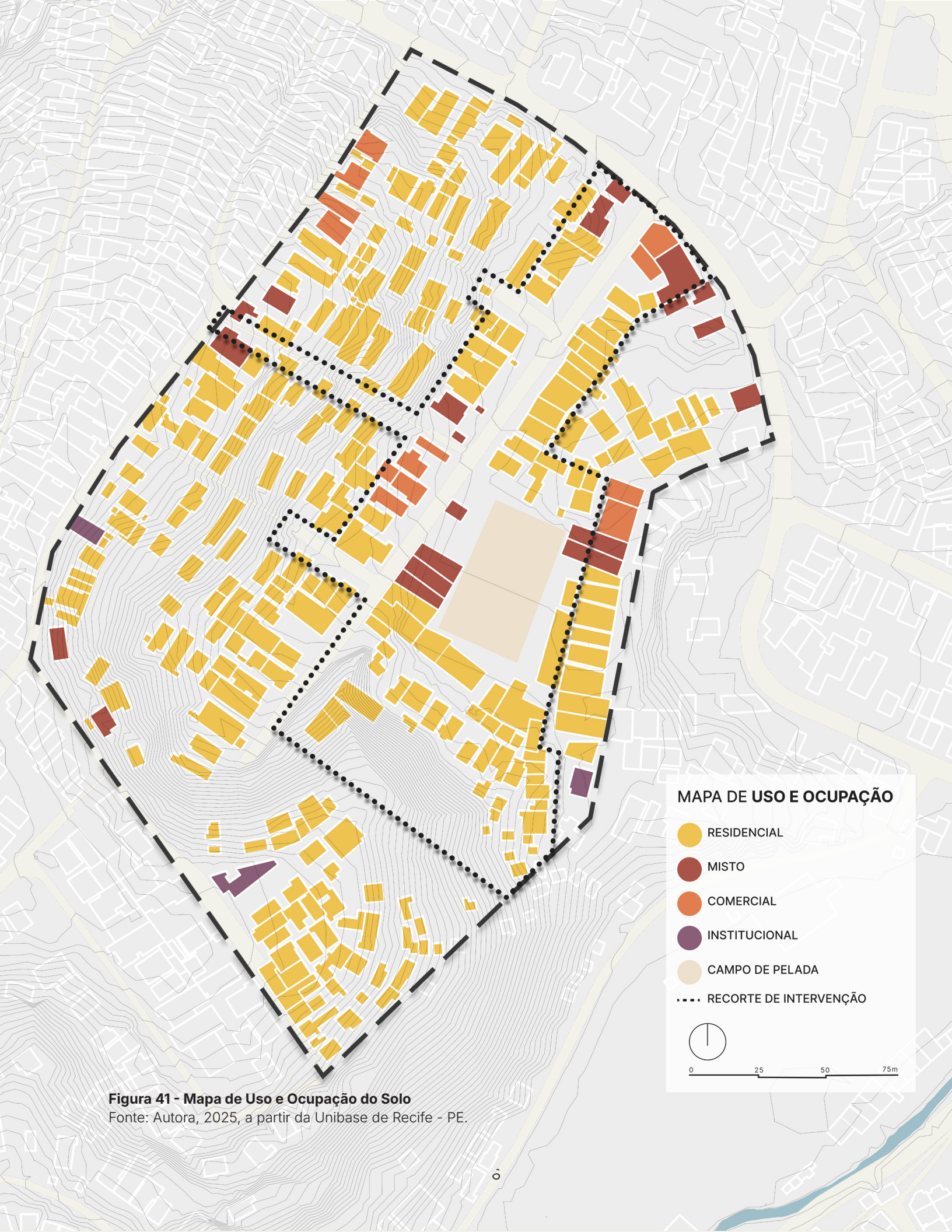
4.7 USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

O Mapa de Uso e Ocupação do Solo (Figura 41) foi elaborado em escala também aproximada, com foco no recorte da intervenção, visando compreender as dinâmicas locais e os modos de apropriação do território pelas diferentes tipologias de uso. A análise revelou a predominância marcante do uso residencial, com demais usos dispersos na área estudada.

Os usos comerciais e mistos concentram-se, principalmente, ao longo da Avenida Hildebrando de Vasconcelos e nas imediações do campo de pelada do Barreirão, conformando áreas de maior vitalidade urbana. Essa concentração é um fator positivo, pois contribui para a dinamização do espaço público e a atração de fluxos diversos de usuários. Ressalta-se, ainda, a presença de usos institucionais, de caráter religioso, como é o caso do Terreiro de Mãe Amara (Ilê Obá Aganjú Okoloyá), localizado à direita do campo e reconhecido por sua importância histórica, cultural e simbólica para o bairro.

A leitura desse mapeamento permite orientar a proposta de intervenção no sentido de equilibrar os usos do solo, sobretudo pela constatação da hegemonia residencial, que, se não acom-

panhada por funções complementares, pode comprometer a diversidade de usos e a vitalidade urbana. Nesse contexto, torna-se estratégica a valorização do uso comercial e misto nas bordas e acessos ao campo, reconhecendo o espaço público como vetor de dinamismo econômico e social. Ao ser qualificado, o campo reforça sua centralidade territorial, estimulando a economia local e promovendo benefícios diretos e indiretos para os moradores do entorno.



MAPA DE USO E OCUPAÇÃO

RESIDENCIAL

MISTO

COMERCIAL

INSTITUCIONAL

CAMPO DE PELADA

RECORTE DE INTERVENÇÃO



0 25 50 75m

Figura 41 - Mapa de Uso e Ocupação do Solo

Fonte: Autora, 2025, a partir da Unibase de Recife - PE.

4.8 MAPA SÍNTESE

Diante das análises desenvolvidas através dos mapeamentos, que revelam as “portas” do lugar - com suas marcas, dinâmicas e camadas -, conforme dito por Besse (2014), fica evidente que a área de intervenção se insere em um território com múltiplas potencialidades, mas também fragilidades urgentes. Soma-se ao desenvolvimento, a análise da paisagem a partir do método proposto por Yázigi et al. (1999) e Cullen (1983), revelando o ambiente urbano e a interação deste com o ser ocupante do espaço, sintetizando o existente e fazendo surgir a proposta projetual. Os caminhos percorridos permitiram, então, chegar ao Mapa Síntese (Figura 42), que resume as características do território que se sobressaltam e direcionam o mapeamento das diretrizes projetuais.

A presença de equipamentos comunitários e culturais no entorno imediato, somado à concentração de instituições escolares, se alia à estratégica localização da área de intervenção, trazendo vitalidade social e reforçando o caráter coletivo. Ademais, a potencialidade do espaço público

Figura 42 - Mapa Síntese
Fonte: Autora, 2025, a partir da Unibase de Recife - PE.



diante da comunidade, conforme trazido por Tardin (2008) e, mais especificamente, dos campos de pelada, ressaltam o olhar para o território de intervenção.

De encontro a isso, a presença da Zona de Desenvolvimento Sustentável às margens do território de intervenção é força motriz para se intervir sob a lógica da natureza e de sistemas verdes, criando eixos paisagísticos conectores. Por fim, é interessante destacar os portais do lugar, que são potencialidades a serem exploradas e fortalecidas, convidando o transeunte a atravessar e se permitir ser atravessado pela paisagem.

Por outro lado, a precariedade dos eixos de fluxo - desde as escadarias até as vias -, que desvalorizam o pedestre e tornam percursos desconfortáveis, e a fragmentação da cobertura vegetal, revelam desafios que devem ser enfrentados através de soluções sensíveis ao contexto do lugar. Ainda sobre aspectos ambientais, a encosta inserida no recorte, que se encontra em processo de erosão, revela a necessidade de uma intervenção que considere sua recuperação, qualificando a habitabilidade ao mesmo tempo em que promova a segurança e evite deslizamentos.

Por fim, destaca-se a ameaça da ocupação orgânica nas bordas do campo de pelada, ameaçando a existência desse espaço público, que é ponto de encontro e de relações sociais. Garantir sua existência é garantir uma dinâmica urbana qualificada. Assim, o projeto proposto se fundamenta na valorização das qualidades existentes, na mitigação das vulnerabilidades identificadas e na promoção de uma conexão mais harmônica entre topografia, natureza e vida urbana.

4.9 MAPA DE DIRETRIZES

As análises desenvolvidas ao longo do diagnóstico territorial culminaram na elaboração do Mapa de Diretrizes, instrumento central que orienta o entendimento sobre como intervir, onde atuar e quais elementos revelar e potencializar. Esse mapeamento é complementado conceitualmente pelos verbos propostos por Raquel Tardin (2008): **acrescentar**, **demarcar**, **conectar** e **enlaçar** (Figura 43), que atuam como fios condutores das intenções projetuais delineadas nesta proposta.

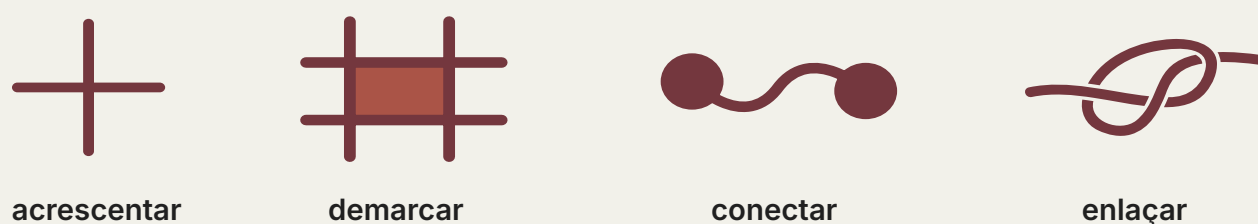


Figura 43 - Elementos direcionadores de intervenção

Fonte: Autora, 2025

No que se refere ao ato de **acrescentar**, Tardin (2008) o define como elementos onde o natural encontra o artificial, funcionando como mediadores que regulam os avanços das intervenções humanas. No recorte de intervenção, a encosta se configura como essa continuidade natural em meio a um território densamente ocupado e marcado por processos de urbanização espontânea. Integrá-lo ao projeto expressa a intenção de valorizar e proteger essa porção da paisagem, garantindo sua permanência de maneira segura, tanto para os habitantes quanto para os ecossistemas locais.

Quanto aos espaços a serem **demarcados**, a autora chama atenção para os limites não estabelecidos que, quando ignorados, podem comprometer os atributos e até a existência de um lugar. O Campo do Barreirão, atualmente cercado por edificações oriundas de um processo informal, encontra-se ameaçado por essa expansão orgânica, especialmente nas áreas de morro. Ao propor um projeto para as “franjas” que contornam o campo, atribuindo-lhes usos definidos, busca-se preservar a integridade desse espaço livre e estimular a apropriação da comunidade local, desfavo-

recendo ocupações individuais espontâneas em detrimento ao uso comunitário bem delimitado e funcional - além de necessário.

No que tange o ato de **conectar**, Tardin (2008) trata da importância das superfícies articuladoras entre diferentes espaços. No recorte estudado, elementos como a rua lindeira, as escadarias e os potenciais portais evidenciam os eixos de circulação existentes e apontam para a necessidade de fortalecimento dessas conexões. Assim, o projeto propõe potencializar tais trajetos, promovendo a continuidade espacial e a fluidez do deslocamento, ao mesmo tempo em que qualifica o percurso e amplia a legibilidade do território.

Por fim, a ação de **enlaçar** refere-se à articulação de pontos interrompidos ou ameaçados no tecido urbano, promovendo sua consolidação por meio de estratégias urbanísticas e paisagísticas. No presente trabalho, o Campo do Barreirão é compreendido como esse ponto estruturante a ser enlaçado. O processo de enlaçamento ocorre de forma articulada com os demais verbos propositivos, e tem como objetivo potencializar, proteger e irradiar o valor desse espaço pulsante para todo o entorno. A intervenção parte, portanto, do campo - enquanto nó central - e se expande para as bordas, costurando o recorte de projeto e qualificando o ambiente urbano de forma sensível e integrada (Figura 44).

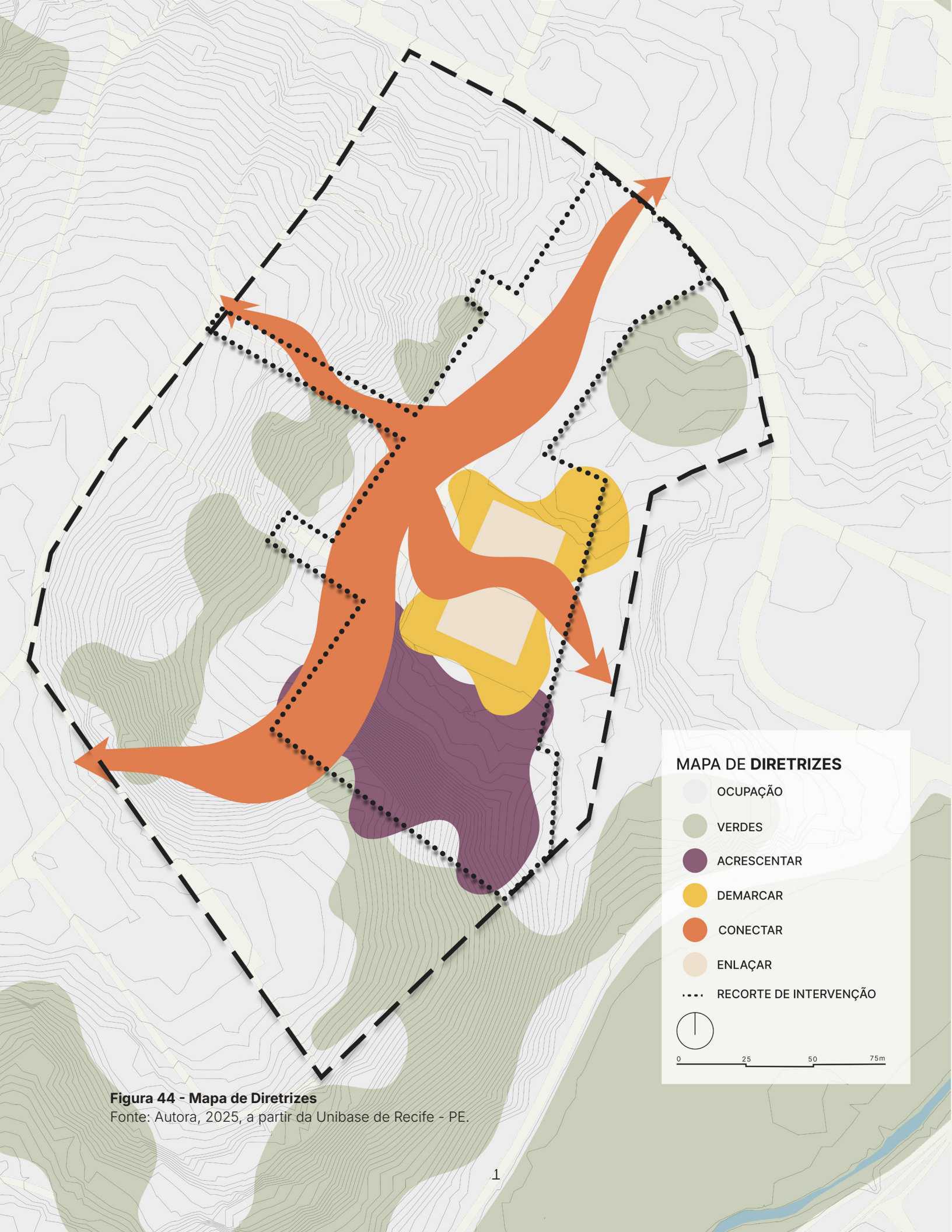


Figura 44 - Mapa de Diretrizes
Fonte: Autora, 2025, a partir da Unibase de Recife - PE.

5 A PROPOSTA

"Os espaços livres são elementos que participam na estrutura visual de um lugar e lhe outorgam características singulares, cuja manutenção favorece a diversidade visual local e significa valorizar algumas permanências depois de um longo processo de artificialização (...) Aquilo que faz com que um lugar seja distinto de outro, porque se constitui de modo distinto e é reconhecido de modo distinto. São elementos singulares que determinam a particularidades locais, sua diversidade e qualidade visual" (Tardin, 2008, p. 51)

É diante da potência dos espaços livres, e após o entendimento do território lócus de intervenção, que se chega à proposta projetual. Tendo como principal condicionante da intervenção o campo de pelada do Barreirão, importante ponto de encontro e atividades do bairro de Dois Unidos, a intervenção se dá de dentro do campo de pelada para fora, abraçando seu entorno imediato e trechos estratégicos, como a rua lindeira e uma das escadarias conectadas à via. Neste capítulo, então, é apresentado o Mapa de Diretrizes - resultado da síntese das forças e fraquezas do lugar -, que resume as intenções projetuais, e o conceito, que guia e direciona o gesto projetual. Por fim, chega-se às soluções de projeto, narradas desde o Programa de Necessidades até as decisões definidoras do traçado.

5.1 CONCEITO

O conceito norteador do projeto de intervenção emerge da dualidade entre dinamismo e estabilidade, elementos que se revelam de forma latente no território analisado. Em uma sociedade em constante transformação, os territórios urbanos acompanham as mudanças, respondendo a novas demandas, fluxos e usos. Esse dinamismo caracteriza-se pela fluidez das relações sociais, pela mobilidade e pelas adaptações que moldam continuamente a cidade. Por outro lado, a estabilidade se manifesta nas permanências que resistem ao tempo - sejam elas materiais, como as características fisiográficas e morfológicas do espaço, ou imateriais, como as memórias coletivas, a identidade e os valores simbólicos associados ao lugar.

Atualmente, no entanto, observa-se um desequilíbrio entre essas duas dimensões: as transformações ocorrem de maneira acelerada, muitas vezes sobrepostas às permanências, o que compromete a integridade de espaços urbanos qualificados, e enfraquece vínculos comunitários (Figura 45). A partir dessa leitura, surge o conceito de “andar e permanecer”, síntese do equilíbrio entre movimento e fixidez, elementos essenciais na construção de um urbanismo sensível às dinâmicas contemporâneas e à preservação das singularidades locais.

O projeto propõe-se a atuar justamente nessa interface, promovendo o equilíbrio entre o efêmero e o permanente. A permanência do Campo do Barreirão é assegurada por meio de uma requalificação urbana e paisagística de sua borda e entorno, valorizando as raízes históricas e culturais do lugar, ao mesmo tempo que se ampliam as respostas às demandas atuais da comunidade. Nesse sentido, destaca-se

Figura 45 - A predominância do cinza diante do verde
Fonte: Autora, 2025.



a inserção do verde como camada fundamental da paisagem, contribuindo para a resiliência ambiental e para a qualidade do espaço público.

Compreende-se, ainda, que o ato de andar pode orientar o ato de permanecer - o deslocamento pode ser o fio condutor da permanência. Assim, a proposta busca integrar os espaços de fluxo - como a rua lindeira, a escadaria e os eixos de circulação - aos espaços de permanência, como o campo, as áreas de lazer e os espaços de estar. Ao transformar os caminhos em percursos paisagísticos, o projeto propõe trajetos convidativos, que não apenas conduzem, mas também acolhem, revelam e convidam à pausa, culminando em um lugar de encontro, de memória e de pertencimento: o espaço para permanecer.

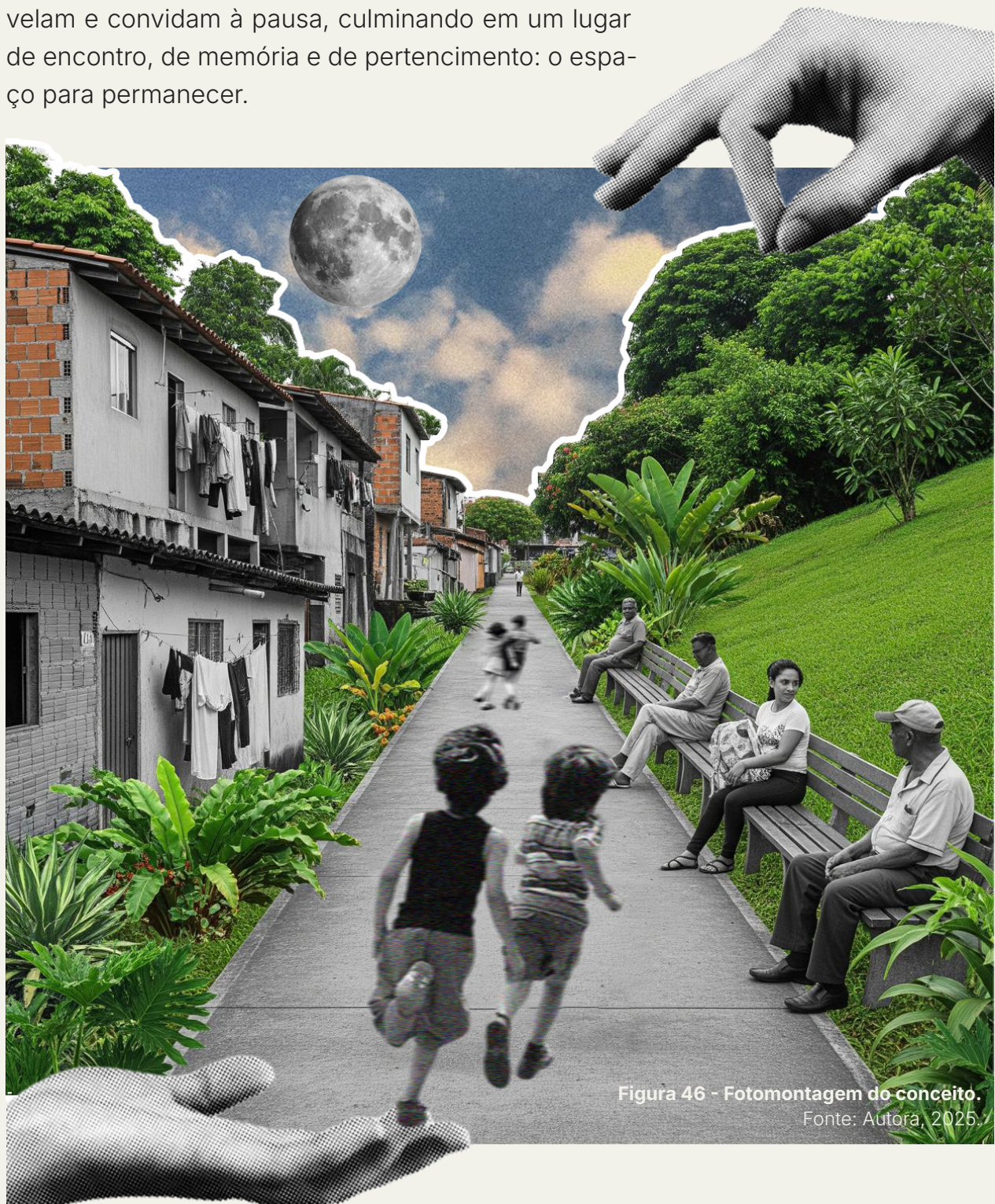


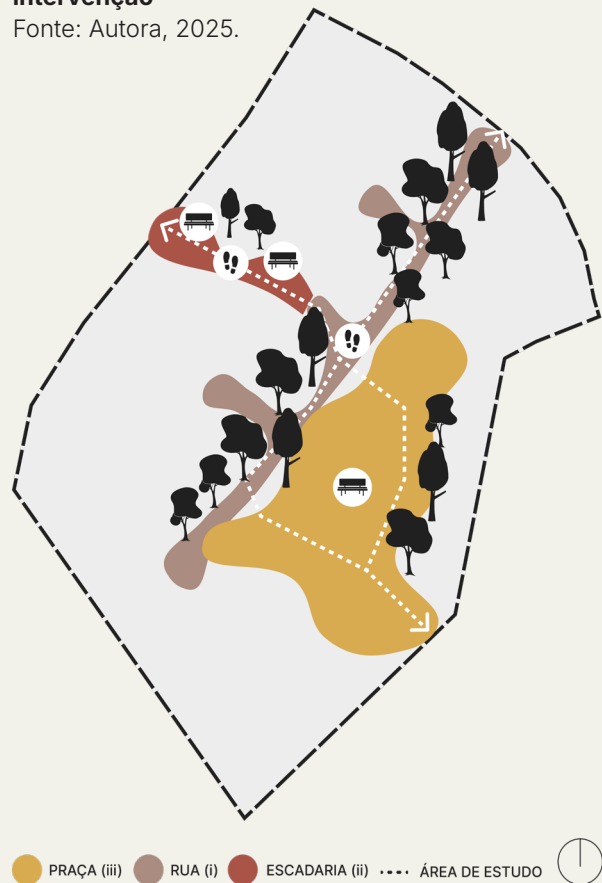
Figura 46 - Fotomontagem do conceito.
Fonte: Autora, 2025.

5.2 PROGRAMA E ZONEAMENTO

A Figura 47 destaca os três eixos principais de intervenção propostos no projeto, que são: **(i)** a requalificação da Rua Francisco Paulo dos Santos, com intervenções que priorizam o pedestre e transformam a via em um eixo paisagístico estruturador, guiando o percurso até a Praça do Barreirão; **(ii)** requalificação da escadaria da Rua Iara Cristina, transversal à Rua Francisco Paulo dos Santos, por meio da criação de espaços de pausa, com o intuito de tornar a travessia mais confortável e integrada à paisagem urbana; **(iii)** intervenção das bordas do Campo do Barreirão, consolidando assim a Praça do Barreirão, um espaço livre público multifuncional, projetado com o intuito de garantir aos moradores da área um espaço de permanência qualificado.

Figura 47 - Diagrama de Zoneamento da intervenção

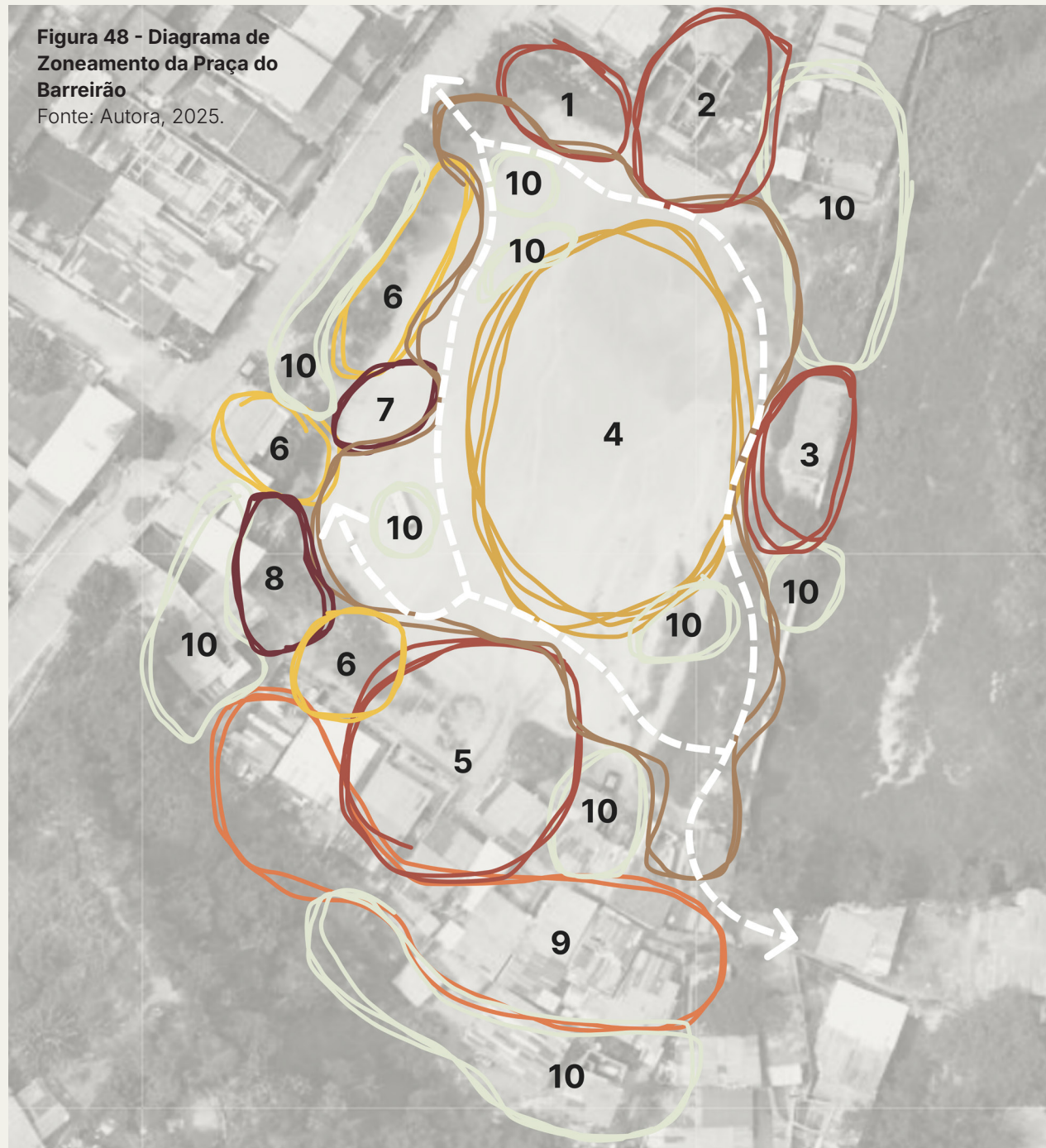
Fonte: Autora, 2025.



No que se refere à praça proposta, o programa projetual foi definido a partir das demandas identificadas no território, resultado direto do diagnóstico aprofundado do lugar. Considera-se, entre outros fatores, a presença significativa de escolas no entorno imediato, que induz o fluxo cotidiano de crianças e adolescentes na região; a proximidade de importantes equipamentos comunitários, como o Terreiro de Mãe Amara e o Centro Comunitário de Dois Unidos, que atuam como catalisadores de diferentes dinâmicas sociais e culturais; e, sobretudo, as carências identificadas no bairro, marcado pela escassez de espaços públicos livres e multifuncionais.

Nesse contexto, a proposta busca transformar a área de intervenção de uma condição passiva e marginal na dinâmica urbana para um papel ativo e estruturante, capaz de participar efetivamente da vida coletiva local. O projeto da Praça do Barreirão pro-

põe novos espaços de estar, percursos qualificados para o transeunte e áreas destinadas à permanência, lazer e convivência, de forma a potencializar a habitabilidade e reforçar o pertencimento dos moradores ao lugar (Figura 48).



1. PICNIC 2. ACADEMIA 3. ARQUIBANCADA 4. CAMPO DE PELADA 5. PLAYGROUND
6. CIRCULAÇÃO VERTICAL 7. COMÉRCIO E MIRANTE 8. COMÉRCIO 9. ESPAÇO MULTIUSO
10. SOLO NATURAL

A proposta de zoneamento resultou em um desenho que centraliza o Campo do Barreirão e distribui espaços de estar, lazer e atividades nos seus arredores. Em um jogo de composição e buscando enverdecer a praça, além de torná-la mais confortável, canteiros se encaixam de forma estratégica (Figura 49). Já sobre as dimensões dos espaços da praça, foram distribuídos da seguinte maneira:

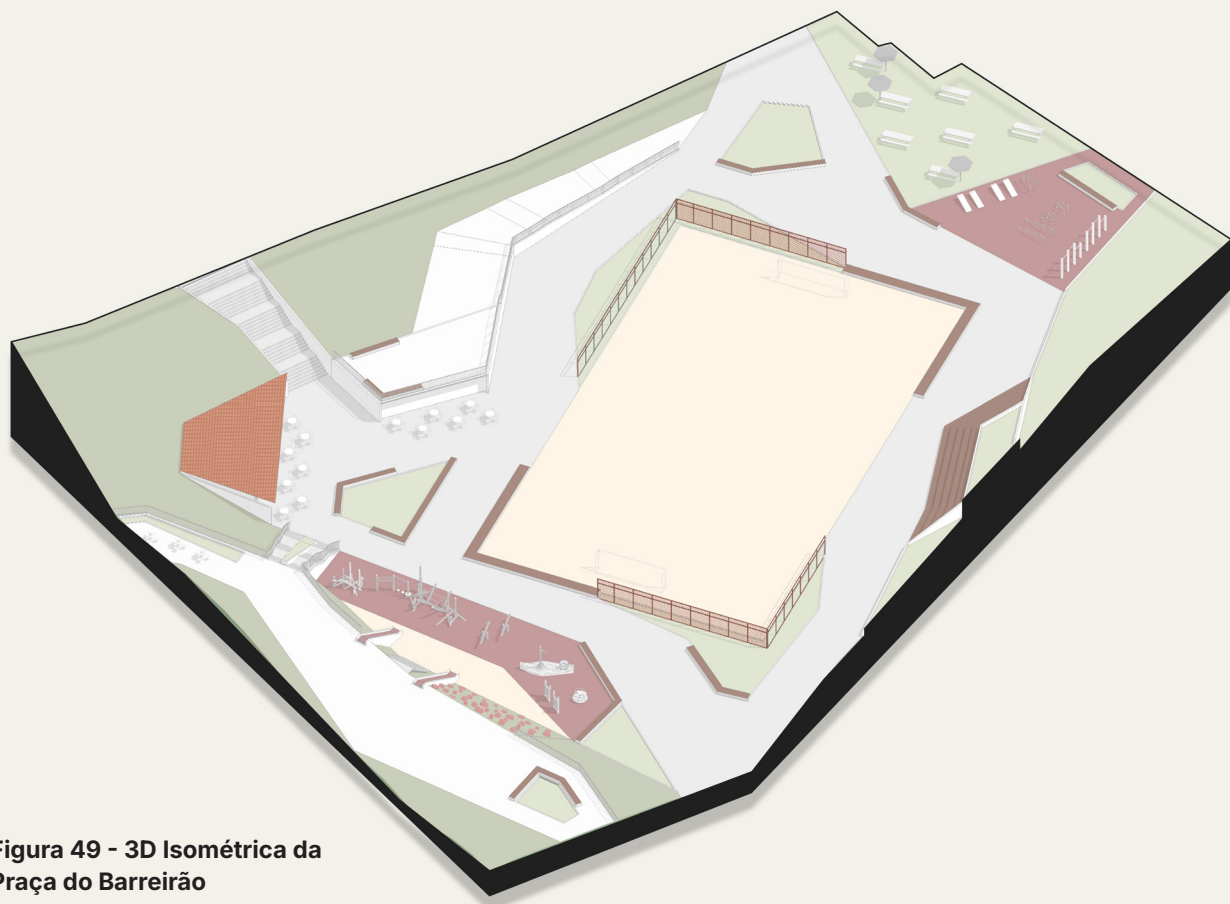


Figura 49 - 3D Isométrica da Praça do Barreirão

Fonte: Autora, 2025.

academia: 220,74m² | arquibancada: 82,60m² | campo de pelada: 1500,00m² | circulação vertical: 327,65m² | comércio : 83,60m² | comércio e mirante: 114,73m² | espaço multiuso: 487,66m² | passeio principal: 2048,66m² | picnic: 322,11m² | playground: 423,12m² | solo natural: 2078,79m²

5.3 CONCEPÇÃO PROJETUAL

A proposta projetual parte da leitura sensível da paisagem do lugar, compreendida como elemento estruturador do espaço urbano, carregada de marcas, histórias, potencialidades e fragilidades. A paisagem, que se torna desenho, não apenas informa, mas também orienta, revelando o que já existe e sugerindo o que falta.

Durante o processo de aproximação ao recorte de intervenção, o Campo do Barreirão emergiu como ponto de destaque, evidenciando-se como núcleo de convergência comunitária e verdadeiro pulso do território. No entanto, as análises revelaram também as ameaças que incidem sobre suas bordas e, por consequência, sobre o próprio campo, comprometendo sua permanência enquanto espaço livre público. Observou-se, ainda, que o entorno imediato não contribui para a valorização do campo, tornando-o um espaço subutilizado e vulnerável à pressão urbana. Diante disso, a proposta se expandiu para além das bordas do campo, incorporando os caminhos que levam até ele - a rua e a escadaria -, configurando um sistema integrado de intervenção: “rua-escadaria-campo-bordas”.

De início, a análise do entorno ime-

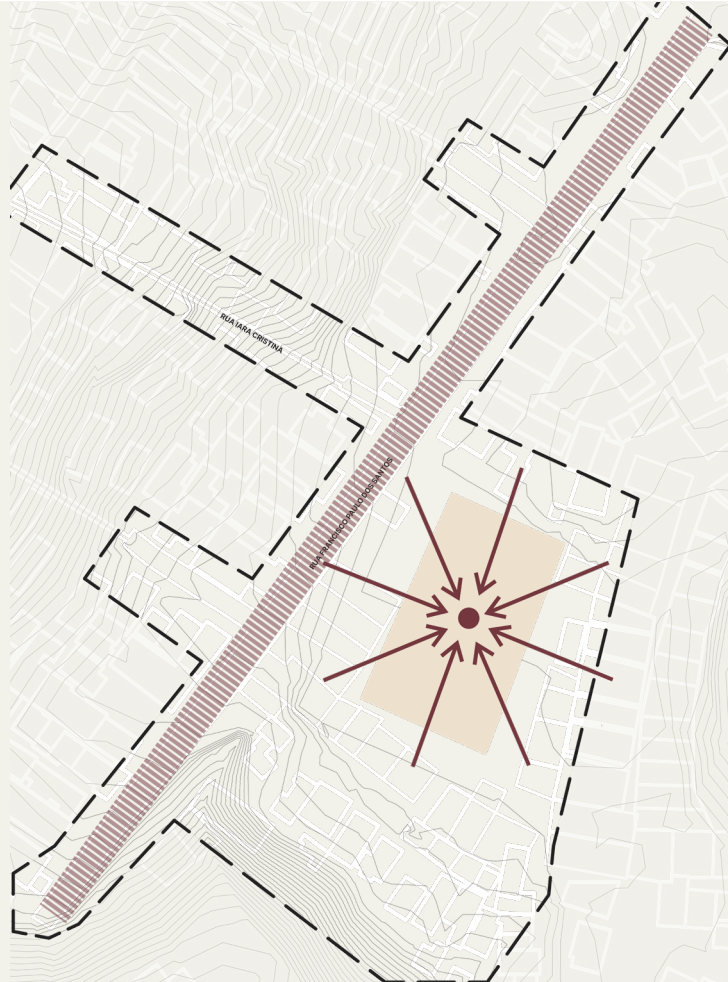


Figura 50 - Situação atual: desconexão dos espaços e ameaça ao campo, influenciado de fora para dentro. Fonte: Autora, 2025.

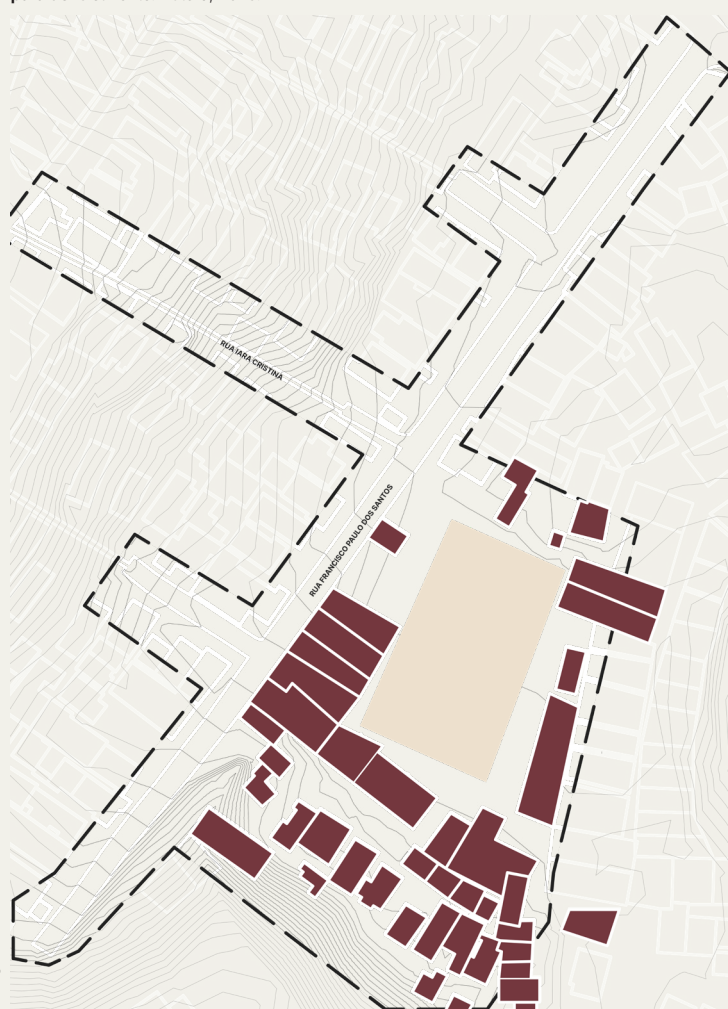


Figura 51 - Demarcar e acrescentar: realocação de edificações. Fonte: Autora, 2025.

diato revelou a necessidade de realocação de algumas edificações situadas às margens do campo, seja por estarem em áreas de risco ambiental, seja para demarcar limites claros e preservar o espaço livre da ocupação orgânica. Essas ações se alinham às diretrizes conceituais do projeto: “acrescentar”, no caso da encosta revegetada, e “demarcar”, ao definir usos claros nas bordas do campo. Se faz imprescindível ressaltar que a área abriga um grande terreno ocioso nas proximidades, o qual possui capacidade para receber um conjunto de habitação de interesse social, garantindo reassentamento digno e próximo às famílias realocadas.

A partir disso e da análise do sistema de intervenção, os portais de acesso ao trecho projetual, até então estreitos e pouco convidativos, revelaram seu potencial como elementos de transição e abertura ao espaço público. A proposta cria novas aberturas na área do campo e suas bordas, conformando a Praça do Barreirão, ao mesmo tempo em que propõe três faixas de pedestre elevadas em pontos estratégicos da Rua Francisco Paulo dos Santos: uma localizada na entrada da rua e duas alinhadas com os acessos principais da praça. Ademais, a intervenção dos caminhos que perpassam por todo o projeto partem do objetivo de tornar o espaço mais convidativo a partir do andar. Sobre a requalificação

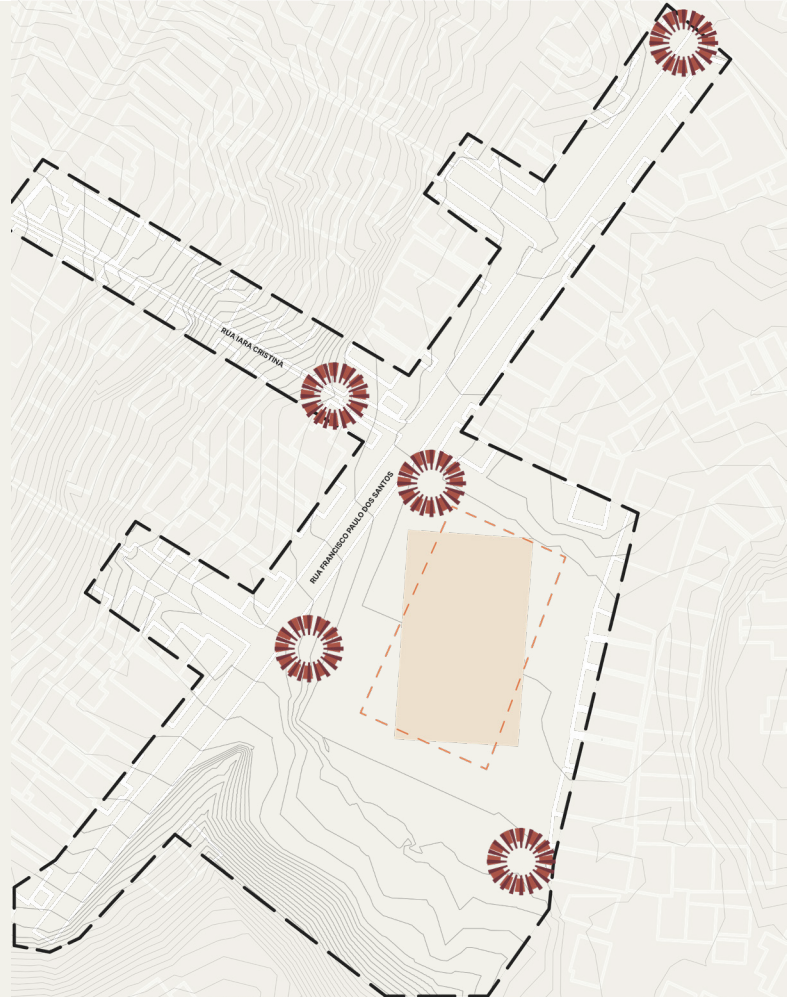


Figura 52 - Potencializar portais e readequar o campo. Fonte: Autora, 2025.

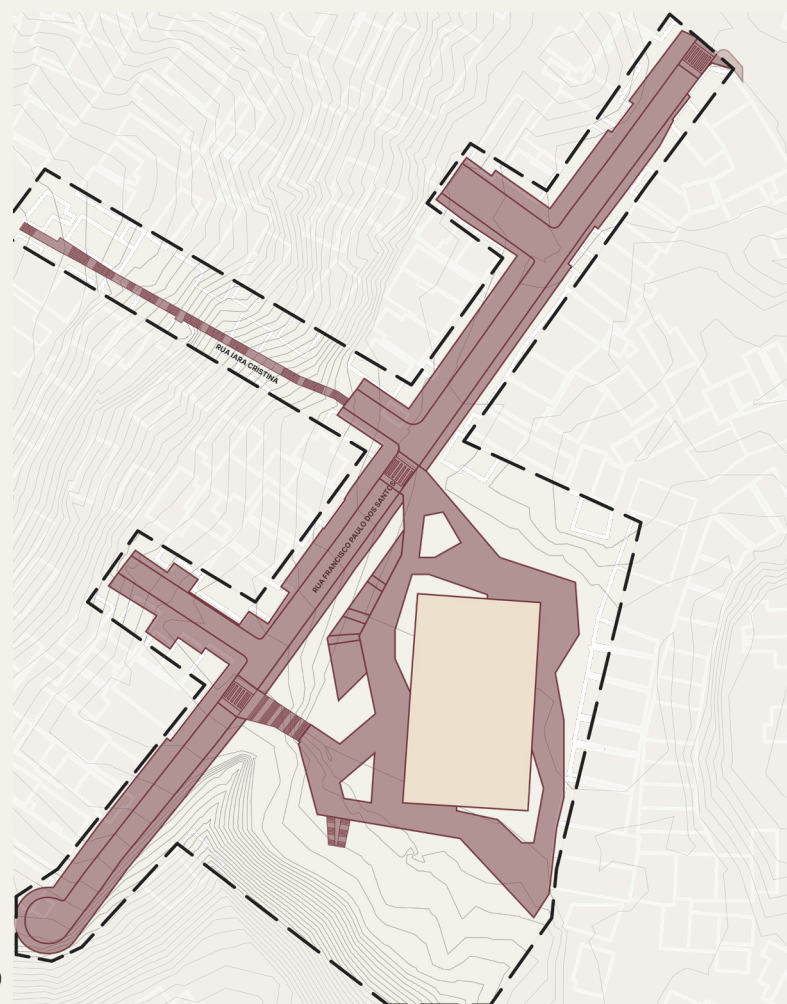


Figura 53 - Conectar: requalificar caminhos existentes e criar novos. Fonte: Autora, 2025.

da rua, essa se apoia na estratégia das chicanas, solução que possibilita o alargamento das calçadas - que se faz necessário diante dos avanços das edificações, ao mesmo tempo que permite a ocupação com mobiliários ou usufruto dos comércios presentes na rua -, a instalação de canteiros arborizados, a organização das vagas de veículo e a criação de espaços de permanência ao longo da via. Com isso, a rua deixa de ser mero canal de passagem e passa a atuar como eixo paisagístico estruturador do projeto.

No que se refere à escadaria, compreendida como eixo de conexão entre diferentes cotas do morro, a proposta reconhece sua importância enquanto elemento estruturante na mobilidade dos morros. Devido às grandes alturas a serem vencidas nesses trechos da cidade, as escadarias geralmente são compostas por muitos degraus sem patamares, tornando o transitar desconfortável. Partindo disso, a escadaria da Rua Lara Cristina é requalificada com a criação de novos patamares de descanso amplos, que não apenas tornam o percurso mais confortável, como também permitem o acesso qualificado às edificações lindeiras. A implantação de dois platôs ao longo do trajeto, posicionados de forma estratégica, amplia o espaço de uso coletivo e proporciona visadas para a paisagem natural, forta-

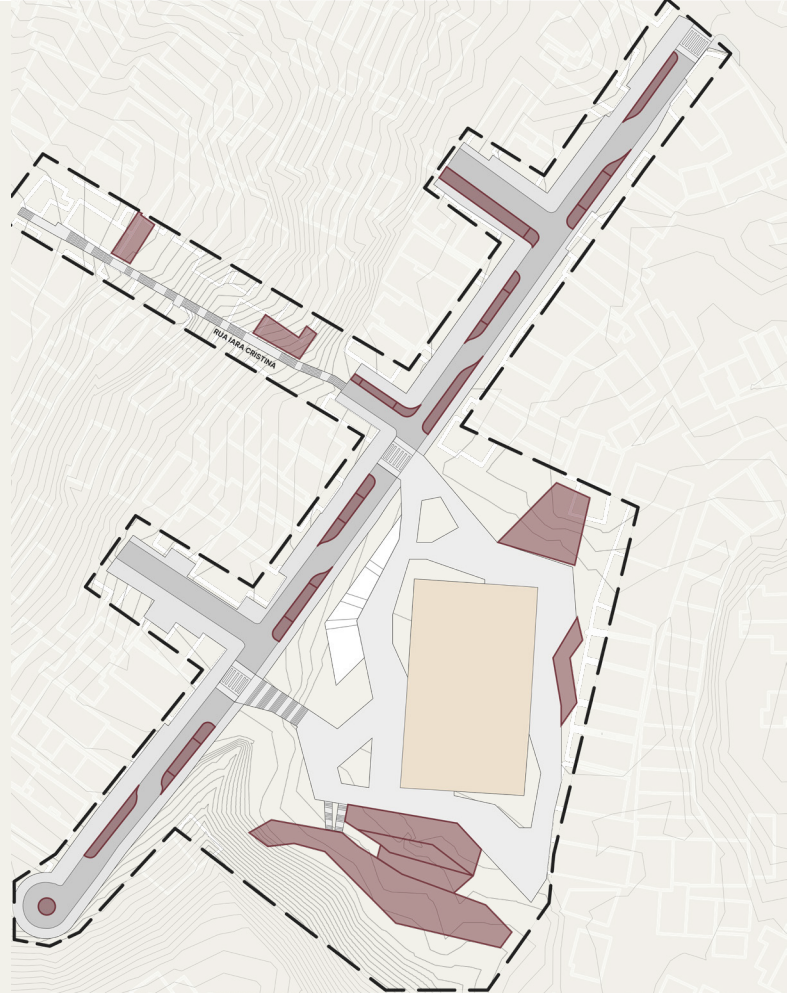


Figura 54 - Delimitação das chicanas e dos espaços de estar e lazer. Fonte: Autora, 2025.

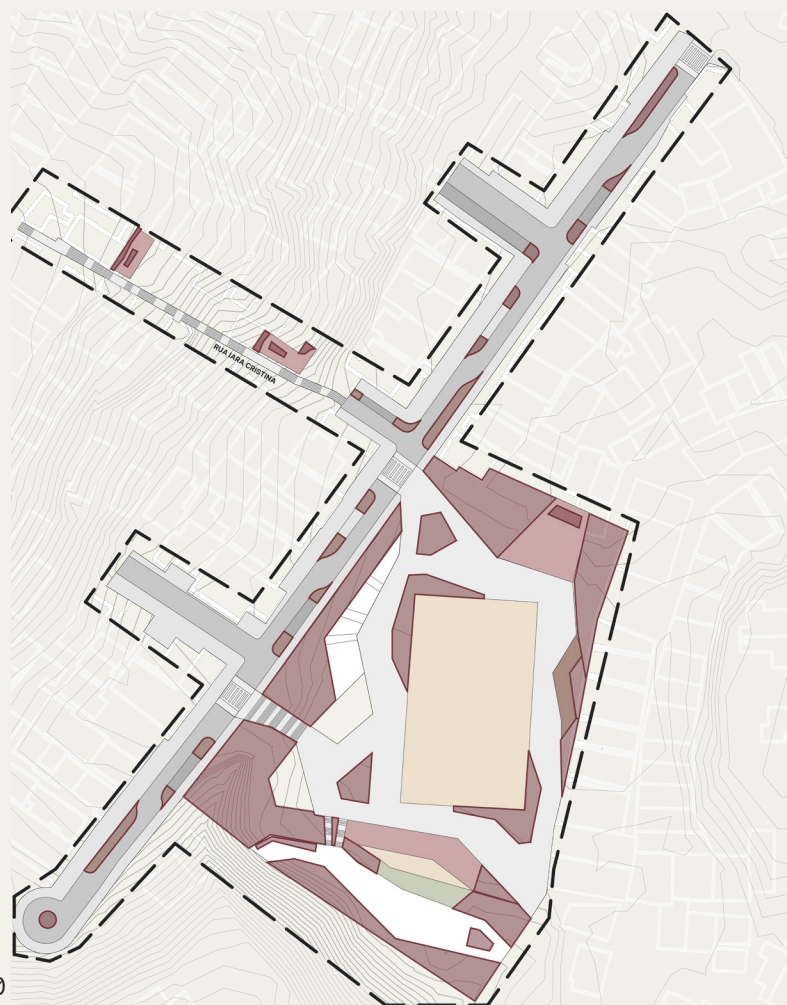


Figura 55 - Inserção dos canteiros e dos taludes com solo natural. Fonte: Autora, 2025.

lecendo o vínculo com o lugar e promovendo o estar em meio ao percurso.

No âmbito da Praça do Barreirão, sua concepção formal inclui o reposicionamento do Campo do Barreirão, que foi redimensionado e rotacionado com o objetivo de melhorar o conforto térmico e favorecer a caminhabilidade. O campo se insere de forma mais fluida na composição da praça, permitindo a criação de um caminho principal amplo e contínuo, que conecta os diferentes setores da intervenção e convida ao caminhar. O desenho do piso, com linhas sinuosas e anguladas, dialoga com a paisagem construída ao redor - marcada por retas rígidas do adensamento informal - e expressa, de maneira sutil, a integração entre o natural e o urbano.

O alambrado recortado ao redor do campo permite a continuidade do percurso principal, funcionando tanto como elemento de proteção quanto de abertura simbólica, reforçando a ideia de que o campo de pelada não é apenas um lugar de futebol, mas sim um espaço de múltiplas vivências. O caminho principal é recortado por canteiros vegetados, que enverdecem a proposta. Além dos canteiros distribuídos ao longo do eixo caminhável, a área de picnic se insere em um trecho de solo natural e a arquibancada é margeada por canteiros que brincam com altura, tendo em ambas as situações a inten-



Figura 56 - Ativar: criação de espaços comerciais e inserção de mobiliário. Fonte: Autora, 2025.



ção de aproximar as pessoas do verde e, no caso dos canteiros mais altos, fortalecer a relação com o relevo original. Soma-se à ao conjunto de solo natural os taludes em grama, com forragem diferente da dos canteiros, criando uma composição de verdes e, novamente, fortalecendo a ideia de que é possível trabalhar com desníveis sem remover a camada vegetal.

Quanto à materialidade, o concreto assume papel central, reconfigurando seu significado: antes símbolo de contenção e rigidez em áreas de morro, aqui passa a representar movimento e direcionamento. Três tonalidades são utilizadas para delimitar os espaços:

- em cinza o caminhar, que contempla o eixo principal da praça - que se expande pela calçada e pelas faixas de pedestre -, a escadaria e as calçadas;
- em branco as áreas de estar e lazer íngremes da praça, sendo elas o mirante e o espaço multiuso;
- em vermelho os locais planos de permanência e lazer, como os platôs, a academia e o playground;
- em madeira alguns dos mobiliários propostos, introduzindo elementos que remetem ao natural, contrapondo à forte presença do concreto.

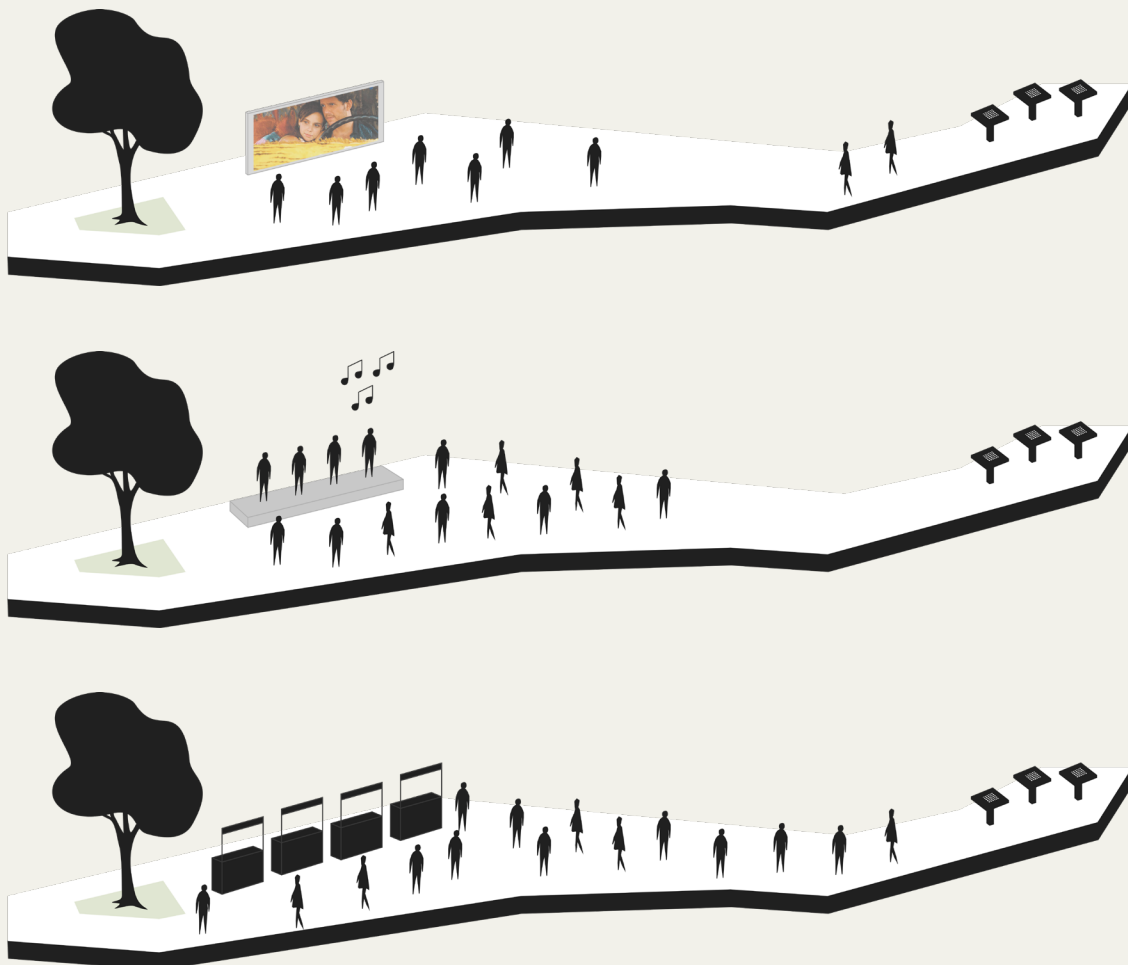
A replicação desses materiais e estratégias em toda a intervenção reforça a unidade do projeto. Vale destacar, ainda, que a escolha dos materiais nas tonalidades vermelha e branca, inspiradas nas cores do Terreiro de Mãe Amara, reforça o vínculo simbólico com a cultura local e promove pertencimento estético e afetivo ao espaço proposto.

Por fim, destaca-se os usos propostos. Em um território carente de espaços livres públicos qualificados, "enlaçar" o campo de pelada vai muito além de resumir a intervenção apenas nele, então ampliar modos de ocupar a praça proposta é garantir o direito do acesso ao lazer, esporte e atividades a todos. Buscando atender diferentes faixas etárias, a praça conta com:

- área de picnic;
- academia ao ar livre;
- um playground com mobiliário para primeira infância e crianças maiores, além do "muro brincante", estratégia que torna o desnível uma ferramenta do brincar;
- devido à realocação do entorno imediato e entendendo o comércio e serviço como ativador da dinâmica territorial, propõe-se dois espaços comerciais; em

um dos blocos a laje funciona como mirante, criando um novo espaço de convívio e de contemplação para o campo de pelada;

- área para jogos de mesa, com mobiliário fixo;
- espaço multiuso, que permite diferentes apropriações, como feiras e apresentações (Figura 54).



**Figura 58 - Diferentes
apropriações do espaço
multiuso**

Fonte: Autora, 2025.

A proposta, assim, enlaça o Campo do Barreirão ao seu entorno, transformando-o em centro articulador de relações sociais, afetivas e espaciais, promovendo qualidade urbana, integração territorial e pertencimento coletivo.

Figura 59 - Planta de Implantação Geral

Fonte: Autora, 2025.



5.4 PERSPECTIVAS

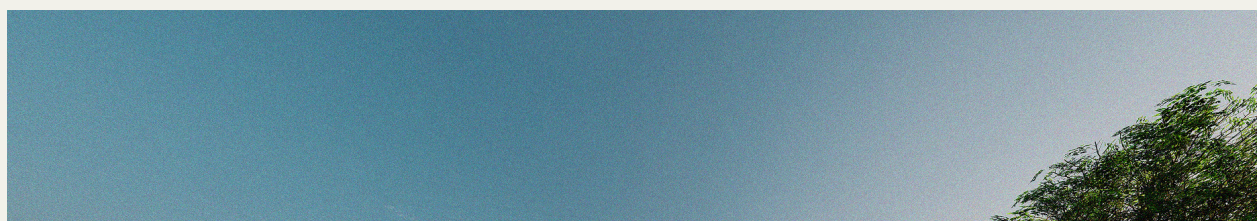




Figura 62 - Campo do Barreirão
 Fonte: Autora, 2025.



Figura 63 - Acesso Praça do Barreirão
 Fonte: Autora, 2025.



Figura 63 - Área de picnic
 Fonte: Autora, 2025.

Figura 64 - Integração Campo do Barreirão
Fonte: Autora, 2025.



Figura 65 - Vista do Espaço Multiuso
Fonte: Autora, 2025.

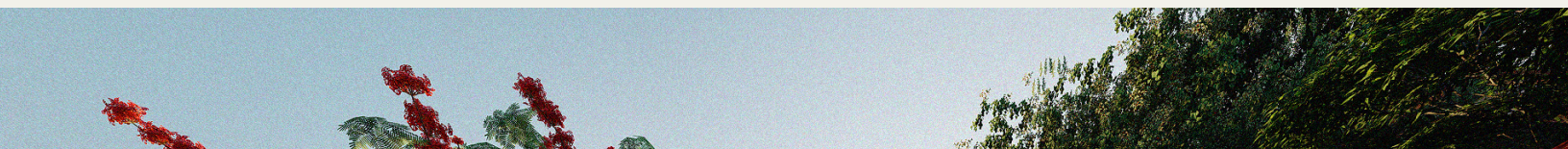




Figura 66 - Comércio
Fonte: Autora, 2025.



Figura 67 - Integração dos espaços da praça
Fonte: Autora, 2025.

Figura 68 - Vista do espaço de academia e picnic

Fonte: Autora, 2025.



Figura 69 - Espaço Multiuso ocupado por feira

Fonte: Autora, 2025.

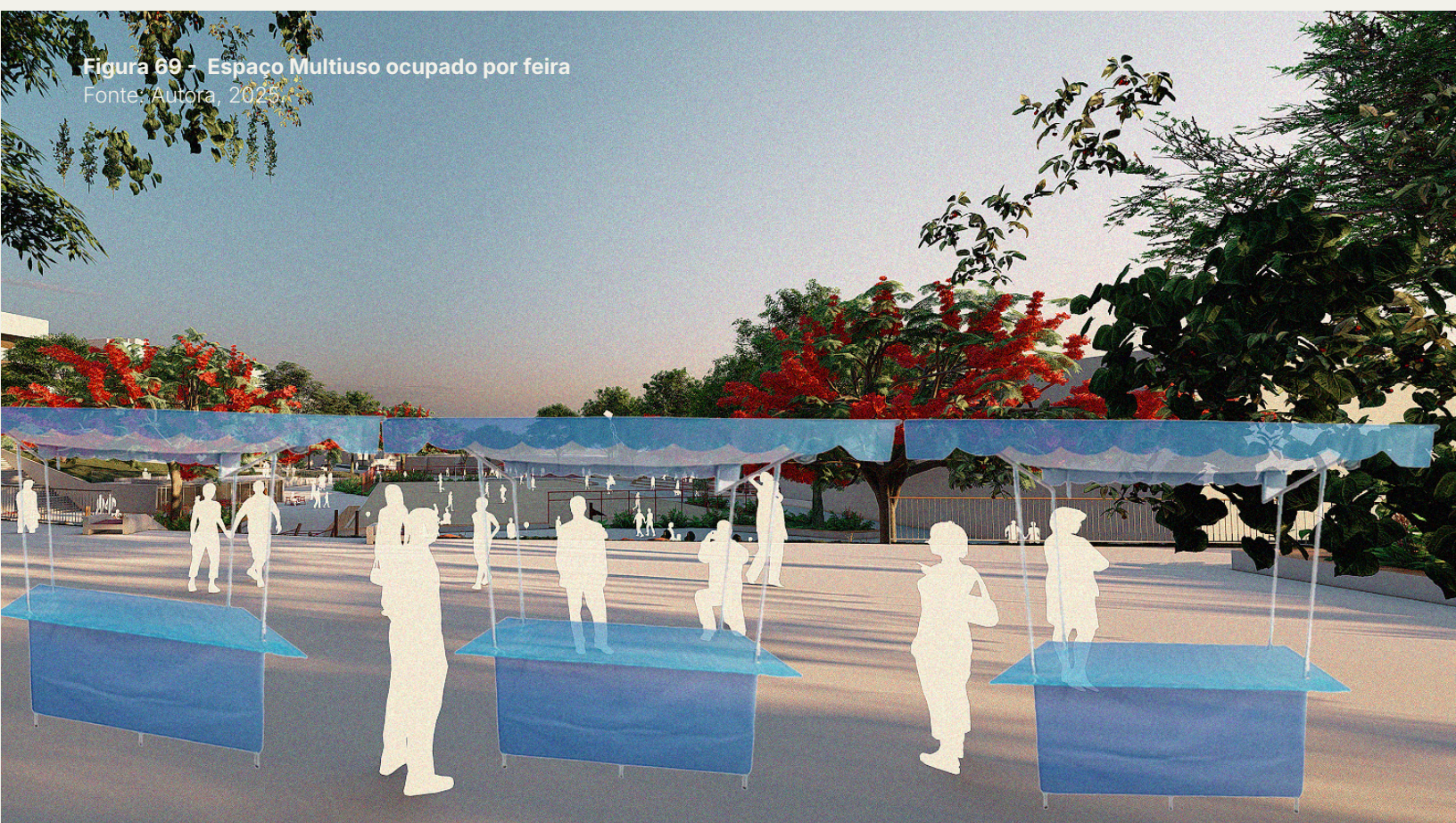


Figura 70 - Escada para Espaço Multiuso
Fonte: Autora, 2025.



Figura 71 - Playground
Fonte: Autora, 2025.



Figura 72 - Acesso para a Praça do Barreirão
Fonte: Autora, 2025.





Figura 73 - Chicana da Rua Francisco Paulo dos Santos
Fonte: Autora, 2025.



**Figura 74 - Rua Francisco
Paulo dos Santos**
Fonte: Autora, 2025.



**Figura 75 - Integração da
Praça com a rua**
Fonte: Autora, 2025.



**Figura 76 - Integração da
Praça com a rua**
Fonte: Autora, 2025.



Figura 77 - Platô 2
Fonte: Autora, 2025.



Figura 78 - Platô 1
Fonte: Autora, 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa surgiu da inquietação em torno dos modos como os espaços públicos se manifestam nas áreas de morro do Recife, revelando-se muitas vezes negligenciados, fragmentados e apartados das dinâmicas cotidianas da população local. A partir da paisagem de Dois Unidos, em Recife, buscou-se desenvolver uma proposta projetual que integrasse atributos materiais e imateriais - como sua topografia, história e cultura - enquanto diretrizes essenciais do processo de desenho e, entendendo o Campo de Pelada do Barreirão como elemento pulsante da vida comunitária, construir uma proposta que potencializasse a paisagem do lugar.

Utilizando de referenciais teóricos como Gordon Cullen, Raquel Tardin, Jean-Marc Besse e Yázigí et al., o trabalho foi orientado por uma abordagem projetual que compreende a paisagem não como mero pano de fundo, mas como matéria ativa de projeto, cuja configuração visual e dinâmica influencia diretamente a forma como o espaço é apropriado, percebido e valorizado, além de destacar o espaço livre público enquanto transformador da habitabilidade local. Nesse sentido, as visitas in loco, os registros fotográficos e as leituras das dinâmicas territoriais foram fundamentais para revelar potencialidades e fraquezas passíveis de melhorias.

A proposta projetual desenvolvida, voltada à requalificação da escadaria, da praça e da rua lindeira ao Barreirão, buscou restabelecer conexões entre os moradores e o território, ressignificando os espaços livres como dispositivos de permanência e pertencimento. O projeto procurou, então, reconectar fluxos interrompidos, valorizar o campo de pelada como centralidade comunitária e âncora das interações sociais, e potencializar o verde das áreas de morro, invertendo a lógica da supressão vegetal atual.

Como desdobramento, tem-se as diretrizes de tratamento de encostas, de forma naturalizada e buscando recuperar a vegetação existente, ao mesmo tempo que

assegure a permanência dos moradores no local. Além disso, o desenvolvimento projetual da proposta de habitação de interesse social, que possa reassentar as famílias relocadas, se torna uma ferramenta necessária ao se tratar da habitabilidade nas áreas de morro, tornando-se um exemplo a ser replicado em outros casos. Ademais, a intervenção proposta na escadaria se destaca como modelo para as demais escadarias, requalificando e tornando possível o transitar pelas regiões acidentadas topograficamente de maneira qualificada.

Apesar das dificuldades encontradas durante o desenvolvimento do presente trabalho, como a carência de informações sobre as áreas de morro recifenses - indo desde levantamentos topográficos atualizados até informações territoriais -, a presente pesquisa consegue atingir seu objetivo geral ao demonstrar que o espaço livre público é um dos elementos centrais na construção da habitabilidade e que, pensar a cidade também a partir disso é garantir territórios justos, sensíveis e igualitários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Roberto Sabatella. **Analisando o Conceito de Paisagem Urbana de Gordon Cullen**. Da Vinci, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 61-68, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/download/54206494/Gordon_Cullen.pdf. Acesso em: 20 de maio 2025.

ALENCAR, Jânio. **A verdadeira história do bairro de Dois Unidos (Recife)**. Vozes da Zona Norte, 19 nov. 2018. Disponível em: https://vozesdazonanorte.blogspot.com/2018/11/a-verdadeira-historia-do-bairro-de-dois_19.html. Acesso em: 29 set. 2024.

ALHEIROS, M. M.; BITOUN, J.; SOUZA, M. A. A.; MEDEIROS, S. M. G. M.; JÚNIOR, W. M. A. (Coord.) **Manual de Ocupação dos Morros da Região Metropolitana do Recife**. Programa Viva os Morros. Recife: Fundação de Desenvolvimento Municipal – FIDEM, 2003.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FOLHA DE PERNAMBUCO. **Terreiro de Mãe Amara recebe título de Patrimônio Cultural Imaterial do Recife**. Folha PE, 11 fev. 2025. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/terreiro-de-mae-amara-recebe-titulo-patrimonio-cultural-imaterial-do/390968/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

FREITAS, R. F. M. de. AZERÊDO, J. de F. F. A. de; CARVALHO, L. T. de; COSTA, R. F. da. **Mapa climático como instrumento para o planejamento urbano**. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, [S. l.], v. 23, 2021. DOI: 10.22296/2317-1529.rbeur.202108pt. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/6358>. Acesso em: 15 ago. 2024.

G1. **Sobe para 128 número de mortos após corpo de desaparecida devido às chuvas em Pernambuco ser encontrado.** G1 Pernambuco, 3 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/06/03/sobe-para-128-numero-de-mortos-apos-o-corpo-desaparecida-devido-as-chuvas-em-pernambuco-ser-encontrado.ghtml>. Acesso em: 21 jun. 2025.

GEHL, Jan. **Cidade para Pessoas.** 2.ed. Tradução: Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013

GLOBAL DESIGNING CITIES INITIATIVE. **Leadership Accelerator – Street for Kids Program.** [S.l.]: GDCI, 2024. Disponível em: <https://globaldesigningcities.org/leadership-accelerator/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

HALLEY, Bruno Maia. **Catimbolândia: Tramas negras do Xangô na Veneza Americana - Arredores do Rio Beberibe.** 2017.

HALLEY, Bruno Maia. **De Chapéu do Sol a Água Fria: numa trama de enredos, a construção da identidade de um bairro na cidade do Recife.** 2010.

HIJIOKA, A. et al. **Espaços livres e espacialidades da esfera da vida pública: uma proposição conceitual para o estudo de sistemas de espaços livres urbanos no país.** Paisagem e Ambiente, São Paulo, n. 23, p. 117, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/87854/90769>. Acesso em: 28 nov 2024.

LEITE, Ricardo. **RECIFE DOS MORROS E CÓRREGOS: a fragorosa derrota do exterminador de mocambos e sua liga social em Casa Amarela.** In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 2010, Recife. Disponível em: https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270423029_ARQUIVO_RECIFEDOSMORROSECORREGOS.05012010.pdf. Acesso em 15 ago. 2024.

MORAES, Katarina. **Áreas de lazer do Recife privilegiam população mais rica e branca, mostram dados.** JC Online, Recife, 22 set. 2023. Disponível em: <https://jc.uol.com.br/pernambuco/2023/09/15598855-areas-de-lazer-do-recife-privilegiam-populacao-mais-rica-e-branca-mostram-dados.html>. Acesso em: 14 jul. 2025.

PARQUE Bicentenário Ecatepec: Taller Capital. **ArchDaily Brasil**, 17 ago. 2023. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1017842/parque-bicentenario-ecatepec-taller-capital#:~:text=O%20Parque%20Bicenten%C3%A1rio%20%C3%A9%20uma,espa%C3%A7o%20p%C3%BAblico%20cercado%20e%20abandonado>. Acesso em: 21 set. 2024.

PARQUE Manuel Rodríguez Curacautín. **ArchDaily Brasil**, 12 set. 2023. Curacautín, Chile. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1001887/parque-manuel-rodriguez-cura-cautin-jaime-alarcon-fuentes-impulso-arquitectos>. Acesso em: 25 mai. 2025.

PREFEITURA do Recife entrega Praça Criançada na Rua e vias requalificadas no Jordão. **JC Online**, Recife, 7 out. 2024. Disponível em: <https://jc.uol.com.br/pernambuco/2024/10/07/prefeitura-do-recife-entrega-praca-criancada-na-rua-e-vias-requalificadas-no-jordao.html>. Acesso em: 5 jun. 2025.

PREFEITURA DO RECIFE. **Plano de Ordenamento Territorial do Recife**. Recife: Prefeitura do Recife, 2018.

QUEIROZ, Christina. **Como as mudanças urbanas redefinem o futebol de várzea**. Revista Pesquisa FAPESP, São Paulo, mar. 2025. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/como-as-mudancas-urbanas-redefinem-o-futebol-de-varzea/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

RECIFE (PE). Lei nº 18.770, de 29 de dezembro de 2020. Institui o Plano Diretor do Município do Recife, revogando a Lei Municipal nº 17.511, de 29 de dezembro de 2008. **Diário Oficial do Município do Recife**, Recife, PE, 30 dez. 2020. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/2020/1877/18770/lei-ordinaria-n-18770-2020-institui-o-plano-diretor-do-municipio-do-recife-revogando-a-lei-municipal-n-17511-de-29-de-dezembro-de-2008>. Acesso em: 21 maio 2025.

RECIFE (PE). **Manual de desenho de ruas do Recife: um guia para a transformação urbana da cidade**. Recife: Prefeitura do Recife; CTTU, 2023. 398 p. Disponível em: <https://cttu.recife.pe.gov.br/manual-de-desenho-de-ruas-do-recife-0>. Acesso em: 10 maio 2025.

REYNALDO, Amélia. **Origem da expansão do Recife: divisão do solo e configuração da trama urbana**. V Seminário de Investigação em Urbanismo, Barcelona-Buenos Aires, 2013. Disponível em: https://www.suelourbano.org/wp-content/uploads/2017/09/Reynaldo_ORIGEM-DA-EXPANS%C3%83O-DO-RECIFE-Divis%C3%A3o-do-solo-e-configura%C3%A7%C3%A3o-da-trama-urbana.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; MESQUITA Liana. **Espaços livres do Recife**. Recife. Prefeitura, 2000.

SANTANA, J. K. R. de. **Análise evolutiva da ocupação dos morros da cidade do Recife**. Anais do XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana - XVI SIMPURB, v. 1, p. 3754-3768, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simpurb2019/article/view/26767>. Acesso em: 18 ago. 2024.

SANTOS, Rafael Ferreira Dantas. **Rurbanização na periferia: análise da experiência de desenvolvimento local nas comunidades de Dois Unidos e Passarinho**. 2019. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

SILVA FILHO, Herivelto Correia da. **Memória, Identidades Territoriais e Cidadania: Descortinando as geografias populares e conflitos socioespaciais no Médio e Baixo Beberibe**. Pernambuco. 2021.

VASCONCELOS, Ronald; BEZERRA, Onilda. (Org.) **Atlas ambiental do Recife**. Prefeitura da Cidade do Recife/Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente, 2000.

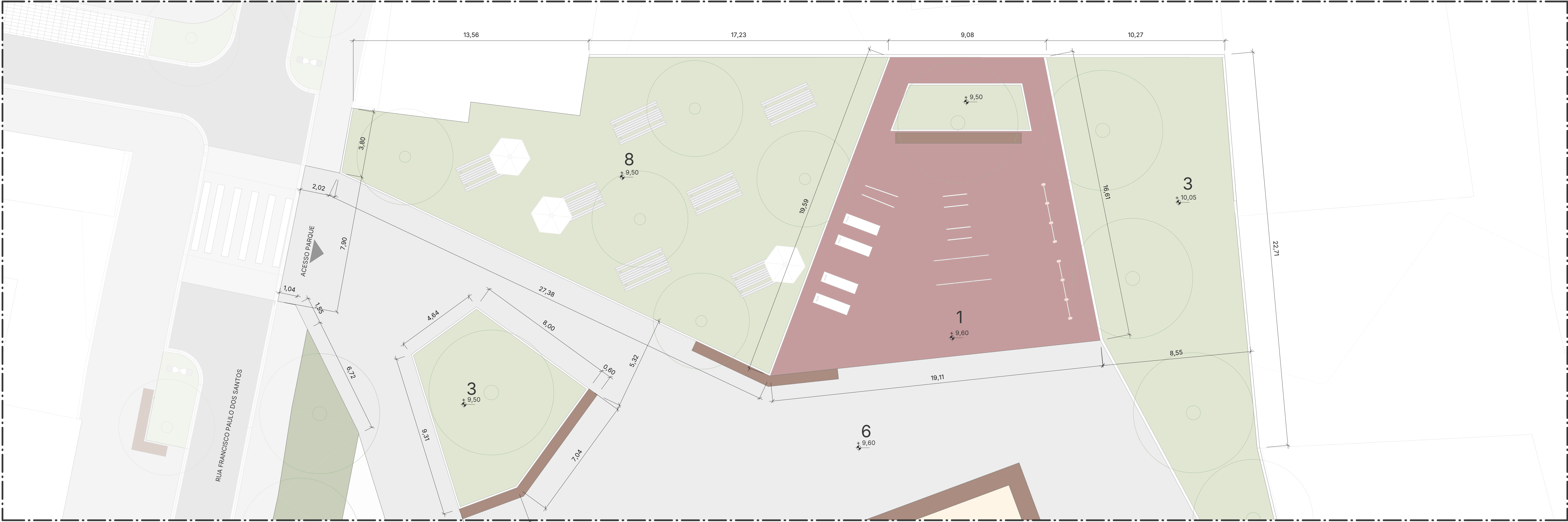
TARDIN, Raquel. **Espaços livres: sistema e projeto territorial**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 43-55; 205-239.

WIKIPÉDIA. Dois Unidos. [S. l.]: **Wikipedia**, [2021]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dois_Unidos. Acesso em: 15 jun. 2025.

WILLIS, Paul. **Learning to Labour: How Working-Class Kids Get Working-Class Jobs**. New York: Columbia University Press, 1977.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana F. A.; CRUZ, Rita D. C. A. D. **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 161-176.

APÊNDICE



TRECHO 1 - PLANTA BAIXA PRAÇA
ESC: 1: 100

TABELA DE ÁREAS - GERAL	
Nome	Área
PLATÔ 1	68,49 m²
PLATÔ 2	57,27 m²
PRAÇA DO BARREIRÃO	7733,49 m²
RUA PROJETADA	4032,18 m²
TOTAL GERAL	11891,43 m²

TABELA DE ÁREAS - PRAÇA	
Nome	Área
ACADEMIA	220,74 m²
ARQUIBANCADA	82,60 m²
CAMPO DE PELADA	1500,00 m²
CIRCULAÇÃO VERTICAL	327,65 m²
COMÉRCIO	83,60 m²
COMÉRCIO E MIRANTE	114,73 m²
ESCADARIA PROJETADA	197,65 m²
ESPAÇO MULTI USO	487,66 m²
PASSEIO PRINCIPAL	2048,66 m²
PICNIC	322,11 m²
PLAYGROUND	423,12 m²
SOLO NATURAL	2078,79 m²

LEGENDA

1. ACADEMIA

2. CAMPO DE PELADA

3. CANTEIRO

4. BLOCO COMERCIAL 1

5. BLOCO COMERCIAL 2

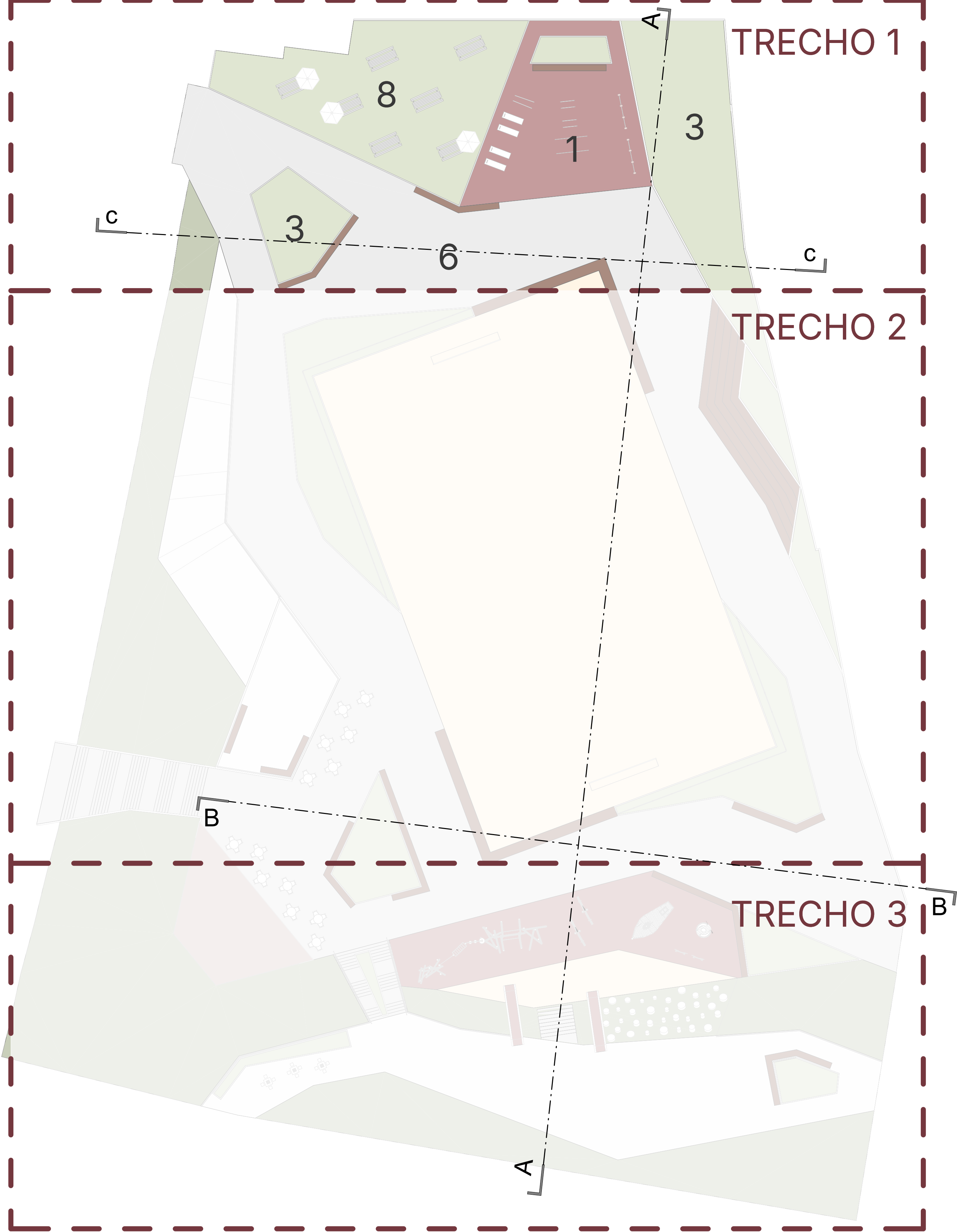
6. EIXO PRINCIPAL
7. ESPAÇO MULTIUSO

8. PIQUENIQUE

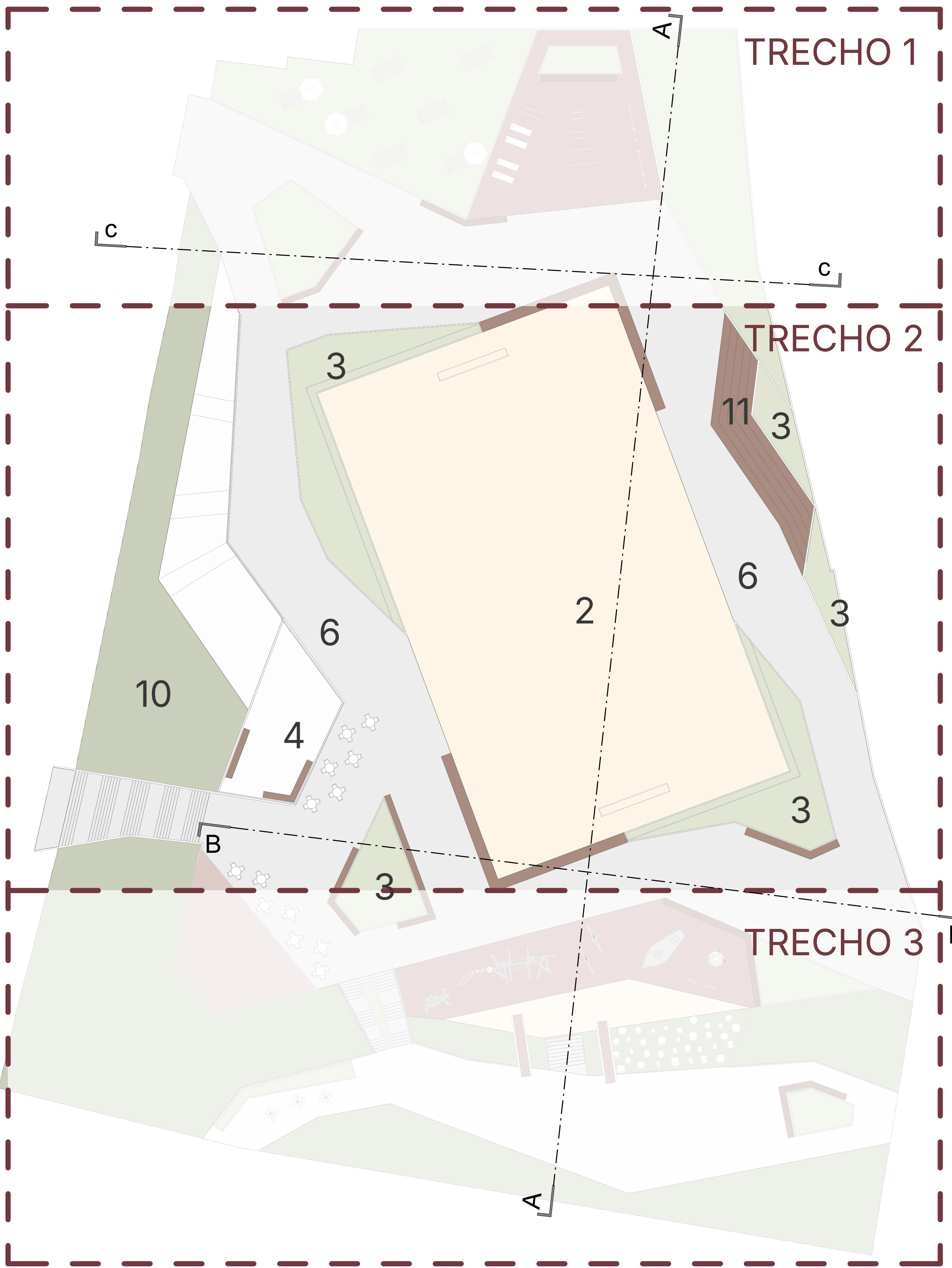
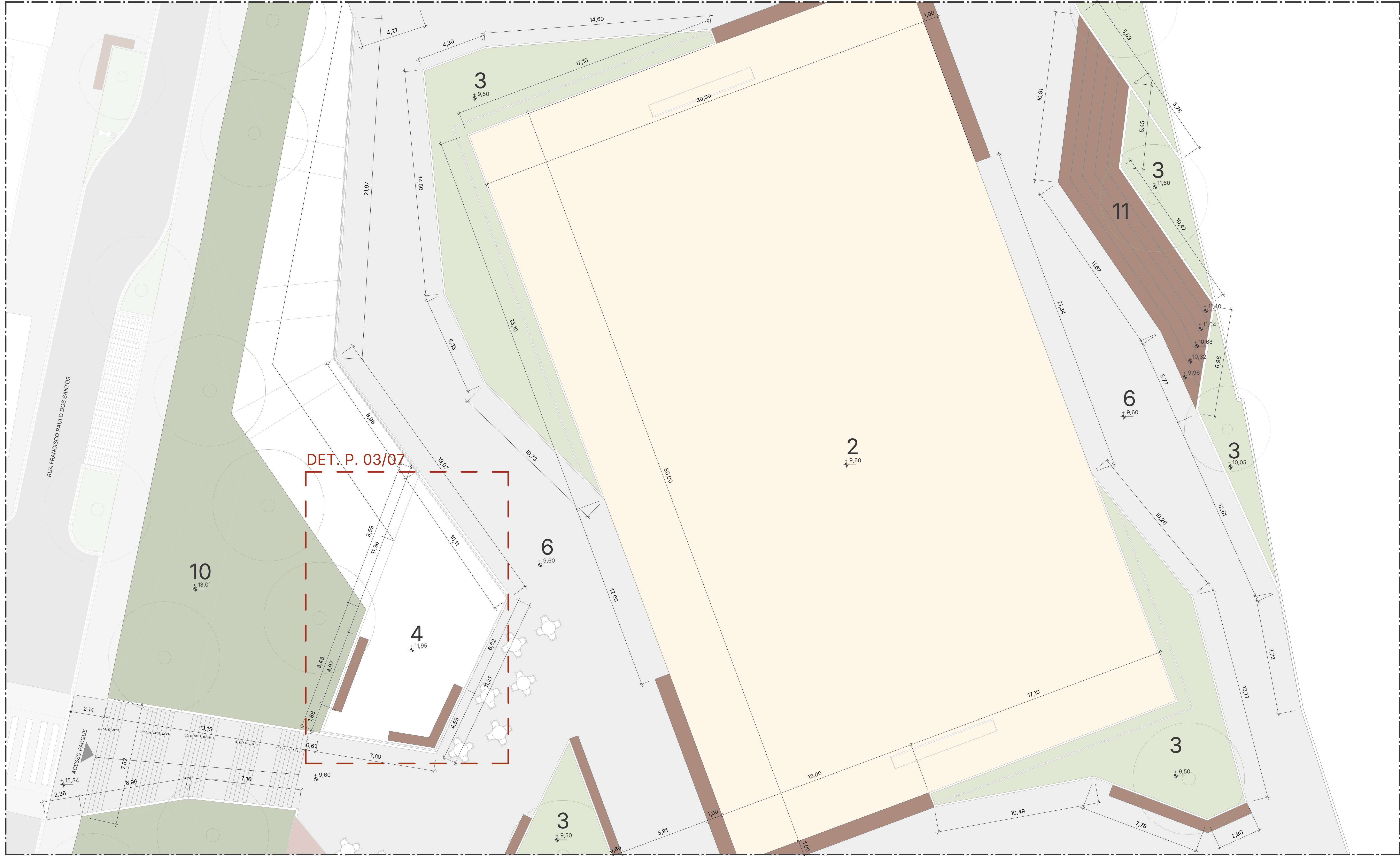
9. PLAYGROUND

10. SOLO NATURAL

11. ARQUIBANCADA

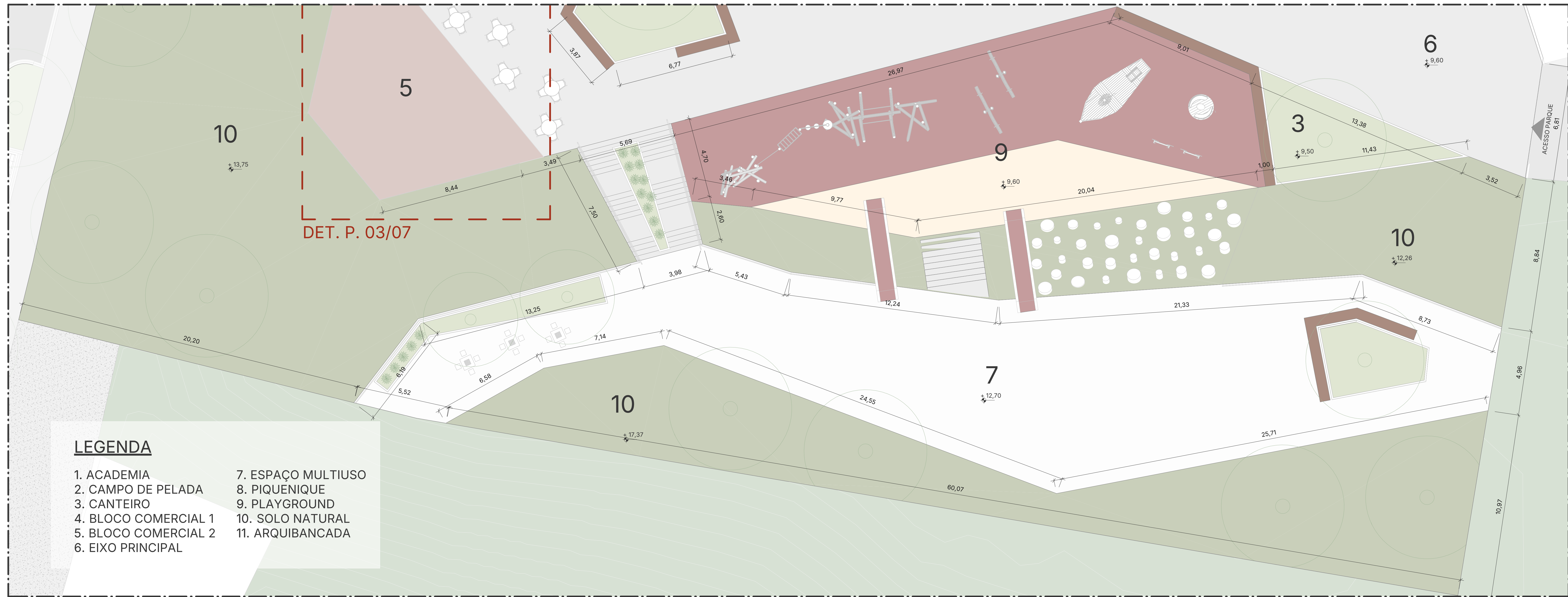


PLANTA CHAVE PRAÇA - TRECHO 1
ESC:1: 250

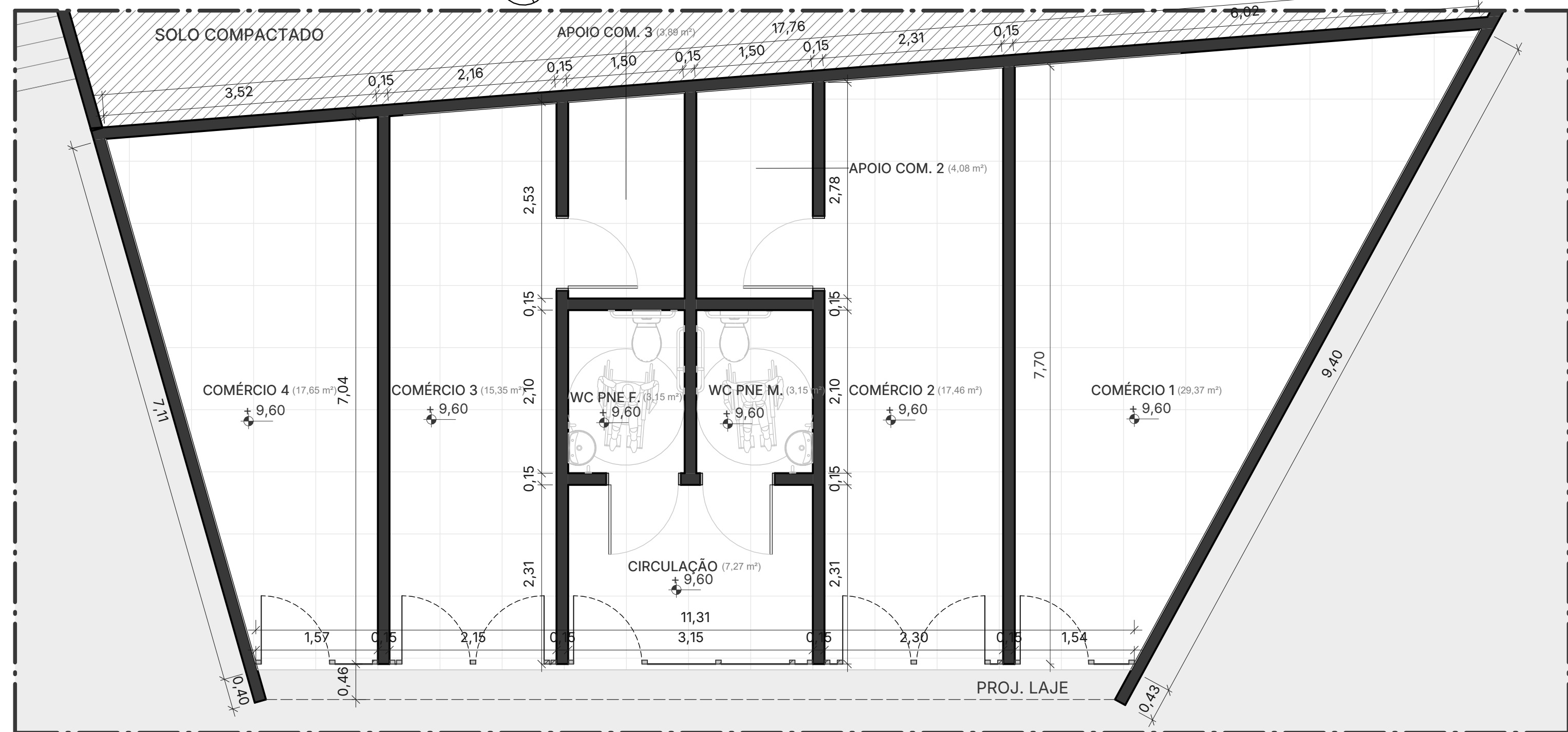


LEGENDA

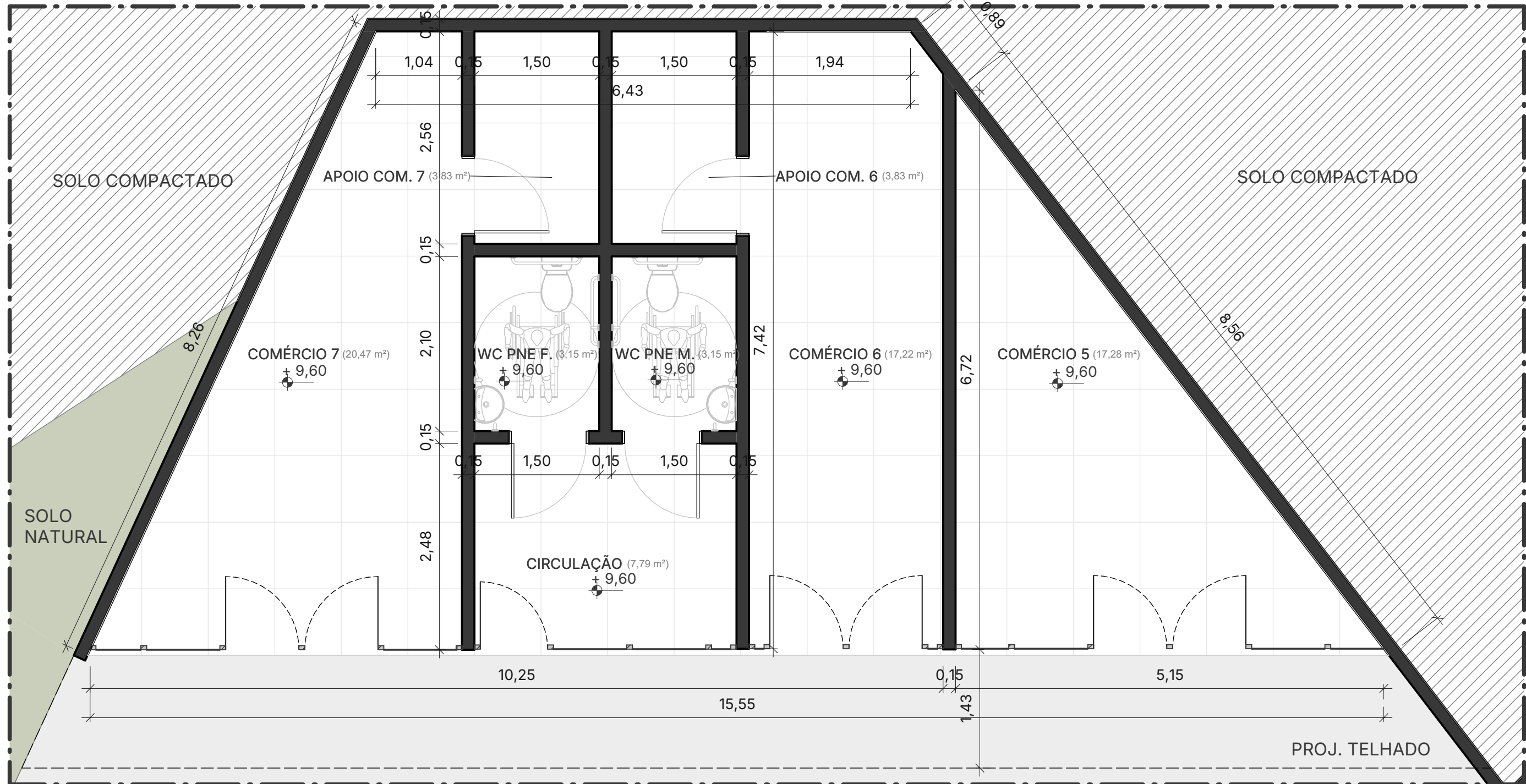
- | | |
|----------------------|--------------------|
| 1. ACADEMIA | 7. ESPAÇO MULTIUSO |
| 2. CAMPO DE PELADA | 8. PIQUENIQUE |
| 3. CANTEIRO | 9. PLAYGROUND |
| 4. BLOCO COMERCIAL 1 | 10. SOLO NATURAL |
| 5. BLOCO COMERCIAL 2 | 11. ARQUIBANCADA |
| 6. EIXO PRINCIPAL | |



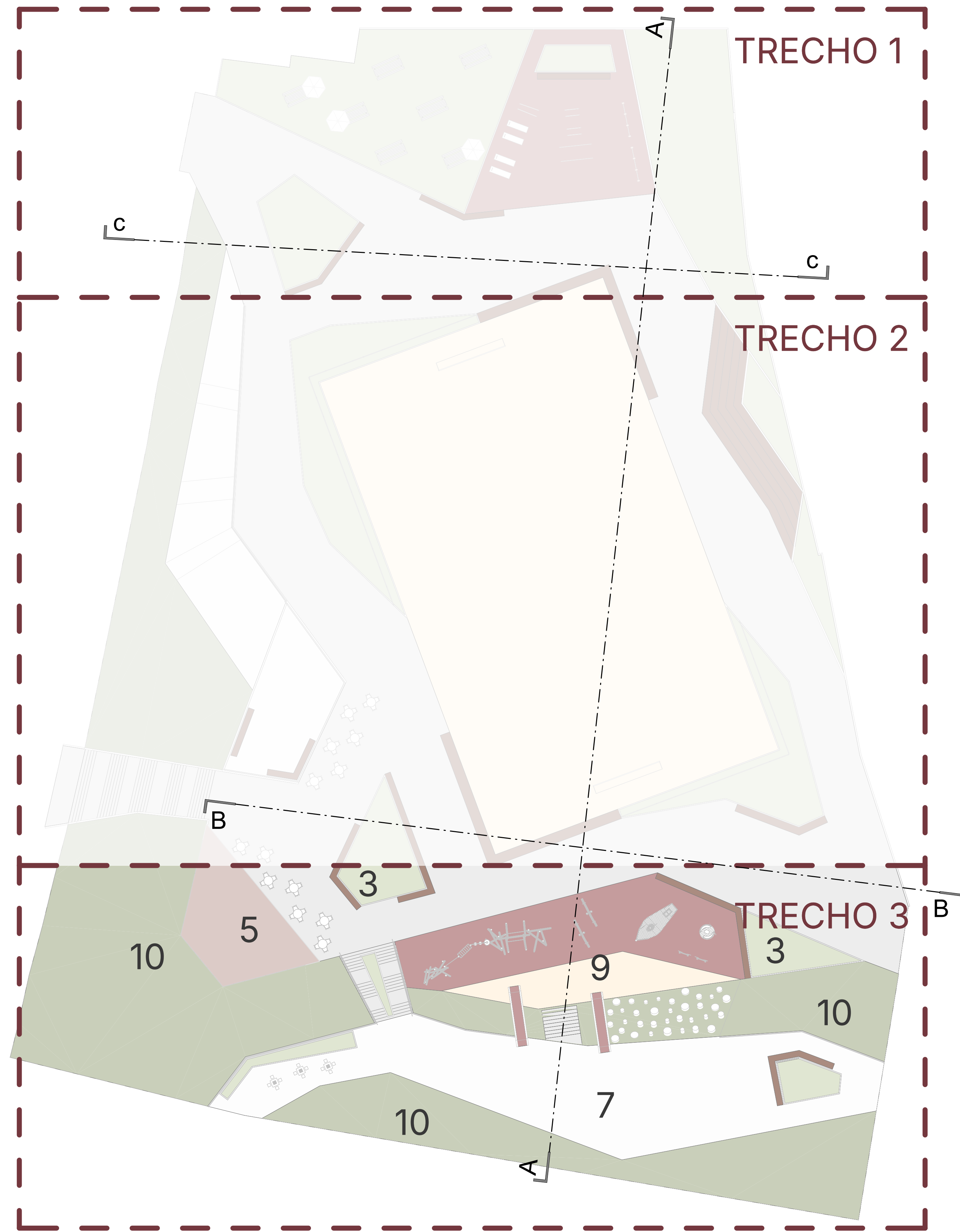
TRECHO 3 - PLANTA BAIXA PRAÇA
ESC: 1: 100



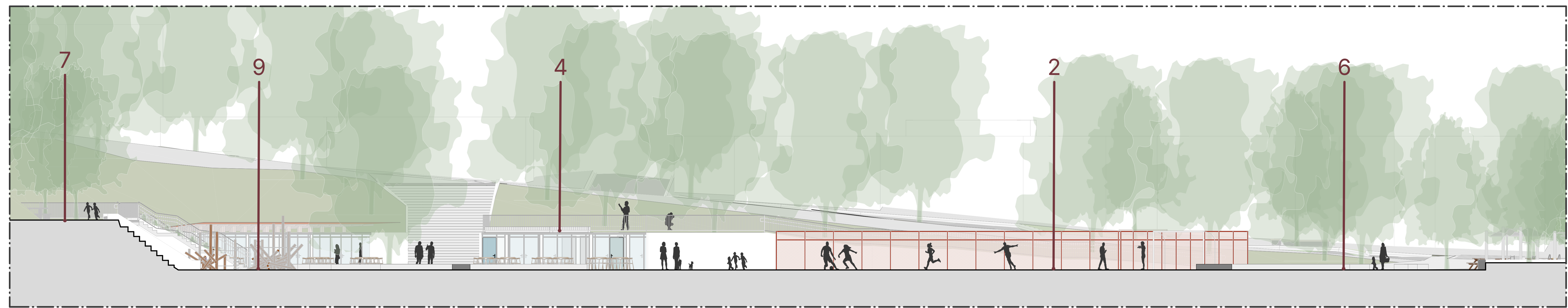
PLANTA BAIXA - COMÉRCIO 1, 2, 3 E 4
ESC: 1: 50



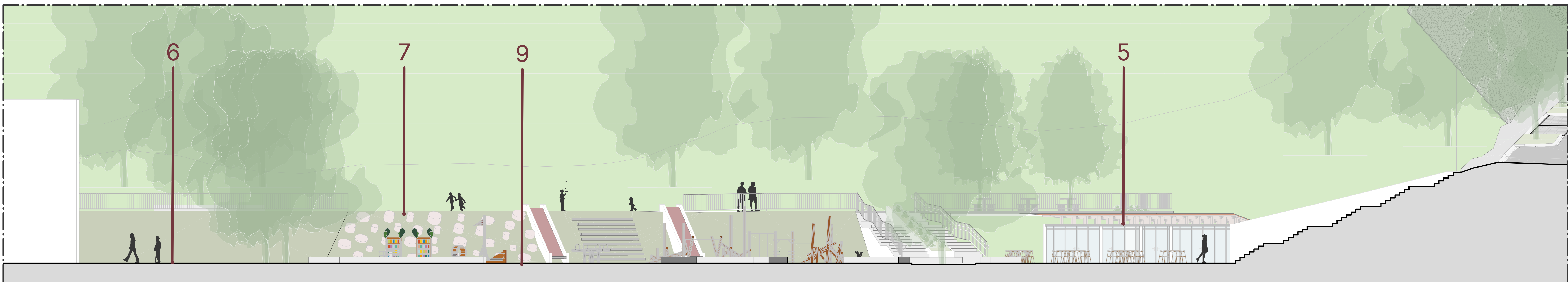
PLANTA BAIXA - COMÉRCIO 5, 6 E 7
ESC: 1: 50



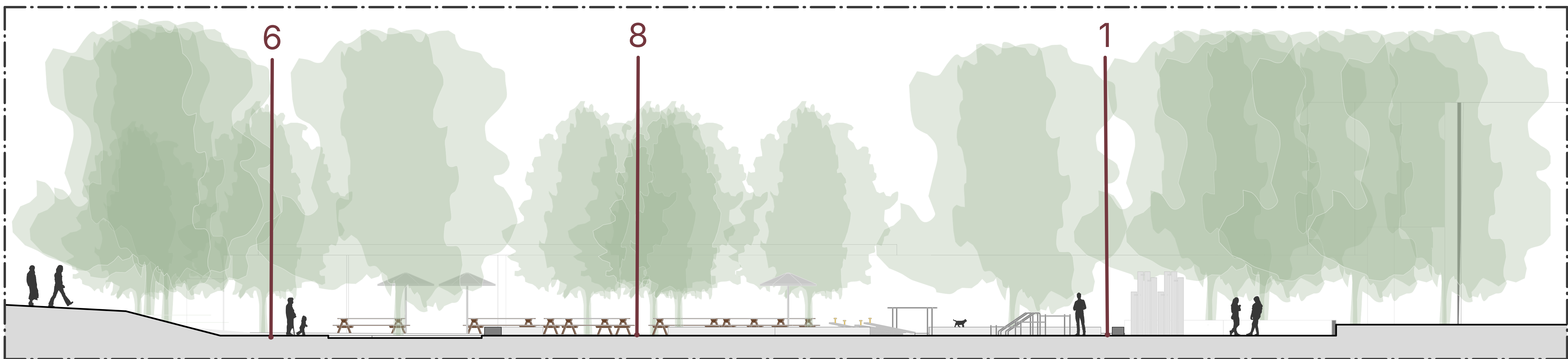
PLANTA CHAVE PRAÇA - TRECHO 3
ESC: 1: 250



CORTE AA - PRAÇA
ESC: 1:100



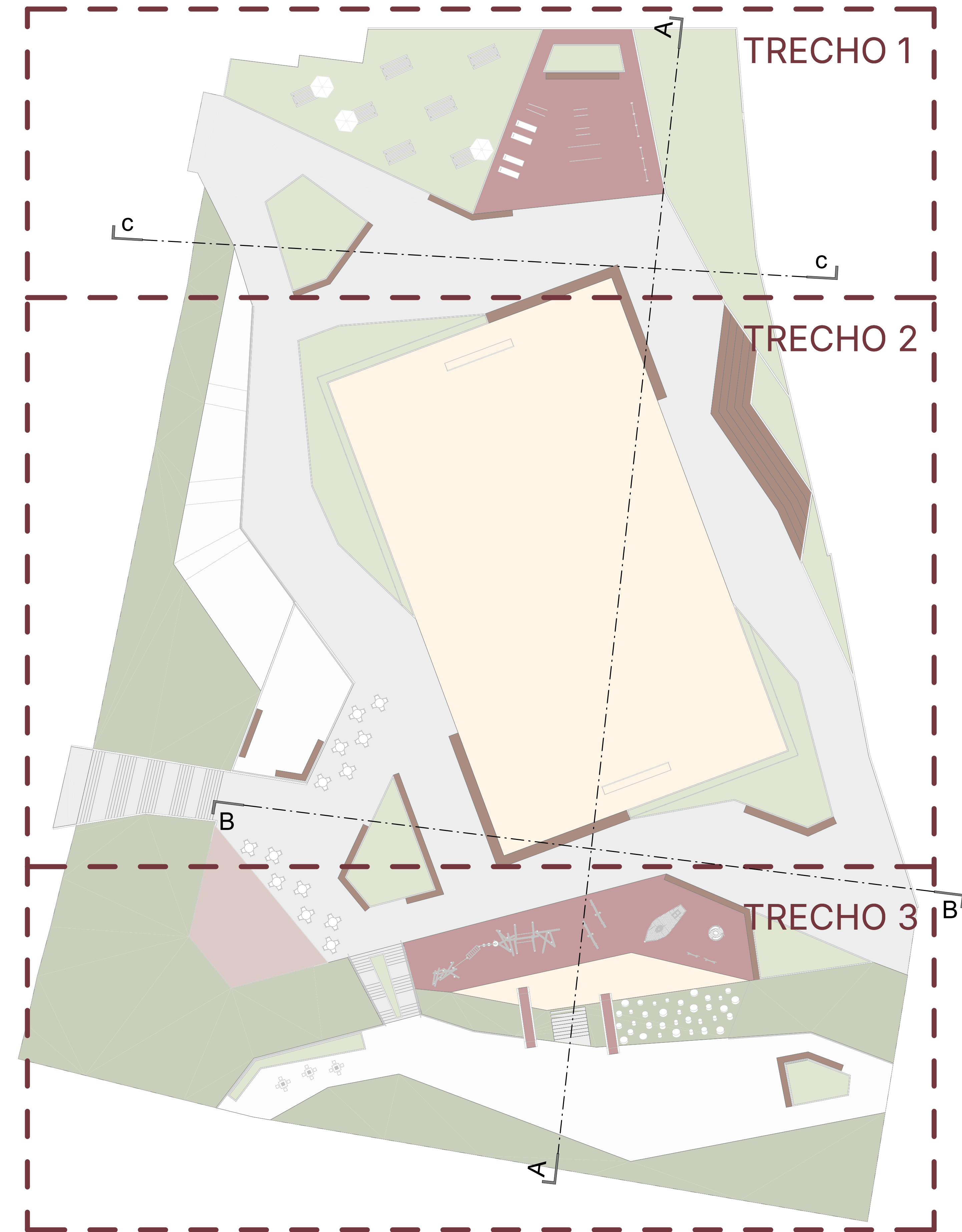
CORTE BB - PRAÇA
ESC: 1:100



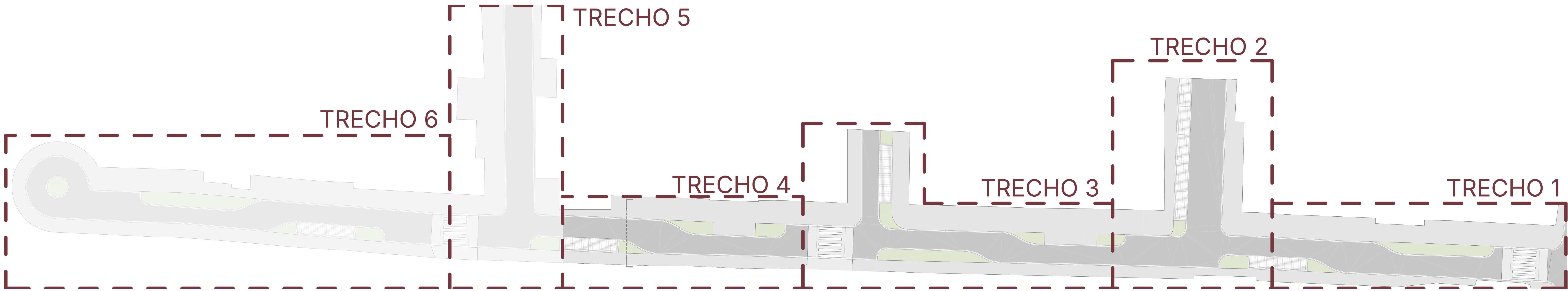
CORTE CC - PRAÇA
ESC: 1:100

LEGENDA

- | | |
|----------------------|--------------------|
| 1. ACADEMIA | 7. ESPAÇO MULTIUSO |
| 2. CAMPO DE PELADA | 8. PIQUENIQUE |
| 3. CANTEIRO | 9. PLAYGROUND |
| 4. BLOCO COMERCIAL 1 | 10. SOLO NATURAL |
| 5. BLOCO COMERCIAL 2 | 11. ARQUIBANCADA |
| 6. EIXO PRINCIPAL | |

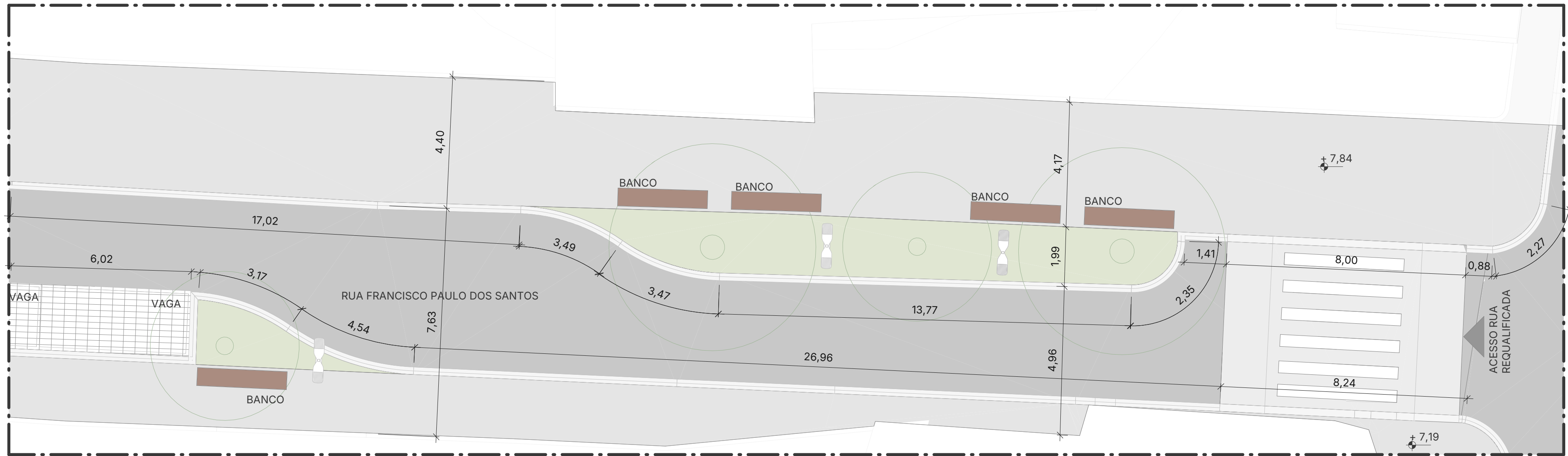


PLANTA CHAVE - PRAÇA
ESC: 1:250

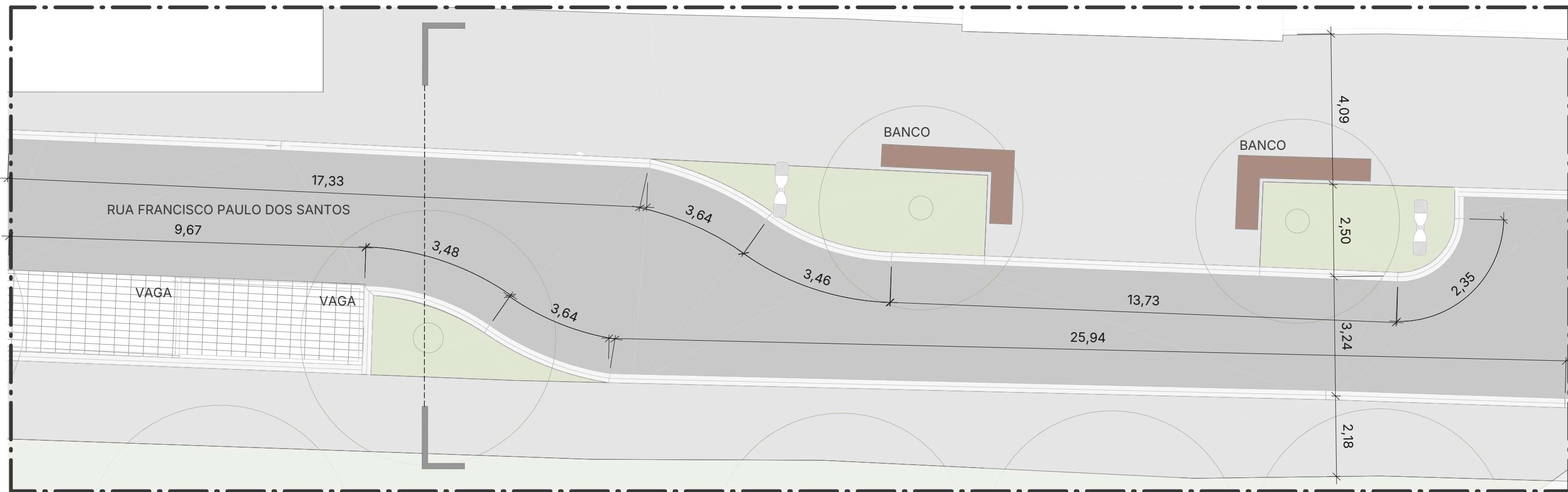


PLANTA CHAVE RUA - TRECHO 1, 2 E 3
ESC:1 : 300

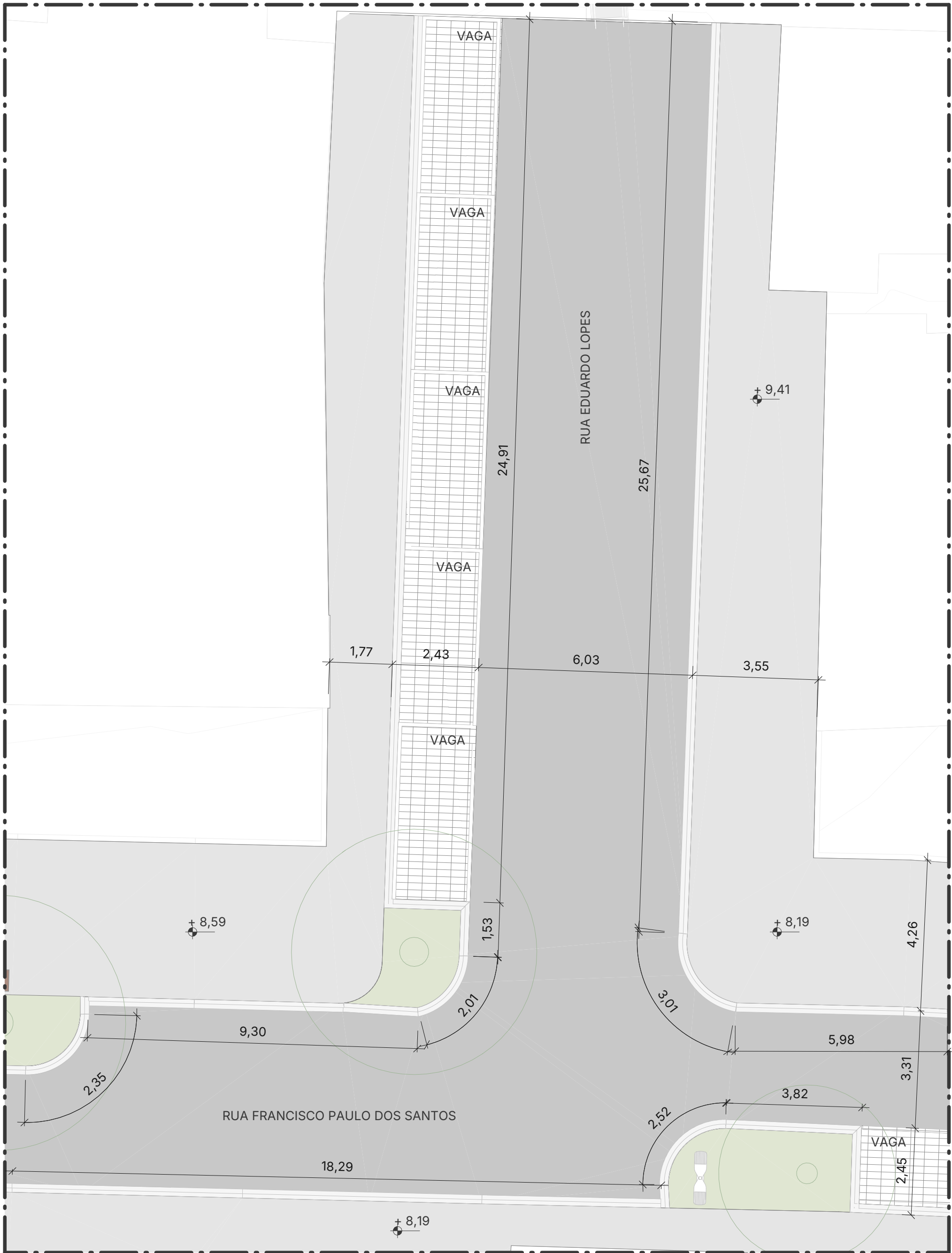
TABELA DE ÁREAS - GERAL	
Nome	Área
PLATÔ 1	68,49 m²
PLATÔ 2	57,27 m²
PRAÇA DO BARREIRÃO	7733,49 m²
RUA PROJETADA	4032,18 m²
TOTAL GERAL	11891,43 m²



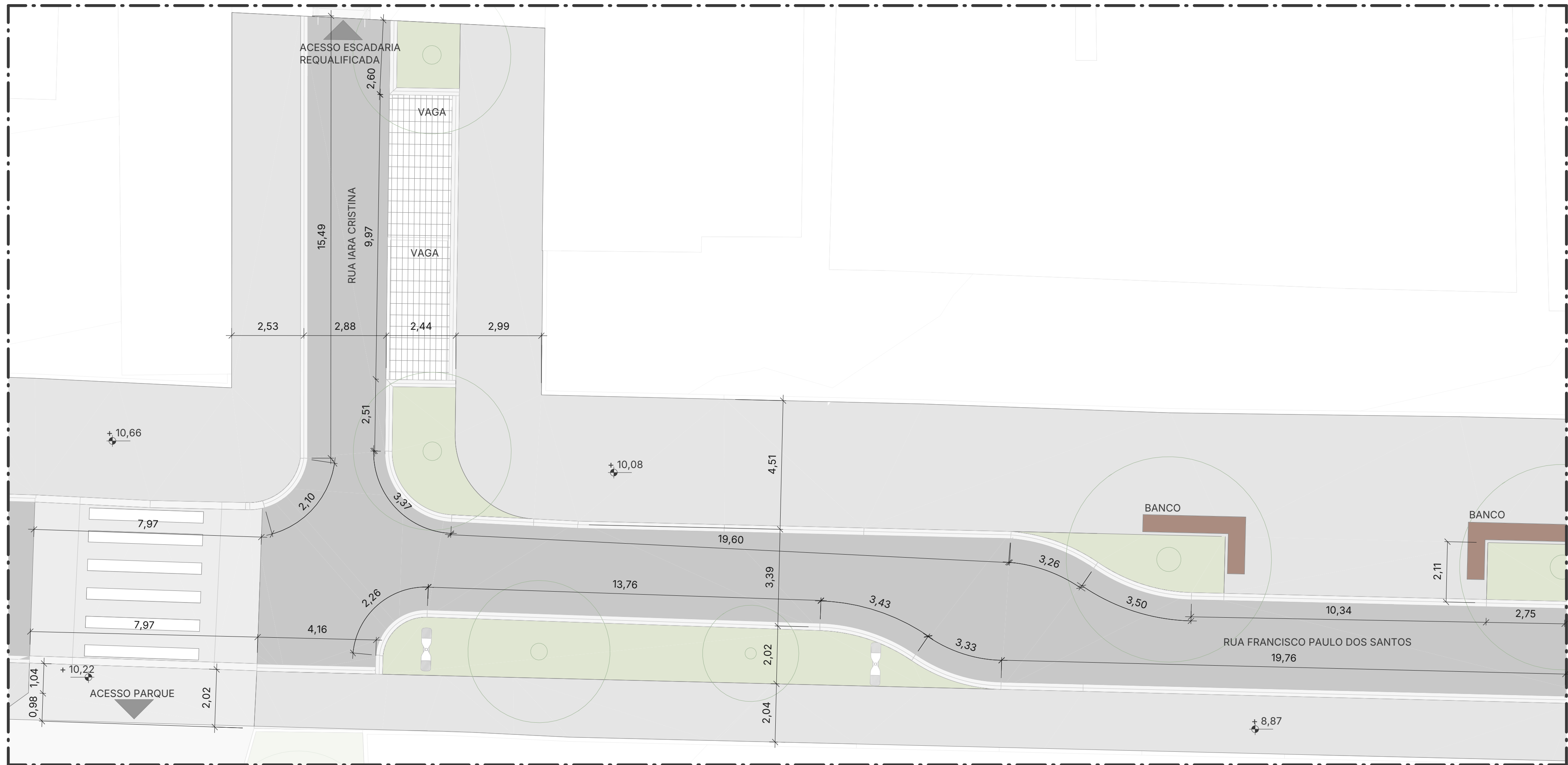
TRECHO 1 - PLANTA BAIXA RUA
ESC: 1 : 100



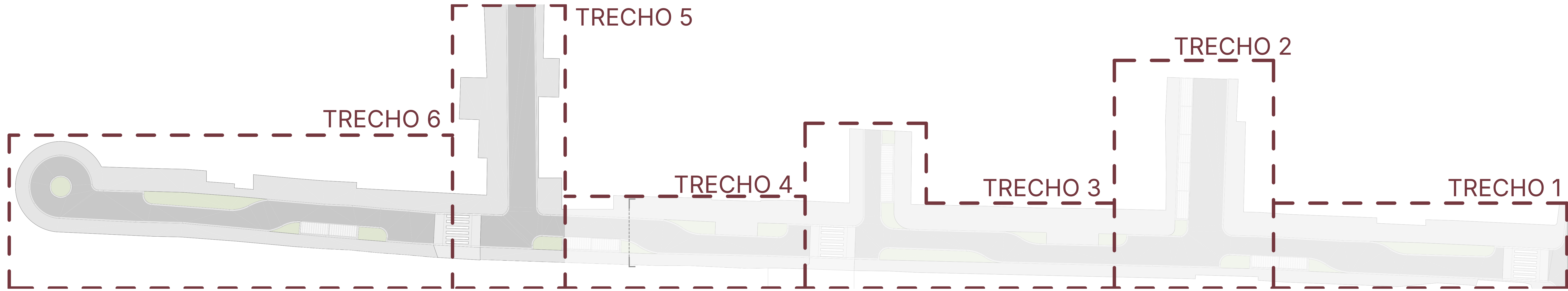
TRECHO 4 - PLANTA BAIXA RUA
ESC: 1 : 100



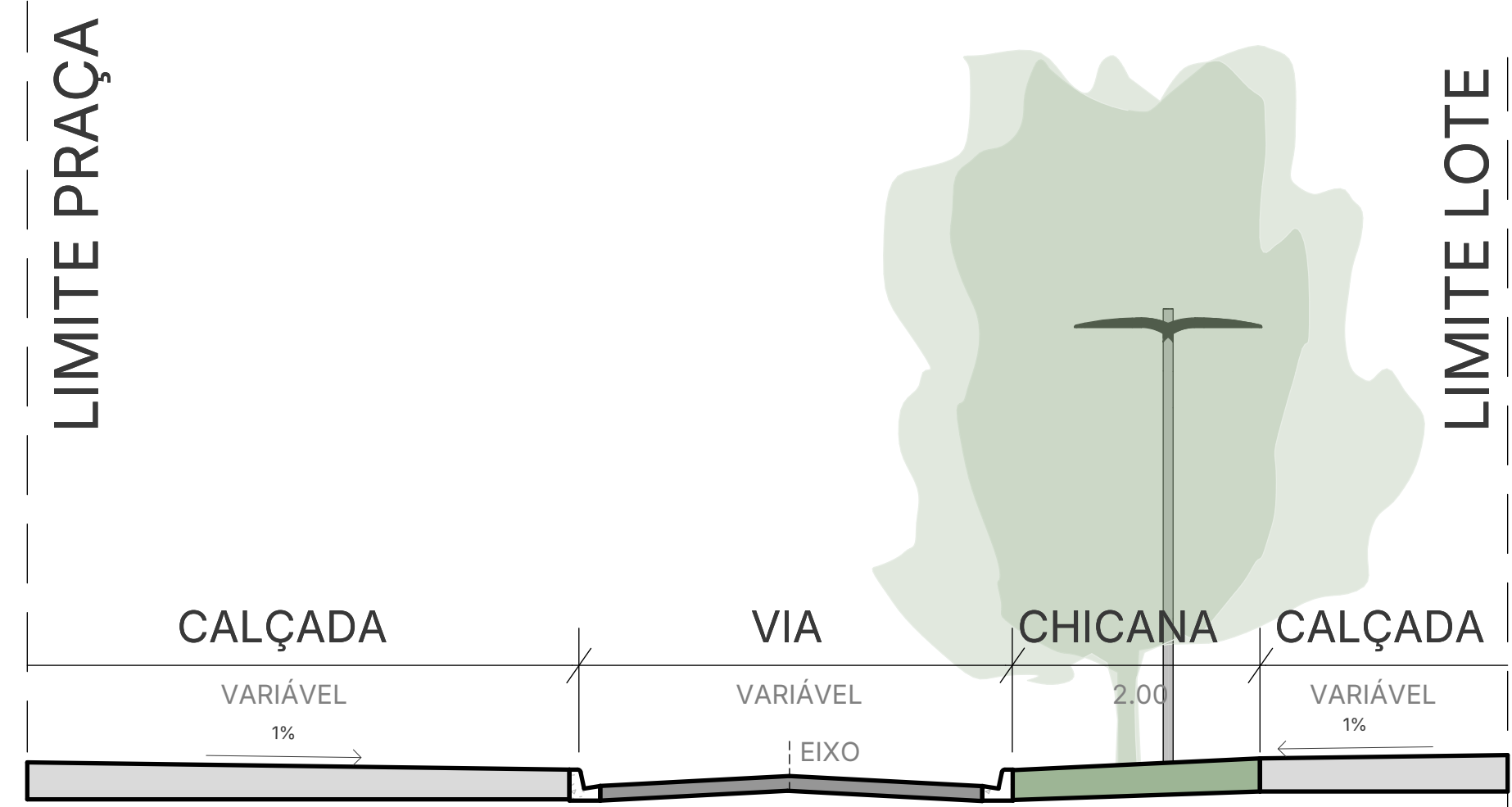
TRECHO 2 - PLANTA BAIXA RUA
ESC: 1 : 100



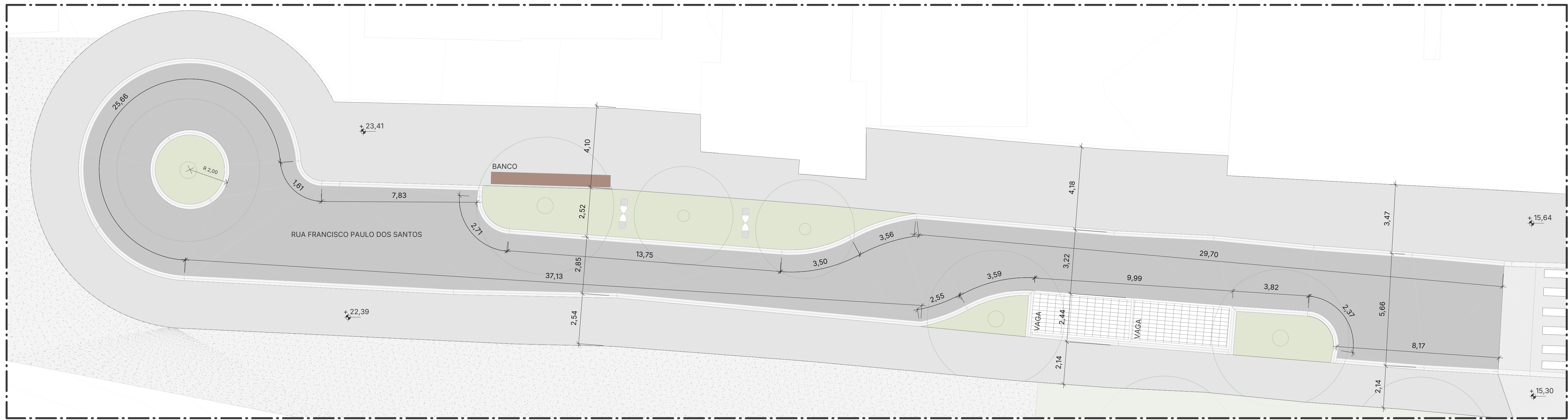
TRECHO 3 - PLANTA BAIXA RUA
ESC: 1 : 100



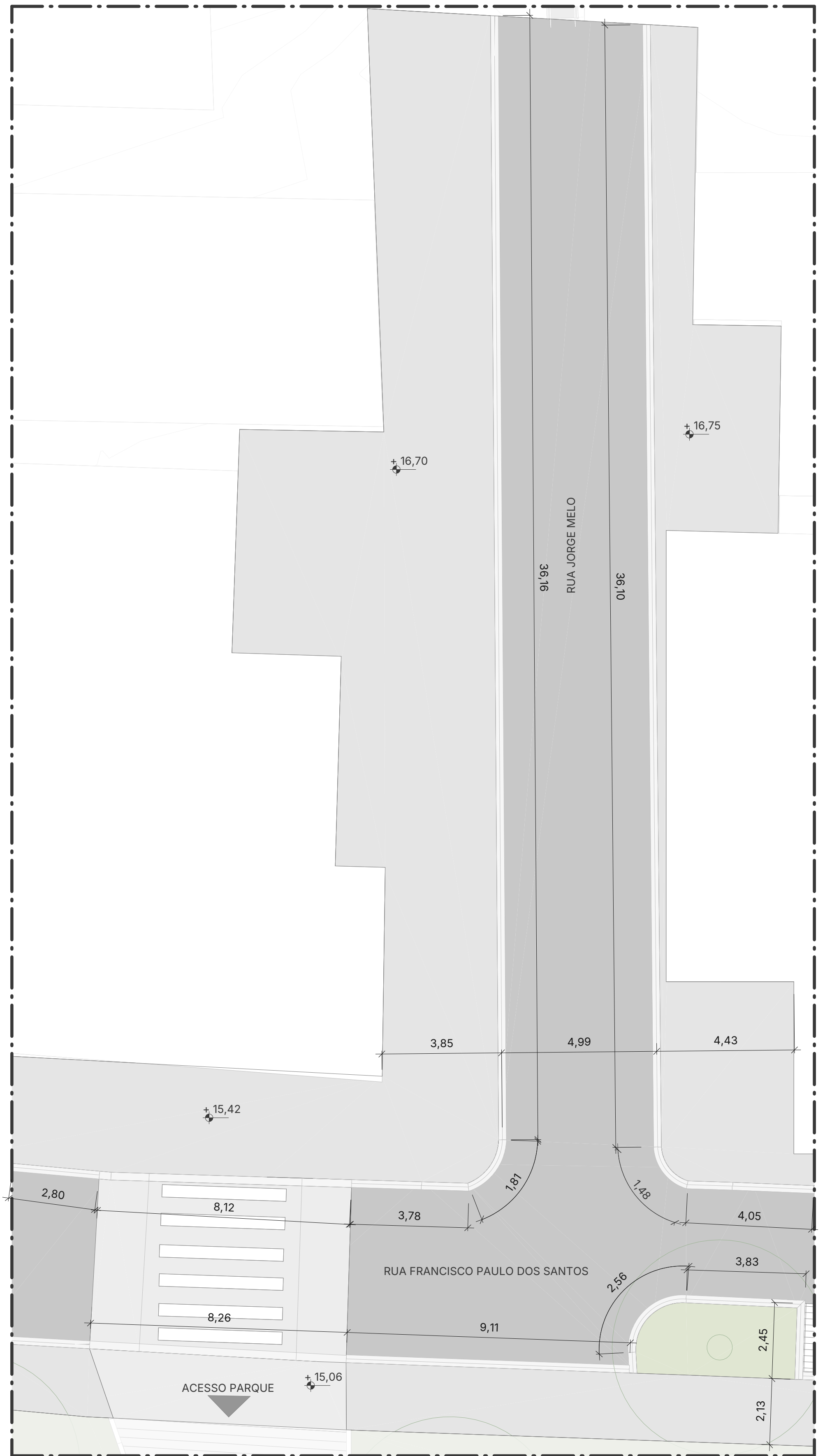
PLANTA CHAVE RUA - TRECHO 4, 5 E 6
ESC:1 : 300



PERFIL DA RUA ESQUEMÁTICO
ESC: 1 : 50



TRECHO 6 - PLANTA BAIXA RUA
ESC: 1 : 100



TRECHO 5 - PLANTA BAIXA RUA
ESC: 1 : 100



1. PLATÔ 1
2. PLATÔ 2

TABELA DE ÁREAS - GERAL	
Nome	Área
PLATÔ 1	68,49 m ²
PLATÔ 2	57,27 m ²
PRAÇA DO BARREIRÃO	7733,49 m ²
RUA PROJETADA	4032,18 m ²
TOTAL GERAL	11891,43 m ²

